

# *Conto de Natal*

BLCS 2019

Compilação de Contos



biblioteca  
LÚCIO  
CRAVEIRO  
DA SILVA



# SUMÁRIO

## Escalão Etário – 8 aos 12 anos

Pseudónimo	Nome do Conto	p.
01 – A Felizarda	Um Conto Mágico	2
02 – Afonsinho	Dedicação	3
03 – Amarelo	Pedro e o Natal	4
04 – António Novais	Natal pelo Fado	6
05 – ARIANA	O mistério de Natal	10
06 – Azul	Um milagre de Natal	13
07 – Branco	Um conto de Natal	17
08 – Calisto	A boa ação de Natal	19
09 – Cinzento	O Jantar de Natal e as Fadas dos Animais	22
10 – Estrela Cintilante	Uma Noite de Natal Especial	24
11 – Gato no ar	Quando Fui Pai Natal	26
12 – Jota	As Voltas da Vida	28
13 – Laranja	Conto de Natal	30
14 – Leninha	Pedro e o Natal	32
15 – Luciana Ferreira	Um Natal diferente	35

16 – Malu M.	Pelo Mundo com o Pai Natal	38
17 – Marco do Natal	O Plano Natalício	40
18 – MCAN	O Melhor Presente de Natal	42
19 – Nita	Um Presente Especial	44
20 – O Sonhador	Um Noite de Natal	46
21 – Paulista	O Natal é Muito Mais que Prendas	48
22 – Preto	A Noite de Natal	50
23 – Princesa de Natal	O Milagre de Natal	53
24 – Rafa	Conto Natalício	55
25 – Robin	Conto de Natal	57
26 – Ruca	O Presente da Verdade	59
27 – Taylor Stars	Uma Pitada de Gengibre para o Natal	61
28 – Tily	A Árvore Mágica	65
29 – Verde	O Meu Conto de Natal	67
30 – Vermelho	O Natal de Maria	69

## Escalão Etário – 13 aos 16 anos

Pseudónimo	Nome do Conto	p.
01 – A.S. PAZ	O Que Faz Brilhar o Natal	72
02 – Catarina Veloso	E se o Natal Começasse Agora	76
03 – João Silva	Uma Amizade Eterna	78

## Escalão Etário – 17 anos em diante

Pseudónimo	Nome do Conto	p.
01 – Beatrice Jones	Glória	82
02 – Igraine	Pê dos olhos grandes	86
03 – Léo	Conto de Natal	90
04 – Manuel Bateira	Natal no purgatório	93
05 – Miguel Porto	O Milagre	96
06 – AP Kituxi	Um Natal Atordoador	100
07 – Queen Bi	Os Cheiros de Natal	102
08 – Ricardo Cruz	Estrelas	105

# **Contos de Natal**

**Faixa Etária dos 8 aos 12 anos**

### Um conto mágico

Num belo dia o Tomás e a Francisca estavam a contar quantos dias faltavam para o Natal. Repararam que só faltavam seis dias e então alegraram-se. Enquanto os dias passavam mais alegres eles ficavam. Até que chegou o dia mais esperado pelos irmãos, o Natal.

Todos os anos eles iam para a casa da bisavó, mas este ano foi diferente, foram para a Serra da Estrela celebrar o natal com a família. No dia anterior eles seguiram viagem e quando estavam quase a chegar ao destino, a Francisca perguntou:

-Pai, será que toda a gente no mundo tem a mesma sorte que nós?

O pai respondeu:

-Não, nem toda a gente tem o dinheiro que tu tens. Há pessoas que nem abrigos têm. Por isso agradece por teres sorte de ter tudo o que necessitas!

Francisca pensativa exclamou:

-Mas então eles não têm um Natal com a família como nós!

Francisca pensou no assunto e, ainda durante a viagem declara o seguinte:

-Este ano, vou ajudar todas as pessoas que conseguir e no fim tenho a certeza que me sentirei muito bem.

Tomás apoiou a Francisca e os dois pediram aos pais para os ajudarem a cumprir aquele desejo. Os pais aceitaram e também apoiaram aquela ideia.

De imediato puseram o plano em ação. Ligaram aos familiares a dizer que naquele Natal não se disponibilizavam para estar com eles.

Felizes e contentes voltaram para trás e tinham como destino andar pelo mundo todo a ajudar pessoas.

No dia 31 de dezembro eles chegaram a casa com uma alegria tão grande no coração que só agradeceram toda a força que lhes deram para ajudar outras pessoas.

A felizarda

## Dedicação

O António era filho único. O pai do António tinha-o deixado quando ele era pequeno. Ele sentia mais essa ausência nos dias de festa ou na escola quando se faziam coisas para o pai. Às vezes queria dizer o que sentia, mas não conseguia.

A mãe do António estava com muitas dificuldades para ganhar a vida, portanto, ajudavam-na com comida, dinheiro e, às vezes, até a renda da casa lhe pagavam. Ela ganhava a vida sendo varredora de ruas.

Com o passar dos anos, o António foi crescendo e, quando já era maior de idade, já ganhava o seu próprio dinheiro. Ele era cozinheiro, mas ganhava muito pouco. Por vezes ficava muito desanimado, mas a mãe ainda lhe dava forças para trabalhar.

O António passou muitos natais a querer dar uma ou duas prendas à mãe como forma de agradecimento por não ter feito o mesmo que o pai, mas ganhava tão pouco!

O António passou muitas dificuldades. Parecia que a vida não lhe sorria. Uma vez foi chamado para trabalhar num talho e, quando ia embora com o seu salário, foi assaltado e obrigado a abdicar de um mês do que merecidamente recebera pelo seu árduo trabalho. Mas ele era lutador e continuou. Quando soube, o patrão, devido ao seu trabalho e dedicação, voltou-lhe a atribuir o salário. Noutra altura, na cozinha cortou-se e queimou-se e teve de ficar um tempo sem trabalhar. Mas nunca desistiu, dedicou-se sempre para ajudar a mãe.

No Natal de 2019, quando já tinha conseguido juntar um dinheirinho, o António comprou duas grandes prendas à mãe: a primeira era uma pulseira que marcava a data de nascimento e os nomes dos pais dela; e a segunda não era um objeto, mas sim uma tatuagem onde dizia o nome da mãe do António e o dele que iriam ficar marcados para sempre.

E assim se passou uma noite de Natal diferente de todas as anteriores, onde o António e a sua mãe puderam ser felizes, um ao lado do outro, resultado do esforço e dedicação do António no seu emprego mesmo quando tudo não estava a correr como ele queria.

Afonsinho

## Pedro e o Natal

Nesta mesa acontecem histórias de encantar sobre o Natal e sempre com alguma coisa para dizer. E, uma delas era sobre um menino chamado Pedro que tinha nove anos. Os cabelos de Pedro eram loiros e encaracolados e tinha olhos azuis. No entanto, ele tinha pouca confiança no Natal pois ouviu dizer dos seus amigos que os pais entregavam os presentes aos filhos porque antes de mandarem as cartas para o “Polo Norte”, liam-nas.

Faltavam três dias para o Natal e como em todos os anos anteriores, a família reunia-se e faziam o amigo secreto. Neste ano, calhou-lhe o seu primo João, que sempre lhe faz muitas partidas. Tinham que começar a arrumar as malas pois iam todos passar o Natal na casa da tia paterna, em Covilhã. Chegaram dois dias antes para mataram as saudades e para aproveitarem este pequeno tempo de férias do Natal.

Começaram a desfazer as malas nos quartos que iam ficar. Depois, contaram novidades da Escola, das suas rotinas, de tudo o que era bom. Enquanto contavam como estava a correr as suas vidas, Quico, seu tio, começou a sentir-se mal. Ficou com uma forte dor de barriga e de cabeça. Foi-se deitar e pouco tempo depois começou a piorar: tremia de frio, ia de cinco em cinco minutos à casa de banho, sendo que começou a tossir e a espirrar muito.

A sua tia e o seu irmão mais velho, de dezasseis anos, foram com ele ao hospital enquanto a mãe do Pedro ficava a tomar conta dele, das suas irmãs, do seu primo e da sua prima. Pouco tempo se passou e descobriram que o seu tio tinha uma intoxicação alimentar. Iria passar o Natal lá no hospital. Chegou a véspera e não teriam três pessoas nesse Natal.

Vieram os primos, os tios e tias, os avós,...chegou a família! Os adultos conversavam, as crianças brincavam e riam...era uma grande festa! Aproximou-se a hora do amigo secreto na família Ribeiro. Estavam todos ansiosos, principalmente o Pedro quando chegou a sua vez de dar o seu presente para o seu primo João. Entregou o presente e ele adorou. Era um avião do *Stars Wars* da edição limitada.

Chegou a sua vez de receber o presente. Era da sua prima Ana. Ela deu-lhe um gorro. Quando o viu, pensou o que iria fazer com ele. Ela disse-lhe que ele era mágico. Pedro não acreditou. Depois de muitos risos e gargalhadas foram todos dormir. As crianças iam dormir juntas, enquanto os adultos dormiam separados uns dos outros.

Quando Pedro acordou, deveria ser uma da manhã. Ouviu alguém a chorar. Desceu as escadas, em bicos de pé e com o máximo silêncio para não escorregar, viu um duende, com um brinquedo nas mãos. Pedro escondeu-se atrás do sofá para ver o que ia acontecer. Do nada, o duende disse: “Pedro pega o gorro e vem comigo pois quebrei seu presente por acidente”.



Impressionado, Pedro pega o gorro e vai ter com o duende. E, de repente, estavam no Polo Norte, na terra do Pai Natal.

Entraram na fábrica de brinquedos, onde estavam muitos duendezinhos a trabalhar. Havia muito barulho! O duende disse para Pedro que ele tinha que falar com o Pai Natal pois se os duendes partissem alguma coisa, não a podiam trazer de volta. Só a pessoa do brinquedo o poderia pedir para o Pai Natal consertar. Pedro aceitou. Entraram na sala onde o Pai Natal estava sentado, com um ar feliz. Pediu com muito jeitinho para o Pai Natal, mesmo a pensar que ele não existia, que consertasse o seu presente de Natal. O Pai Natal não se importou. Disse-lhe que não fazia mal pois cada criança e adulto tem o seu jeito para sonhar, acreditar e imaginar. Pedro pediu-lhe desculpas, que estava muito arrependido e envergonhado.

Pai Natal consertou-lhe o presente e disse-lhe que não fazia mal. O duende voltou para deixar o presente e o Pedro. Imediatamente, ele voltou para a cama. Quando acordou ouviu a voz do seu irmão mais velho. Ele tinha voltado do hospital. Não era só ele: voltou a sua tia e também o seu tio, Quico. O tio do Pedro havia comido alguma coisa que lhe fez mal. Não lhe ocorria alguma nada de grave. Disse ao Pedro que quando pensava na família sentia-se mais forte e melhor.

Pedro tinha-se esquecido de ver o seu presente. Quando o abriu, viu uma pista de carros com oitenta e cinco centímetros, para quatro pessoas. Ficou muito feliz. Mas antes de deitar o papel no ecoponto, viu outra coisa dentro do papel de embrulho. Nesse momento ele pensou que poderia ser um presente duplo.

Quando abriu, achou um envelope e uma estrela cadente pintada de ouro. No envelope, tinha um pequeno pedaço de papel e uma fotografia dele e do Pai Natal. Leu com muita atenção o pedaço de papel que dizia: "Podes não acreditar em mim, mas confio que sabes o que cada pessoa sente. Oh, oh, oh, Feliz Natal". Pedro guardou esse envelope com todo o carinho e confiança.

Esta história foi pensada com amor e com carinho para ensinar que a nossa imaginação e a família vencem os desafios que a vida propõe. Parece que esta aventura vai ficar por aqui, não é mesa? Sem mais demoras, Feliz Natal!

*Amarelo*

## Natal pelo fado

Durante um dia de neve intensa, Dinis e o seu pai encontram-se na Câmara Municipal de Fafe, onde o pai trabalhava. Entraram numa sala onde tudo estava a acontecer, viam-se trabalhadores com diferentes tipos de papelada, empregados nos computadores. Perante tudo isto estava fascinado. O seu pai ordenou-lhe que se sentasse numa cadeira e que lá esperasse por ele. Até que viu o Senhor Presidente que disse:

- Desculpe rapaz – exprimiu o senhor - podes emprestar-me essa cadeira?

- Claro - retorquiu Dinis.

Diante deste pedido, o rapaz foi procurar outra, até chegar perto da arrecadação do edifício onde viu um compartimento abrir-se. Dinis ficou espantado com o que via, tinha encontrado a página rasgada de um velho diário no qual escrito estava:

*“23 de dezembro de 1940, hoje falta pouco para o Natal mas, a minha vida não tem descanso. Na minha visita a esta bela cidade, fui convidada a atuar no seu teatro e claro, aceitei.”*

Dinis fascinado pelo papel, leu e releu mais de 20 vezes, e chegou à conclusão de que se tratava de um enigma. No dia seguinte, na escola, contou aos seus dois melhores amigos o que na tarde anterior tinha acontecido, e convidou-os a resolver este enigma. Eles concordaram e, decidiram encontra-se na velha arcada depois da escola, ao fim do dia. Assim foi, à tarde na arcada leram o texto, à procura de pistas escondidas e chegaram à conclusão:

- É um beco sem saída! - resmungou o Hugo.

- Não, não é! – discordou o Daniel – esta pista revela-nos que temos de ir ao cineteatro, é o único teatro de Fafe.

- Vamos! – respondeu o Dinis.

Pegaram nas bicicletas e foram a toda a velocidade para o teatro. Aos chegarem lá, tinham um problema, não sabiam por onde começar.

- A pista não revela mais nada? - Perguntou Daniel.

- Não! – Afirmou desolado Dinis.

- Esperem! Vejam isto – exclamou o terceiro amigo.

Os rapazes não podiam crer, a autora da página tinha desenhado os ramos de oliveira que os anjos esculpidos por cima da entrada. O que significava que a próxima pista estava perto dos anjos, lá em cima. Felizmente, o edifício estava em obras de restauro, e havia uma porta

aberta para uma escada onde podiam subir. Pediram ao senhor, que lá se encontrava, que os deixassem subir, mas ele furioso recusou.

- Mas porquê? – Interrogou Daniel, indignado.

- É muito perigoso – retorquiu, o porteiro.

- Não somos criancinhas – ripostou Dinis, ofendido.

- Como queiram, mas dentro de instantes vai começar a peça solidária – e resmungou – Xô daqui, tenho mais que fazer!

Ao ouvir estas palavras, o rosto do Hugo brilhou com o seu pensamento. Ele teve uma ideia e então propôs:

- Caro senhor, tenho uma proposta a fazer-lhe.

- Que tipo de proposta? – imaginou o senhor.

- Se eu adivinhar quantas pessoas vão entrar antes da peça começar, deixa-nos subir, se não, vamos embora e não voltamos!

- Está bem, apostamos – desafiou o porteiro.

- Eu aposto zero – declarou sorrindo.

- É o que vamos ver! – Exclamou a sorrir.

- Não compreendeu – riu Hugo – Antes de qualquer peça começar é sempre zero!

Irritado o porteiro deixa-os subir pela escada para que pudessem examinar e procurar a nova pista. Eles subiram e observaram os anjos:

- Está aqui! – Gritou Daniel

- Onde? – interrogaram os dois amigos ao mesmo tempo.

- Nos olhos dos anjos.

Eles carregaram nos olhos, e uma gaveta abriu-se. Lá, o compartimento tinha uma nova página do diário, na qual se podia ler:

*“24 de dezembro de 1940, hoje estava no formoso jardim desta cidade, e encontrei a minha velha amiga Sophia de Mello Breyner Anderson, a qual lhe leu uns bonitos versos. Gostei tanto, que despertou em mim uma vontade de me olhar ao espelho.”*

- Sabem onde é? – Interrogou o Dinis.

- Claro que sei! – Diz Hugo.

- Então, onde é? – pergunta Daniel.

- É no Jardim do Calvário! Mas eu explico pelo caminho, vamos!

Lá forma eles, seguiram para o jardim onde o Hugo lhes explicou tudo:

- É o único jardim da Cidade de Fafe, mas não me lembro de nenhum espelho.

- Mas eu sei – Declarou Daniel – Temos de ir ao “chalet”.

- Vamos então – Incentivou o Dinis.

Chegaram ao “chalet”, e entraram na pequena casa, onde viram um luxoso espelho no hall de entrada decorado com muitas joias. Eles procuraram entre as pedras preciosas a nova pista. Até que repararam numa esmeralda enorme que tinha uma dobradiça. Abriram-na e lá estava a nova pista:

*“25 de Dezembro de 1940, finalmente é Natal, eu como a humilde Amália Rodrigues vou à missa, mas depois, tenho de apanhar o comboio. A Igreja é muita antiga, data de 1237 segunda a inscrição na porta de entrada”*

- Uma igreja muita antiga?! – Exclamou confuso o Hugo.

- Só há uma igreja tão antiga em Fafe – Afirmou o Daniel.

- A Igreja Matriz? – Tentou adivinhar o Dinis.

- Não! - corrigiu o Daniel – A Igreja Românica de Arões!

- Pois, mas..., está a escurecer e amanhã temos escola. É melhor irmos para casa.

Ligaram para os pais e foram para casa. Na escola, no dia seguinte, uma inesperada surpresa os aguardava:

- Estão a divertir-se, enquanto resolvem as pistas – disse sinistramente o seu amigo Francisco ao Dinis.

- Como sabes o que temos feito? – admirou-se o Dinis.

- Tenho andado a seguir-vos – revelou o amigo – Aliás, fui eu que vos dei a primeira pista.

- Como? – Questionou Dinis.

- Eu explico! – O Francisco descreveu e explicou o sucedido “o meu Pai estava a trabalhar num projeto com o Sr. Presidente na arrecadação, até que fui procurar um lugar para me sentar, empurrei uma cadeira, e encontrei uma página de um diário antigo, mas ouvi um barulho que me

assustou e deixei cair a folha. Escondi-me e vi-te a entrar e a pegar nela.” Dinis estava pasmado com o que acontecera e pediu:

- Por favor guarda segredo.

- Está bem, mas, com uma condição! – Impôs Francisco - quero pertencer ao grupo.

O Dinis, como combinado, encontrou-se na Igreja Românica em Arões com os dois amigos e o Francisco, e explicou-lhes o que aconteceu. Eles concordaram em deixar o Francisco entrar para o grupo.

- Por onde começamos? – disse impaciente o Francisco.

- Temos de entrar – continuou o Hugo – Felizmente a porta está aberta!

Os rapazes entraram e fecharam a porta, não estava ninguém, admiraram a beleza interior da Igreja e começaram a busca, até que o novo membro, cansado, encostou-se ao altar e abriu uma gaveta de onde retirou um livro que parecia muito antigo e mostrou-o aos restantes companheiros.

- Finalmente! – vibrou o Dinis – Encontramos o diário que tanto procurávamos!

Os quatro amigos saíram e orgulhos com a descoberta, apressaram-se a ler as últimas páginas: *“25 de Dezembro de 1998, tenho 78 anos e não preciso mais deste velho diário, sou muito famosa mas estranhamente só, e há uma coisa que só a ele consigo contar. Nunca cheguei a apanhar o comboio para Lisboa neste mesmo dia em 1940, sentia-me triste por passar esse Natal só, mas uma humilde família acolheu-me na sua casa, sem saber quem era a triste turista que perdeu o comboio. Festejavam o Natal de uma forma tão alegre que rapidamente me juntei à eles, e a tristeza deu asas a uma alegria imensa! Cantei, dancei, e vivi o verdadeiro espírito Natalício! Estou eternamente grato para esta família que nunca esquecerei, lá para os lados de Arões, Fafe, porque ao sentar-me a mesa deles, senti como se a mesa fosse o mundo inteiro!”*

Fim.

António Novais

### **O mistério do Natal**

Olá! Eu chamo-me Ariana e tenho doze anos. Eu tenho uma história muito interessante para te contar, e tudo se passou quando eu tinha apenas oito anos de idade.

Tudo começou quando eu e os meus pais fomos a Londres, a capital do Reino Unido. No Natal, fomos para um hotel chamado Hotel Liberty. Esse hotel era muito bonito e no telhado tinha uma pista de gelo, que o tornava ainda melhor. Nós fomos para um quarto grande e bonito, que até parecia da realeza. A noite que eu passei não foi muito boa porque só ouvia uma senhora a cantar a noite toda. Acordei mal disposta no dia a seguir, claro. Mas o que achei estranho é que a senhora estava a cantar uma música que parecia estar a descrever um mapa secreto. Contei aos meus pais, mas eles não acreditaram em mim. Disseram que era mais uma das minhas palermices. Eu protestei:

- Mas é verdade!-

- Como é possível? Nós não ouvimos nada. - reponderam os meus pais.

A minha curiosidade era muita e a aquela voz que cantou a mensagem misteriosa, não me saía da cabeça. Por isso, decidi passar à beira do quarto da senhora. Reparei que a porta estava entreaberta e ao passar em frente dela, vi que havia um baú e um mapa pousado em cima da cama. Depois pensei para mim se aquele baú e mapa não tinham a ver com a canção que fala de um mapa secreto. Voltei para o meu quarto de hotel, sem deixar de pensar naquele mistério.

Estava a anoitecer e eu e os meus pais estávamo-nos a preparar para ir jantar e ter com uns tios e primos no centro de Londres. Estava muito ansiosa de ver os meus familiares e principalmente a minha prima que já não via há tanto tempo!

Depois de uma pequena demora no trânsito, já os avistava a todos ao lado do Big Ben. Estavam todos com um sorriso grande e aberto. Notava-se a alegria que se formou neles ao nos avistar. Saí do carro e comecei uma corrida rápida que terminou num longo abraço com a minha querida prima Madalena.

- Finalmente estou contigo novamente! Pensavas mesmo que te ias livrar de mim assim tão cedo? - exclamou ela com um riso feliz. A Madalena sempre foi muito especial para mim, ela é como uma irmã mais velha. Já tivemos muitos bons momentos juntas, mas desde que ela e os meus tios emigraram para o Reino Unido, nunca mais nos vimos. Abracei os meus tios que me apertaram muito e quase me deixaram sem ar. Caminhamos pelas ruas de Londres até ao restaurante. Lá passamos uma noite a contar e relembrar as nossas histórias e aventuras com muitas risotas. Enquanto eu olhava para fora da janela vi algo suspeito a acontecer. Uma luz a brilhar e voar em

torno do relógio de Big Ben. Assustei-me e logo perguntei:

- Vocês estão a ver aquela luzinha em torno do Big Ben?

- Que luz, querida?- perguntou a minha tia Clemente num tom pouco sério – Deve ser qualquer enfeite de natal. Sabes que aqui em Londres decoram muito a cidade. É muito lindo, não achas?

- Muito... - respondi com pouco entusiasmo, sabendo que ninguém tinha visto o que eu vi.

- A Ariana tem uma mente muito fantasiosa! Às vezes até me deixa preocupada, mas deve fazer parte nesta idade.

Ouvi de novo aquela música tão estranha...não sabia de onde vinha, mas reparei que só eu a conseguia ouvir, novamente... O tempo passou e chegou a hora em que nos despedimos todos. Não ia ver mais os meus tios e prima, pelo menos naquele ano. Eles trabalhavam muito e a minha prima ia para um campo de férias.

Quando chegamos a casa, a minha mãe levou-me para a cama e contou-me uma história de Natal. Antes de conseguir adormecer, ouvi outra vez a mulher a cantar, mas desta vez a letra era diferente, mas a melodia igual. Escutei a letra que contava que em Londres havia um portal, e que esse portal secreto ia dar a um sitio mágico, mas que só podia ser aberto através de uma chave especial. Adormeci e sonhei com o Natal.

No dia seguinte, acordei, fui tomar o pequeno-almoço e prepar-me para ir para pista de gelo, que ficava no topo do hotel. Na pista de gelo, escorreguei algumas vezes, mas diverti-me bastante. No entanto, ao meu lado vi a senhora da música do mapa secreto. Chegou um senhor que veio ter com ela. Escutei com atenção a conversa deles:

- Já sei onde está o portal secreto. Encontra-se no London Eye ou no Big Ben, ao lado do rio Tamisa. Tens que continuar a cantar a letra do mapa secreto, a ver se a luz aparece mais forte, aos nossos olhos.- falou ele discretamente com uma voz rouca. A mulher apenas assentiu.

Tudo começou a fazer sentido para mim e afinal não era apenas a minha mente que estava a inventar tudo, como a minha mãe afirmava. A única coisa que queria saber, era: Porquê isto tudo?

Depois de ouvir aquela conversa, perguntei aos meus pais se podíamos ir ao Big Ben e ao London Eye. Eles responderam que poderíamos ir no dia seguinte, mas que depois tínhamos de voltar para o nosso quarto.

No dia seguinte, fomos ao Big Ben e encontrei lá a senhora da música e o referido senhor. Passei por trás deles e escutei de novo a conversa. Afirmaram que tinham de descobrir rapidamente o portal, pois estavam a ficar sem tempo. Se não descobrissem a luz e o portal o seu chefe iria despedi-los. O seu chefe tinha como intenção descobrir o portal , para destruir o Natal para sempre.

Fiquei incrédula. Finalmente, tinha descoberto a razão disto tudo...É bem pior do que eu

pensava.

Rápidamente os meus olhos passaram sobre a bolsa da senhora. Havia um objeto de madeira em vista. Percebi que era o baú e com muita cautela tirei-lho. Ambos estavam tão concentrados na sua conversa, que nem se aperceberam do que tinha acabado de acontecer.

Fui ter com os meus pais, escondendo o baú, e disse-lhes que ia só à casa de banho. Quando entrei no Big Ben abri o baú e dei-me de conta que continha uma chave. De repente, apareceu aquela luz que tinha observado no outro dia. Sabia o significado e importância dela. A luz levou-me a umas escadas estreitas que me levaram ao topo do relógio. Havia mais uma porta, desta vez pequenina e estreita. Peguei na chave e meti-a na fechadura. Coube perfeitamente! De repente, fui sugada por um portal, que me levou ao próprio Pai Natal! Encontrava-me numa sala quente, que cheirava a doces de Natal. Vi o Pai Natal e expliquei-lhe tudo.

- Eu já sabia, minha querida. Tu foste eleita para tudo isto e foste tu que conseguiste salvar o Natal. Eu estava aqui em cativeiro. Precisava de alguém que me libertasse! E cá estás! - contou-me ele com um ar agradecido.

- Eu... Nem sabia o que responder.

- Não me precisas de dizer nada, menina. Serás recompensada por isto tudo. - disse ele.

De seguida, deu-me um grande abraço.

Encontrava-me, agora, novamente no Big Ben. Quando olhei à minha volta, vi os meus pais. Fui ter com eles e contente disse-lhes:

- Vamos?

- Estás muito contente! Claro que sim, filha. - falou o meu pai.

Era finalmente Natal! Acordei e vi os meus pais já à minha espera. Dei-lhes um beijo e disse:

- Feliz Natal para vocês!

- Feliz Natal para ti, Filha - disseram os meus pais em uma só voz.

- Olha o que o Pai Natal te deixou! - afirmou a minha mãe.

Vi um monte gigante de prendas! Nem queria acreditar! Mas o melhor presente era poder estar com a minha família e poder passar este dia mágico com eles.

FELIZ NATAL PARA TODOS,  
ARIANA



## Um milagre de Natal

Era uma vez uma menina chamada Catarina. Ela era muito bonita, tinha olhos azuis como o oceano e um tom de cabelo dourado como as estrelas. A Catarina tinha 10 anos e a sua família era milionária, tinha uma casa enorme com uma piscina e um belo jardim cheio de maravilhosas flores. Apesar disso ela não era muito boa pessoa, pois nunca queria brincar com ninguém, achava que era melhor do que os outros e como já tinha tudo o que queria, dizia não precisar de amigos para ser feliz. Embora ela tivesse bastante dinheiro, os seus pais quiseram que ela fosse para uma escola pública, para aprender a conviver e partilhar com os outros. Ela não gostava muito da ideia, mas lá ia ela, todos os dias, zangada para a escola.

Era dezembro, e a escola que Catarina frequentava, queria organizar um jantar solidário de Natal, ou seja, reunir todos os alunos da escola e crianças de algumas instituições para terem um verdadeiro jantar de Natal, com prendas e para se sentirem em família.

Todos adoraram a ideia e contribuíram com algumas sugestões. Todos, exceto a Catarina. Ela detestou a ideia e disse aos colegas:

-Nem pensem que vou jantar com um bando de crianças pobres, eu recuso-me!!! Não contem comigo!

Todos os colegas ficaram muito desiludidos com a atitude da Catarina. Não percebiam porque é que ela, que tinha tudo, não queria partilhar a sua vida e os seus sentimentos com os outros meninos.

Os seus pais, ao saberem dela, ficaram bastante chateados e obrigaram-na a ir ao jantar.

O jantar ficou marcado para o dia 16 de dezembro. Durante os dias que antecederam o jantar, os meninos da escola ajudaram os professores e os funcionários a preparar o pavilhão desportivo. Levaram mesas e cadeiras de algumas salas, e os pais, incluindo os da Catarina, trouxeram toalhas e arranjos natalícios. Todos queriam contribuir para um Natal diferente para aqueles meninos.

O dia mais aguardado chegou. Estava frio e todos queriam aquecer os pequenos corações, cheios de esperança, dos meninos das instituições.

Quando a Catarina chegou ao pavilhão ficou espantada! Não havia árvore de Natal, presentes, nem comida. Então, decidiu questionar uma funcionária da escola sobre o que se passava:

-Porque é que está tudo vazio e as mesas não têm nada para comer? Isto não era para ser um jantar? - E a funcionária respondeu:

-Quando os meninos das instituições chegarem e se sentarem à mesa, vais ver como tudo muda! Os teus colegas foram recebê-los à entrada da escola, e tu devias ir também.

Passado alguns minutos, começaram a chegar todos os meninos. Todos se sentaram, e ao lado da Catarina ficou um menino chamado Rafael. O Rafael era órfão, tinha 9 anos e estava

numa instituição desde os 5 anos. Tinha um cabelo ruivo e encaracolado, pele clara e no seu rosto brilhavam umas lindas sardas. Ele disse à Catarina que gostava muito do Natal, apesar de não ter família. O que ele mais queria era conhecer o Pai Natal!

- Ah, como eu gostava de conhecer o Pai Natal! Sabes, quando leio livros sobre o Natal, imagino sempre como seria se um dia pudesse estar frente a frente com aquele barrigudinho de barbas brancas!

A Catarina, que estava ali contrariada, olhou para o Rafael com um ar frio, e disse:

- Olha, eu acho melhor não sonhares com isso...

O menino ficou um pouco desiludido... achou estranho que ela não partilhasse da mesma vontade dele, pois era um sonho de todas as crianças.

Entretanto, como que por magia, as cadeiras começaram a flutuar. Apenas a cadeira da Catarina se manteve imóvel. O mais estranho de tudo é que as cadeiras levaram os meninos até ao Polo Norte e aterraram mesmo em frente à casa do Pai Natal.

Os miúdos nem queriam acreditar! Estavam tão felizes, o seu sonho estava finalmente a concretizar-se!

Foi então que o Rafael reparou que faltava a Catarina e começou a perguntar por ela aos duendes que ajudam o Pai Natal.

No pavilhão da escola, a Catarina continuava sentada na sua cadeira, sem compreender o que se passava.

No Polo Norte, os duendes disseram ao ingénuo Rafael que a Catarina era uma menina um pouco diferente:

- Sabes pequenito, nem sempre as pessoas são como nós imaginamos! Como a Catarina é muito rica, acha que é superior aos outros e ainda por cima, é pouco solidária. Nem sequer se mostrou desejosa de conhecer o Pai Natal tal como vocês.

- A sério? Como é possível uma menina tão bonita ser assim?- disse o menino surpreendido.

O pequeno homenzinho explicou-lhe que quando não temos beleza interior, a exterior não vale de nada! O Rafael refletiu e agradeceu ao duende.

De repente, daquela casa gigante e encarnada sai um homem muito gordinho, com uma barba branca e trazia ao ombro um saco cheio de presentes.

-É o Pai Natal! - exclamaram em coro, todos os meninos, cheios de emoção.

Ficaram todos de boca aberta. Era um sonho tornado realidade!

- HO, HO, HO! Então meus pequenitos o que vão querer para este Natal? – questionou o gordinho do Natal, ansioso para saber os desejos dos pequenos sonhadores.

Todas as crianças pediram bens materiais, como bonecas, bolas de futebol, etc... Mas houve um pedido diferente de todos eles, que foi o do Rafael. Este pedido era especial, pois era sobre a Catarina.

- Pai Natal, o meu pedido é sobre a Catarina! Como sabes a tua magia do Natal não a trouxe até cá...percebo que estejas triste com ela.

- Pois... a Catarina tem sido um pouco rebelde! Mas diz lá meu querido, qual é o teu desejo?

- Queria que ela fosse minha amiga! Acho que com a minha amizade posso ajudar a que ela seja uma pessoa mais simpática, uma menina que respeite os outros e que não pense que os bens materiais fazem de nós melhores do que os outros.

- Esse é um pedido muito especial...daqueles que não tenho aqui no saco!

- Mas achas que consegues? Gostava mesmo muito! Desculpa se te vai dar muito trabalho...sei que tens o tempo muito ocupado.

- Não te preocupes meu rapaz, com uns pozinhos mágicos cintilantes e com a tua ajuda tudo se consegue!

Então os dois pensaram...

- E que tal se fosses lá à escola!?! Tenho a certeza que ela vai mudar a sua atitude! – disse o pequeno Rafael.

- HO,HO, HO! Mas que bela ideia! Vamos lá!

E com estas palavras e com a ajuda de uns pozinhos prateados, os meninos começaram a flutuar, mas desta vez aterraram no pavilhão desportivo da escola.

A Catarina continuava com um ar de zangada, mas quando viu o Pai Natal, os seus olhos encheram-se de água. Sim, a Catarina estava a chorar!

Todos que lá estavam ficaram muito admirados. Nunca tinham visto a Catarina a chorar. Afinal, a Catarina sonhava em algum dia conhecer o Pai Natal mas não queria dizer, pois queria manter-se orgulhosa e queria continuar a dizer que não precisava nem queria sonhar. Mas, naquele dia, ela revelou ter um bom coração e que não precisava da magia do Pai Natal para ser melhor. A Catarina percebeu que tinha muito para aprender com as pessoas que a rodeavam e disse:

- Obrigada pelo que fizeram por mim...desculpem por achar que só por ser rica era melhor do que vocês. E tu Rafael, és mesmo uma pessoa muito especial!

O Rafael ficou muito feliz e o seu melhor presente foi mesmo conseguir tornar a Catarina uma pessoa diferente...bonita por fora e por dentro!

- Pai Natal, afinal não foi preciso usares a tua magia...parece que foi um milagre de Natal! – disse o pequeno ao Pai Natal.

- Rafael, ainda és pequenino para saberes, mas na maioria das vezes nós somos os responsáveis pelos milagres que acontecem connosco...os verdadeiros milagres estão dentro de nós...só que às vezes não sabemos disso! – respondeu o Pai Natal enquanto passava as mãos pela cabeça do Rafael.

- Obrigado Pai Nata!

- Feliz Natal meninos!

HO, HO, HO...

*Azul*

## Um Conto de Natal

Era uma vez uma aldeia numa noite muito escura. E algo muito estranho aconteceu. Os presentes de Natal estavam a ser roubados das casas.

A polícia disse para não saírem de casa e para trancarem as portas e as janelas, mas havia um menino chamado António que era muito curioso e decidiu tentar ajudar a polícia a encontrar quem está a fazer isto e porquê.

O António saiu de casa discretamente e foi parar a uma floresta. Andou, andou, andou pela floresta fora até que acabou por se perder. E quando isso aconteceu ele escutou um barulho e isso deixou-o com medo. Ele olhou e olhou para todos os lados e depois viu o seu cão e disse: - Oh! Amiguinho! Não devias estar aqui, por favor, volta para casa! - Disse o António. Só que o cão dele não queria ir para casa e estavam os dois perdidos. Os dois continuaram a andar para ver se encontravam a saída da floresta e foi quando encontraram uma gruta. Quando o António viu a gruta disse:

- Que estranho! Porque é que tem uma gruta aqui no meio da floresta? – Disse o António com uma voz muito estranha.

E depois disse:

- Amiguinho, achas que devemos entrar nesta gruta?

Então, assim como os dois estavam perdidos entraram na caverna e o António investigou este caso dos presentes roubados porque não queria que os seus presentes desaparecessem. Quando chegaram ao fim da gruta eles encontraram os presentes e um ladrão, quando os viram o António disse:

- Amiguinho e agora! O que é que fazemos? Se aquele ladrão nos vir vai-nos tentar apanhar por favor fica em silêncio para ele não nos ver!

Ele estava muito preocupado pois não sabia o que devia fazer, então pensou, pensou, pensou e depois teve uma ideia e disse:

- Vamos montar uma armadilha na entrada da gruta.

Eles escavaram, escavaram e depois cobriram o buraco com muitas folhas e o António disse:

- Esta armadilha está muito boa, tenho quase 100% de certeza que ele vai cair.

Depois de esperar muito ele ficou impaciente e disse ao seu cão para chamar a atenção do ladrão.

- Oh! Amiguinho! Vai lá chamar a atenção do ladrão para ele cair na nossa armadilha!

O cão não queria ir para dentro da gruta, mas ele estava desesperado para atrair o ladrão, pois ele, o ladrão, estava louco por abrir todos os presentes e por isso não queria sair da gruta. Mas ele pensou numa coisa, pegou num pau e atirou para dentro da caverna. E o cão foi a correr buscar o pau e logo o ladrão encontrou-o e disse:

- Como é que viste para aqui? – Disse o ladrão

Então o cão conduziu o ladrão até à entrada da gruta e quando ele saiu cai na armadilha. E o António disse:

- Ah! Ah! Cais-te na nossa armadilha!

E o ladrão disse:

- Mas o que é que significa isto? – Disse o ladrão admirado.

- É para aprenderes a não roubares os presentes das outras pessoas!

E então os dois foram rapidamente chamar a polícia, só que eles já estavam na floresta e encontraram a gruta e disseram:

- Oh! Miúdo o que é que estás aqui a fazer?

- Nós apanhamos o ladrão! Era ele que estava a roubar tudo!

Foi então que o António mostrou todos os presentes que ele roubou. Depois o ladrão foi preso e os polícias disseram:

- Agora que este ladrão foi preso, podes-nos ajudar sempre que quiseres.

E viveram felizes para sempre.

Branco

## A boa ação de Natal

Era uma vez uma menina chamada Ema. Seus pais eram muito, muito pobres e abandonaram-na quando tinha seis anos. Ema vivia do pouco que as pessoas que passavam na rua lhe davam. Parecia que as pessoas olhavam para ela com desprezo!

Era época natalícia e Ema via as pessoas na rua a passar com efeitos, árvores de Natal, comida e muitos presentes. Ema via as famílias contentes a passar. Ficava triste, claro, lembrava-se do que os seus pais lhe tinham feito. Mas também se recordava que a sua querida mãe e o seu adorado pai trabalhavam todos os dias, arduamente, sem parar, mas nunca conseguiam dar-lhe algo e compreendia que os pais só a tinham abandonado devido às suas condições de vida.

Uma noite, uma menina de seu nome Joana e sua mãe passaram por Ema na rua. Carregavam muita comida e vários presentes. Ao passarem por Ema, toda suja, dormindo no chão, ao frio, esquelética, pois não tinha que comer, ficaram com muita pena dela. De repente, na cabeça das duas fez-se luz! Tiveram uma ideia fantástica!

Passaram três dias...

-É Natal! É Natal! – Gritava Joana toda contente ao lembrar-se desta data maravilhosa e da boa ação que iam praticar.

Joana desceu as escadas a correr e disse à sua mãe:

- Mãe! Mãe! Sabes que dia é hoje?

- Claro que sim! - Respondeu a mãe - Como poderia eu esquecer-me? Hoje é Natal!

- Tens o jantar pronto? Convidaste toda a família? Tens tudo preparado para a nossa boa ação?

- Calma, Joana. Uma coisa de cada vez! O jantar está quase, quase pronto, toda a nossa querida família confirmou que vinha e temos de preparar a nossa boa ação.

- Ótimo! Vamos já começar!

Joana e a mãe vestiram-se e saíram de casa. Foram comprar comida como: bolachas, leite, alguns legumes e alguma fruta, cereais e iogurtes e ainda alguma roupa: camisolas quentinhas, calças, gorros, umas pantufas e mantas.

Quando acabaram foram para casa. Colocaram a comida em sacas recicláveis e embrulharam a roupa em caixas presente. Joana ficou muito contente com o que estavam a fazer para ajudar Ema, mas sentia que faltava algo para além daquela roupa e daquela comida toda. Resolveu, então, ir ao seu quarto e retirar da sua carteira algum dinheiro para colocar juntamente com a roupa, para que Ema conseguisse comprar alguma coisa mais que precisasse ou que gostaria de ter.

Chegara a noite e também a hora de praticarem a boa ação. Um pouco antes do jantar, Joana e a sua mãe foram ao encontro de Ema para lhe entregarem a sua prenda. Deparam-se com Ema a chorar lembrando-se dos poucos natais que passara com os seus pais.

Quando Ema viu Joana e sua mãe a aproximarem-se dela, ficou com receio do que elas lhe pudessem fazer.

- Como te chamas? – Perguntou a mãe de Joana.

- Ema – Respondendo com algum receio.

- Que nome lindo! – Elogiou-a a Joana e acrescentou – Moras na rua? Com quem?

- Moro na rua, sim, mas moro sozinha.

- Como é viver na rua? – Perguntou Joana muito intrigada. Deve ser muito difícil, não ter o que comer nem onde morar!

- Pois sim, é difícil. – Respondeu Ema - Mas ainda é mais difícil ver o olhar das pessoas para comigo. Ou se riem, ou sentem pena, ou até nem fazem caso. Se estivessem nas condições em que me encontro, de certeza absoluta que iriam adorar que alguém passasse na rua, parasse, olhasse para ela, perguntasse se está bem e lhe desse ou comida ou um pouco de dinheiro!

- Felizmente para ti, nós reparamos nas tuas condições. Pelo menos não vais passar frio nem fome durante uns tempos! Decidimos trazer-te isto.

Quando Ema viu aquilo tudo, veio-lhe um sorriso enorme! Parecia que lhe tinha saído o euro milhões!

- Isto... isto tudo é para mim? – Perguntou ela, ainda cheia de dúvidas.

- Sim, este é o nosso presente de Natal! – Respondeu Joana com uma voz de felicidade – Achamos que precisavas de roupa, comida e se reparares, no fundo da caixa da roupa tem um dinheirinho para comprares algo se precisares.

- Obrigada, muito obrigada! Nem sei como vos agradecer!

- Um obrigado e o teu sorriso bastam! Se quiseses vir jantar connosco ficaríamos muito felizes!

- Muito obrigada. Irei, claro!

Foram as três para casa e Ema ficou espantada (pela positiva) com a casa de Joana. Achava que a casa era enorme, mas era uma simples casa, mas aos olhos de Ema era incrível! Joana indicou-lhe a casa de banho e Ema vestiu a roupa que tinha recebido, enquanto a outra roupa estava a lavar.

No fim do jantar, como já era muito tarde, decidiram que Ema iria ficar lá a dormir.

No dia seguinte, agradeceu e ainda comentou:

- A cama é muito confortável, nunca tinha dormido tão bem! Espero não ter causado nenhum transtorno! Nunca vos esquecerei! Obrigada por tudo o que fizeram por mim!

- Que bom que gostaste! Espero que a comida tenha estado do teu agrado! Volta sempre!



Ema virou costas e colocou um enorme sorriso. Estava-lhes eternamente grata!

CALISTO

## “O Jantar de Natal e a Fada dos Animais”

Era dia vinte e quatro de dezembro, dia de Natal e a Lara acordou ansiosa porque ia jantar com a família toda.

Mal acordou foi a correr ter com os seus pais para saber se precisavam de ajuda para a ceia de Natal e se era preciso comprar algo. Ela queria que a noite fosse única e especial, ainda mais do que nos anos anteriores.

O tempo passou a correr e, quando a Lara se apercebeu, já tinha anoitecido e estava na hora de preparar a mesa de Natal.

Entretanto a tarde passou, a mãe chegou das compras e, afinal, não só a Avó Judite e o Avô José vinham para o jantar, como também vinham os tios e os primos de Luxemburgo que estavam em Portugal a passar férias. Mas, a família de Luxemburgo não veio sozinha: trouxeram o seu animal de estimação, o seu cão Riscas.

Oh, e agora? O que havia a Lara de fazer para que o natal fosse tão especial para a família como para o Riscas? Afinal, o Riscas também merecia um jantar de natal único e especial.

Enquanto os pais preparavam a mesa de natal, a Lara foi à garagem procurar uma solução para o Riscas e, pelo caminho, ia a desejar que a fada dos animais, de que tanto ouve falar, realmente existisse para a ajudar naquele momento.

Quando chegou a garagem, começou a ouvir um barulho estranho e, de repente, para seu espanto, aparece a fada dos animais. A felicidade foi tanta que rápido explicou a situação e ambas começaram a procurar soluções. Conseguiram arranjar uma taça grande para a comida, uma taça para a bebida, uma almofada quentinha e um laço vermelho.

Ambas fizeram uma equipa incrível naquele dia! A fada dos animais desejava que todos os humanos tivessem um coração gigante como o da Lara.

Quando a família de Luxemburgo chegou, estavam muito animados e entusiasmados, mas o Riscas estava assustado por ver tanta gente nova e por estar num sítio novo e diferente do habitual.

A Lara foi cumprimentar os tios e os primos que já não via há muito tempo e aproximou-se dos Riscas, fazendo-lhe uma festinha no focinho e dizendo-lhe baixinho que vai ser um natal muito divertido e que a fada dos animais a ajudou. O Riscas, mal ouviu o nome da fada dos animais, o seu humor mudou e a sua cauda começou a abanar energeticamente, porque os animais, melhor do que ninguém, sabiam da existência da fada que tanto ajuda os animais quando eles mais precisam, em todos os momentos.

A fada raramente surgia a humanos, a não ser que tivessem um coração gigante... Por isso que nem toda gente sabia da sua existência, mas a fada gostava de se dar a conhecer a

mais gente, pois isso seria bom sinal, sinal de que a humanidade estava a desenvolver o seu coração e a torná-lo do tamanho do mundo.

Quando estavam todos reunidos na mesa, já prontos para jantar, estavam todos a conversar muito animados. Quando a Lara olhou para a mesa, sentiu borboletas na barriga: tudo correu bem. Ela adorava ver as pessoas reunidas e a sorrir, principalmente nesta época do natal.

A Lara só desejava que naquela mesa coubesse toda gente do mundo, todas elas felizes e com um sorriso, comida e companhia. Mas naquela noite, ela fez tudo o que estava ao seu alcance.

À mesa, à sua frente estava o pai, do lado esquerdo da mesa a mãe, a avó e o avô, do lado direito da mesa os tios e os primos. No meio dos pensamentos e devaneios da Lara, os tios de Luxemburgo olharam para o chão e repararam que o Riscas lá estava, com o seu manjar de natal, com uma almofada quentinha para se deitar e com um osso gigante embrulhado com um laço vermelho!

A felicidade do Riscas era tal que deixou todos orgulhosos do que a Lara fez. De repente, parecia que naquela mesa de natal cabia toda a gente do mundo, com tanto amor e ajuda.

Tudo correu maravilhosamente bem, o jantar foi ainda mais especial, com a presença de pessoas especiais, felizes e uma fada orgulhosa, desejosa de que, em breve, pudesse apresentar-se a mais humanos como a Lara.

E sim, afinal aquela foi uma noite ainda mais especial do que a Lara tinha planeado. Afinal de contas, para além de uma noite única e especial, a fadas dos animais existia...

### Uma noite de Natal especial

Era noite de Natal e a Maria, o Pedro, a Clara e o Henrique estavam a brincar na neve, perto de casa, quando viram duas crianças, que estavam sozinhas com muito frio e fome. Ambas tinham as roupas rasgadas e estavam muito sujas, por isso, a Maria, o Pedro a Clara e o Henrique ficaram com muita pena delas, pensando que eram mendigos.

De repente, a Maria teve uma ideia e contou aos seus primos:

– Porque é que nós não vamos ajudar aquelas duas crianças?

– Claro que sim! Vamos! – responderam eles.

Eles foram ter com as crianças e disseram-lhes:

– Não se preocupem, nós estamos aqui para vos ajudar.

Entretanto, a Clara perguntou:

– De onde é que vocês vieram? Estão sozinhos? Onde estão os vossos pais?

As duas crianças responderam:

– Estamos perdidas eu e a minha irmã. Já há algum tempo que não vemos os nossos pais. Tivemos que fugir da guerra, no nosso país, e não sabemos dos nossos pais.

De seguida, a Maria, a Clara, o Henrique e o Pedro foram ter com os pais para pedirem ajuda para procurarem os pais delas e descobriram que, afinal, também andavam à procura delas.

Entraram numa igreja e viram que o padre estava no altar a perguntar às pessoas se tinham visto duas meninas que desapareceram, que se chamavam Ana e Sofia, pois os pais estavam muito preocupados.

Quando eles ouviram isto, a Maria, a Clara, o Henrique e o Pedro ficaram muito felizes e foram logo ter com o padre, pois eram as duas meninas que tinham encontrado.

O padre respondeu:

– Que grande notícia que vocês me deram! Vamos ter com os pais delas para lhes dar a boa novidade!

Os pais, quando souberam que tinham encontrado as suas filhas, deram um grande abraço aos meninos e choraram de felicidade quando as viram!

Os primos, ao verem a família junta, ficaram tão emocionados, que o Henrique até disse:

– Esta noite de Natal foi mesmo especial!

– Tens toda a razão, Henrique! Estava a ver que nunca mais íamos encontrar os pais das meninas... e estava a ficar muito aflita... – disse a Clara.

– Mãe, podíamos convidar esta família para a nossa ceia de Natal? – perguntou o Pedro.

– Claro que sim, meu filho! – respondeu a mãe.

– Agradeço-vos por tudo o que fizeram pela nossa família, mas não queremos dar muito trabalho... – afirmaram os pais das meninas.

Quando saíram todos da igreja, a neve caía e a noite estava fria. A lua brilhava e iluminava o caminho para casa.

Assim que chegaram a casa, todos ajudaram a pôr a mesa e os primos estavam muito felizes por estarem com aquela família, numa noite tão especial como a de Natal.

A avó Cristina tinha preparado tudo e na mesa estavam os pratos tradicionais, como as batatas cozidas com bacalhau e o polvo, e também os doces desta época, como a aletria, as rabanadas, os mexidos, o arroz doce e o bolo-rei.

Toda a família estava reunida à mesa naquela noite, num ambiente de paz e alegria, como se a mesa fosse o mundo inteiro, e a Maria, a Clara, o Henrique e o Pedro conseguiram perceber que, afinal, o mais importante é estar junto das pessoas quando elas mais precisam.

No final da ceia, foram todos abrir os presentes, e como viram que a Ana e a Sofia não tinham presentes, resolveram partilhar alguns dos seus presentes com elas.

A Ana e a Sofia ficaram muito felizes e agradeceram por terem sido generosos com elas, mostrando não serem egoístas.

A Maria, o Pedro, o Henrique e a Clara descobriram, assim, o verdadeiro espírito do Natal, onde o mais importante é partilhar com outros que precisam mais do que nós e que a solidariedade é muito mais importante do que os presentes.

Aquela foi uma noite de Natal mesmo muito especial e inesquecível para todos.

### ***Quando fui Pai Natal***

Era uma vez um senhor chamado Gabriel e era muito pobre. Ele não tinha família nem casa; vivia debaixo de uma ponte. Sempre que passava alguém pedia uma esmola ou um pedaço de pão.

Era véspera de Natal e uma estrelinha não parava de brilhar no céu.....Gabriel achara aquilo estranho...lembrou-se então da história dos três Reis Magos e decidiu segui-la.....

Andou, andou, andou até chegar a uma casa grande, muito iluminada e na rua conseguia ouvir muitas vozes vindas dessa mesma casa.

Ao mesmo tempo, nessa casa, todas as crianças brincavam alegremente, eufóricas e ansiosas pela chegada do Pai Natal e de familiares que só viam nesta época do ano.

No meio da brincadeira, decidimos ir à janela ver a neve a cair. Fiquei surpreendido quando vi um senhor na rua, ao frio e sozinho....

Fui chamar a minha mãe e disse:

- Mãe, porque está lá fora um senhor sozinho ao frio?

Nisto Gabriel, sentado no passeio, decidira ir bater à porta, mas tinha receio, pois não sabia como poderiam reagir. Encheu-se de coragem e lá bateu.

- É um sem-abrigo que veio pedir comida e abrigo, disse a mãe quando regressou à cozinha. O jantar está pronto! Vamos comer!

No fim do jantar, ouvimos o riso do Pai Natal a vir da sala de estar. Fomos a correr para a sala e encontrámos o pinheiro cheio de presentes! Ficámos todos contentes, mas lembrei-me do senhor que tinha batido à porta.

- Que se passa filho? Não gostaste dos presentes que o Pai Natal trouxe?

- Como é que o senhor sem-abrigo recebe presentes se não tem casa? E o que come? – perguntei angustiado.

- Não sei filho. Mas tenho uma ideia! Queres ser o Pai Natal desse senhor?

- Sim!!!!

A mãe abriu a porta a ver se ainda estava por lá perto e lá estava ele, sentado no passeio, a fazer bolas de neve...convidou-o a entrar.

Gabriel ficara admirado com tal atitude e de imediato aceitou. Já estava muitos dias sem comer e o frio que sentia deixava-o muito enfraquecido.

Muito envergonhado e enregelado aceitou entrar e nunca pensou que dentro daquela casa havia tanto conforto! Estava admirado com o que via: uma árvore de Natal, o calor da casa, muitas pessoas, crianças a olhar para ele com olhar traquina e o melhor: uma mesa cheia de comida!

A mãe convidou-o a sentar-se e Gabriel abriu o seu coração e contou a sua história de vida.

- Foste sempre assim?- Perguntei bastante comovido.

- Infelizmente, quando perdi a minha mulher, fiquei desempregado. Desde então a minha vida nunca mais passou por momentos felizes. Cresci numa família pobre, os meus pais morreram ainda eu era pequeno e fiquei sozinho até conhecer a minha mulher e me apaixonar por ela. Fui muito feliz ao seu lado, mas morreu cedo e não tivemos filhos.

Após ter comido, eu e a minha mãe fomos ao quarto dela buscar roupa, que já não era usada pelo meu pai, e oferecemos-lhe para que ficasse mais agasalhado.

Gabriel nem acreditava no que estava a viver pois, pela primeira vez, desde há muito tempo, não vivera um Natal assim. Ficou muito feliz e agradeceu-nos de lágrima no olho.

Foi assim que fui o seu Pai Natal e confesso: nesse dia esqueci-me dos presentes recebidos, mas ao mesmo tempo não sei...sentia-me estranho. Brincar com os meus primos foi bom, reaver os meus familiares também, mas naquele ano a minha alegria vinha de dentro, só me apetecia sorrir.

Quando me deitei só pensava: ser Pai Natal e ajudar o outro fez-me sentir bem. É como se tivesse poderes especiais!

Esse Natal, para mim, foi o mais especial de todos! Afinal ser Pai Natal não é apenas e só entregar os presentes em cada chaminé....é poder tornar o dia de Natal ainda mais especial para quem mais precisa.

## As voltas da vida!

Era uma vez, um menino que desde muito cedo fora deixado num orfanato. Os seus pais não gostavam dele, não o amavam. Os anos passavam e continuavam a não mostrar interesse pelo filho, que se ia sentindo cada vez mais infeliz por ter sido abandonado e, acima de tudo, por não gostarem dele. Nunca o foram buscar e o que lhe custava mesmo eram os dias festivos, principalmente o Natal, época de luz, amor e harmonia.

Mais um Natal que chegava e mais um ano sem ninguém, sozinho, isolado. Todas as pessoas do orfanato lhe perguntavam o que queria de presentes. A resposta saía-lhe prontamente: “Quero uma família!”. Estas palavras saíam-lhe da boca, enquanto dos olhos caíam lágrimas. Ninguém conseguia consolar o menino...

Outro Natal, o mesmo sentimento. Desta vez, entre os presentes estavam cordas para saltar, brinquedos, livros, ...Mas nada o animava! No dia seguinte, lá estava ele triste porque fora mais um ano de fracasso e sofrimento.

Um dia, o diretor mandou-o chamar ao gabinete. Mal abriu a porta, o menino olhou assustado para aquelas pessoas estranhas que estavam à sua frente. Quem seriam elas? Alguém com mais presentes que não lhe interessavam? Alguém que o levaria para outro orfanato, porque também ali já não o queriam mais? Estas perguntas pairavam na cabeça do menino, mas, quando viu um sorriso na cara de uma das pessoas que o olhavam, ficou na dúvida. De pé, imóvel, o menino não acreditava no que lhe diziam “Estas pessoas estão aqui, porque te querem adotar.”

Orgulhoso, feliz e com um sorriso de orelha a orelha, pegou numa mala e colocou lá a roupa. A seguir, despediu-se das irmãs e do diretor agradecendo toda a atenção que tiveram com ele ao longo dos anos que ali estivera e que foram a sua família.

Os anos passaram e chegou a altura de tirar um curso, escolheu ser padre para agradecer às freiras.

Mais tarde, esse padre foi realizando missas e conseguiu chegar a ser bispo, pois nunca desistira dos seus sonhos.

Naquela altura, as pessoas eram pobres. O menino, agora padre, lembrou-se da sua infância, que fora triste, não por falta de dinheiro, mas de amor. Como tinha pena das crianças, sentia a sua dor, tinha compaixão por elas e decidiu fazer algo diferente. Assim, colocou um gorro e um fato vermelhos, comprou muitas prendas e distribuiu-as pelas crianças daquela zona.

No dia seguinte, as crianças foram junto dos seus pinheiros de natal - se é que se podia chamar isso às pequenas árvores verdes pobremente enfeitadas - e não acreditaram no que viram. Nunca os seus pais puderam comprar roupa, brinquedos, jogos, livros e calçado! E um sentimento novo fazia-se sentir nos seus corações, o de felicidade!



Imediatamente, as pessoas começaram a suspeitar que era o bispo. Só podia ser ele! Só ele seria capaz de dar tamanha alegria a tantas pessoas ao mesmo tempo. Não só porque era a pessoa mais rica da zona, mas pelo enorme coração que tinha. Todos agradeceram àquele padre pelas prendas.

Quando ele morreu, e em homenagem, foi construído um orfanato com o seu nome.

Jota

## Conto de Natal

No dia da ceia de Natal, de manhã, a Inês acordou muito feliz com o pressentimento que era um dia muito especial. Inês tinha 10 anos, cabelos loiros, olhos castanhos, cara redonda e gostava muito de brincar.

Foi ao quarto da mãe e perguntou-lhe:

- Mãe, bom dia. Que dia é hoje? Estou com um pressentimento que é um dia especial!

Bom dia filha, hoje é a ceia de Natal - respondeu-lhe a mãe.

A mãe e a Inês foram tomar o pequeno-almoço, e de seguida a Inês disse à mãe, faltam-nos comprar os presentes, temos que ir agora.

Vestiram-se e a pé seguiram o caminho para comprarem os presentes.

No meio do caminho viram um senhor que estava cheio de frio, com remendos e a pedir se lhe podiam ajudar a ganhar forças.

Inês ficou surpreendida por naquele dia tão especial estar um sem-abrigo na rua.

A seguir ela pensou e refletiu que se fossemos bons para os outros no futuro íamos ter recompensas, e pediu à mãe se podiam passar o Natal com elas e com a sua família.

O senhor Abílio que era o antigo sem-abrigo, aceitou, mas disse que não tinha roupa decente para o Natal.

Elas disseram-lhe que naquele momento iam-lhe comprar roupas e presentes para que ficasse feliz.

A seguir foram comprar as roupas e os presentes e ele ficou muito contente, mas ao irem para casa ele questionou a mãe da Inês a perguntar onde iria morar depois daquele dia. E ela respondeu-lhe que iria ficar na casa dela por algum tempo ou até anos, depois arranjaria emprego, e a seguir com a agregação de dinheiro poderia comprar uma casa. Ele concordou.

Chegaram a casa e a mãe indicou-lhe o quarto e ele foi para lá, e a seguir foi dar banho.

Eles almoçaram e passaram a tarde a um tinham uma função de (pôr a mesa), outro colocava os presentes debaixo da árvore de Natal, falaram, falaram e os avós da Inês chegaram e elas não tinham a roupa vestida. Foram se vestir rapidamente.

A mãe abriu a porta, cumprimentou os pais e mostrou o Senhor Abílio, e a avó da Inês ficou admirada não sabia quem era e perguntou-lhe quem era. A mãe da Inês disse que era um senhor que viu na rua e que a Inês refletiu que se formos bons para os outros no futuro íamos ter recompensas e depois vai ficar em casa por uns tempos, depois vai arranjar emprego, e a seguir dinheiro para uma casa.

De seguida a avó e o avô da Inês ficaram a falar com o Senhor Abílio. Foram para a mesa e comeram bacalhau, polvo, e de sobremesa rabanadas, sonhos, aletria, mexidos, ...

Falavam, comiam e assim sucessivamente. De um momento para o outro a Inês disse:

-Sento-me à mesa como se a mesa fosse o mundo inteiro.

Ninguém percebeu nada do sentido daquela frase e a Inês explicou que sentou-se à mesa como se na mesa estivesse o mundo inteiro e ela convivesse com toda a gente.

Os adultos ficaram muito impressionados com a Inês muito honesta.

Viram que era honesta e muito amiga dos outros.

Por fim fizeram a troca dos presentes, só que o senhor Abílio não os tinha e sentiu-se constrangido.

As pessoas não se importaram porque a magia do natal é a convivência e não os presentes.

Mas, nesse preciso momento recebeu 4 presentes, roupa, sapatilhas, camisolas e calças.

Ele ficou surpreendido, mas refletiu que poderia ter sobrado dos presentes que as pessoas compraram.

A seguir os avós foram-se embora e a Inês, a sua mãe e o senhor Abílio foram dormir. No dia seguinte, Inês acordou feliz e foi à árvore de natal e estava lá uma linda bicicleta.

*Laranja*

## Pedro e o Natal

Num dia de chuva e muita trovoadas, Pedro, um menino de somente oito anos, mas muito esperto e sábio, começou a chorar de medo, por causa dos raios. Quando sua mãe reparou, foi acalmá-lo e perguntou-lhe:

- Pedro, o que é que aconteceu? Porque você está chorando?

Ele respondeu:

- Mãe, estou com medo dos raios! Parece que eles vão me machucar!

- Não precisas de ter medo disso, não te vão machucar. Além disso, o Natal já está a chegar, faltam só dois dias!

- Verdade, mãe? Obrigado.

No dia seguinte o rapaz levantou-se da cama mais depressa do que um raio e foi falar com o pai. Enfiou-se debaixo dos lençóis, bem juntinho do pai e perguntou-lhe:

- Pai, o que você vai pedir de Natal?

O pai respondeu:

- Ainda não sei, filho, mas acho que não quero nenhuma prenda.

O menino com uma cara tristonha voltou para o quarto, porque ele pensava que todas as pessoas ganhavam prendas, mas passou a achar que os adultos não podiam ganhar prendas.

Irritado, o menino desceu as escadas e saiu de casa. Já na rua, começou a correr sem saber para onde. Passado uma hora, já desorientado, acabou por se perder. Da cabeça não lhe saía aquela ideia:

” Porque será que os adultos não ganham prendas?”

Depois de andar muito, já cansado, se sentou numa rocha e começou a pensar: “Estou perdido sem comida e sem dinheiro! “

E o tempo foi passando e o menino não parava de chorar, aflito pois estava perdido.

Já desesperado, pareceu-lhe ouvir uma voz estranha. Pôs-se novamente à escuta e a mesma voz falou:

-Pedro, tu és um rapaz esperto, não é? Tu sabes qual é o significado do Natal?

Ele respondeu:

- Sim, eu sei, Natal significa receber prendas!

-Não, não é!

- Claro que é!

**-Tenho certeza que não é!**

Pedro ficou triste, pois a voz tinha sido muito grossa. Estaria a ralar com ele?

- Então qual é o significado do Natal?- perguntou.

A voz disse que não iria falar, e que, só se ele acertasse, ela o iria ajudar a voltar para a sua casa.

Pedro procurou saber qual era o significado do Natal. Andou, andou e, depois de muito andar, chegou a um lugar paupérrimo. Viu casas muito rústicas e pobres, os quintais não tinham nada, nem cerca.

Ficou surpreendido, pois estava a ver uma família junta a se divertir, brincando de escondidas e apanhadinhas, sem prendas, sem tecnologia. Pedro olhava e não entendia nada.

O tempo estava a passar e faltavam quatro horas para a ceia de véspera de Natal. Enquanto isso tudo acontecia, os pais de Pedro estavam desesperados, porque ele tinha desaparecido e ninguém o vira. Decidiram chamar a polícia. Os bombeiros também ajudaram. Procuraram em todos os lugares dentro da cidade e nada de encontrar o menino!

Entretanto Pedro pensava: “Eu perguntei ao meu pai se ele iria receber prendas, ele disse que não queria; acho que prendas não é. Bem, vou continuar a andar.”

Dito e feito, o rapaz não parou de andar até ver três pessoas com aparência velha e sábia. Aproximou-se deles e resolveu perguntar-lhes:

-Com licença, senhores, eu estou à procura do significado do Natal. Será que me podiam ajudar?

Eles responderam:

- Claro, meu jovem.

-Sabes, há muitos, muitos anos atrás nasceu Jesus, em Belém. Ele nasceu no dia 25 de dezembro. E nesse dia, os três reis magos e os pastores deram-lhe presentes porque ele era o escolhido.

“Então era isso! É uma forma de homenagem!” pensou.

O rapaz agradeceu-lhes e voltou para o lugar onde se tinha encontrado com a voz.

Estava sentado numa pedra à espera quando ouviu, de novo, a voz:

- Voltaste, Pedro? Acho que já descobriste a resposta!

-Sim, descobri. -respondeu o menino.

-Então, qual é o significado do Natal?

-A resposta é quando Jesus nasce em Belém, dia 25 de dezembro.

-Muito bem Pedro, mas agora já sabes porque tu e as pessoas recebem prendas?

A voz começou a rir porque achava que ele não iria saber responder, mas Pedro disse:

-Essa é muito fácil! Nós recebemos prendas porque os três reis magos e os pastores deram prendas a Jesus quando ele nasceu!

-Ah! Como sabes?

-Descobri!

-Você conseguiu, vou-te levar para tua casa!

Num piscar de olhos eles estavam na casa de Pedro. Quando ele se encontrou com seus pais, eles abraçaram-se e Pedro disse a chorar:

- Eu não quero prendas, eu só quero ficar com vocês em família.

E naquela noite ficou lembrado o dia 25 de dezembro para todo o sempre.

Leninha

## Um Natal diferente

Era início de dezembro, já estavam milhões de crianças à espera do maravilhoso Natal, as casas já estavam todas magnificamente decoradas, já havia prendas debaixo dos pinheiros, luzes decorativas, mas sobretudo o espírito natalício a voar de casa em casa.

É claro que o grandioso Pai Natal já se estava a preparar para a aventura anual. No Pólo Norte os duendes acordavam de manhã cedo para ir para as aulas com o Pai Natal.

Tinha que ser tudo tratado ao pormenor, as cartas tinham de começar a ser lidas para se certificarem dos pedidos. Naquela correria dos duendes já a começarem a montagem dos brinquedos, o Pai Natal aproximou-se do sítio onde estavam as cartas, pegou numa delas e abriu-a:

“Querido Pai Natal

O que eu mais quero neste Natal é sentar-me à mesa com toda a minha família, sentarmo-nos junto à lareira a ler. Sim! Eu gosto muito de ler, mas tenho sempre o mesmo livro, ai como eu gostaria de poder ter um novo!

Um bom Natal para si, Pai Natal

Catarina

Foi esta a carta que tocou no coração do Pai Natal e que fez com que ele se apercebesse do erro que estava a cometer. O Natal deveria ser uma oportunidade para as crianças pedirem o que realmente as faz felizes, mas começou a ser uma época de grandes exageros. Então tomou uma grande e importante decisão. Quando os duendes, numa azáfama, continuavam a montar os brinquedos, ouviu-se uma grande e firme intervenção:

-Este ano não vão haver brinquedos!

Os duendes ficaram surpreendidos, e um, mais destemido, resolveu perguntar:

-Porquê, Pai Natal? Todos os anos a rotina é a mesma e, até agora tudo correu muito bem. Porquê mudar?

- As crianças só se interessam por prendas no Natal... Agora só pedem telemóveis, jogos, essas coisas todas eletrónicas! Este Natal vamos oferecer um bom livro a cada criança. Para algumas crianças é maravilhoso poderem ter um

livro ou apenas um caderno para poderem colocar no papel as suas emoções, desabafos e até, quem sabe ... criar a sua própria história. Estive a fazer uma estimativa e em oitenta miúdos apenas um se interessa pelo verdadeiro espírito de Natal! Por isso, este ano livros e cadernos para todas as crianças! – exclamou o Pai Natal.

Os duendes olharam uns para os outros com um ar espantado, mas certos de que o Pai Natal tinha tomado uma boa e sábia decisão e começaram a trabalhar sem parar.

(Devo dizer que, como narradora desta história, comecei a refletir e cheguei à conclusão que, às vezes, não dou o devido valor à minha estante de livros que tenho cá em casa!!!!).

Mas vamos lá voltar à nossa história!

Caía lá fora uma chuva miudinha, estava uma noite bem fria e, enquanto isso, uma criança estava sentada a pensar no seu Natal. Ela imaginava se o Pai Natal tinha lido a sua carta, porque o que mais queria era ter o seu mundo em casa: a sua família e um livro que a fizesse entrar dentro de um sonho. Sim porque ler faz-nos imaginar, faz-nos viajar sem sair do lugar, e entender melhor tudo o que nos rodeia.

Os dias passavam e os duendes já tinham feito milhares de livros de contos, de fábulas, de poemas. Aproximava-se o grande dia...!

Catarina estava muito feliz com o Natal desse ano, porque tinha o pressentimento de que tudo iria correr lindamente.

A menina mal conseguia dormir na noite da ceia de Natal, pois estava ansiosa pelo dia seguinte.

Finalmente chegou o dia vinte e cinco, ou seja, o Natal! O Pai Natal reparou em vários comportamentos de diferentes crianças naquela noite: algumas crianças abriram os livros e deitaram-nos diretamente para o lixo; outros guardaram-no, mas sem interesse, até que... houve uma menina que ao ver o livro os seus olhos encheram-se de felicidade, a alegria era tanta que começou logo a passar de página em página, cada uma destas páginas era algo importantíssimo para ela, as ilustrações que davam vida ao livro, as palavras que lia, essa menina estava verdadeiramente radiante. Quem seria essa menina que estava tão empolgada?!

Era obviamente a Catarina que, num ápice, viu a sua família a pedir para ler um excerto do seu novo livro.



Foi um Natal maravilhoso como Catarina desejava. Ela começou a ganhar ainda mais gosto pela leitura e pela escrita.

Gostou tanto do seu Natal, que escreveu um poema:

(Vou ler-vos uma parte):

Eu fiz um pedido ao Pai Natal  
Que ele ouviu e me concedeu  
Por isso se tornou especial  
O livro que ele me deu  
Fiz disso a minha história  
E escrevo como respirar  
Que fique na minha memória  
Este Natal de encantar!

Na fábrica do Pai Natal estava tudo a descansar, apesar de a grande maioria das crianças não valorizarem o facto de receberem um livro, isto foi o que levou o Pai Natal a aperceber-se que o Natal estava a ser valorizado só pelos brinquedos . O Pai Natal não deixou de dar brinquedos, mas começou a estar mais atento às crianças que têm gosto pela leitura e, de vez em quando, ia dar um pequeno livro à menina que tanto os apreciava e, não tardou a que Catarina descobrisse quem lhe levava os livros todos mas ela não dizia nada . Entretanto, cresceu e tornou-se uma escritora muito talentosa e, para ela, escrever tornou-se tão importante como respirar e ler tornou-se um modo de vida. Ela nunca esqueceu aquele Natal e faz questão de lembrar nos seus livros o quanto é importante ter um sonho, acreditar nele e na bondade e sapiência do Pai Natal.

E assim um livro, um sonho e o Pai Natal mudaram por completo a vida de uma menina que continua apaixonada pela leitura e pela escrita.

Catarina senta-se à mesa como se a mesa fosse o mundo inteiro, a sua família e os seus livros , que a levam a viajar pelo mundo sem sair do lugar. •

Fim

Luciana Figueira

## Pelo Mundo com o Pai Natal

É Natal e nessa época gostamos de estar em família e de receber presentes.

Tudo está calmo e perfeitamente normal. Vejo meu irmãozinho a olhar atentamente para o globo terrestre, que está sobre o móvel da lareira e lhe pergunto:

- Por que estás assim tão interessado?

Meu irmão responde:

- Nada irmã. Só estava a imaginar como se comemora o Natal na terra em que o mágico e bondoso Pai Natal nasceu.

- Ah! A Lapônia, na Finlândia.

E nesse mesmo momento... PLIM!

- Onde é que nós estamos Maria?

Ouve-se uma voz:

- Ho! Ho! Ho!

Ambos olhamos para trás e gritamos em conjunto:

- Pai Natal?!!

- Eu mesmo, Ho ! Ho ! Ho ! Eu vos trouxe aqui, porque ouvi falar que esse rapazinho queria saber como se comemora o Natal aqui em minha terra!

- Quero sim! – respondeu meu irmão entusiasmado.

- Pois bem, – iniciou a contar o bondoso velhote, - o início do festejo se dá em Dezembro, com os miúdos a mandarem-me cartas para receberem as prendas. Mas eu só as dou aos malandrecos que se portam bem! Nessa época, a neve já está a cair e as casas já estão todas enfeitadas. As crianças preparam-me bolachas e por fim entrego-lhes as prendas! Adoro esse momento.

- Pai Natal, podes-nos mostrar mais?

- Claro que sim! Vamos agora para a Austrália. Lá, a comemoração só acontece no almoço do dia 25 e sou chamado de Santa Claus. Como é calor neste sítio, as celebrações costumam ser ao ar livre e também há biscoitos e leite para mim. Além disso, as crianças costumam receber “Stocking” que é uma meia (ou uma bolsa em forma de meia) para pendurar na árvore, para que eu possa preenchê-la com doces, brinquedos pequenos, frutos ou moedas.

- Oh! – exclamamos juntos.

- Querem outro sítio?

- Queremos!!!

- Então vamos nos apressar para o México! Lá no México, ainda estou a tornar-me popular, mas o nascimento de Jesus é um acontecimento muito celebrado, aliás, por muitos

dias. De 16 a 24 de Dezembro, durante noites seguidas, procissões encenam a história de Maria à procura de abrigo para dar à luz ao menino Jesus. Entre 24 e 25 de Dezembro, são encenadas peças de teatro que recriam a passagem da Bíblia onde os pastores seguem a estrela de Belém para encontrar o menino Jesus na manjedoura. Finalmente, no dia 6 de Janeiro, é celebrado o Dia de Reis com a tradição de trocar presentes e lembrar os três Reis Magos.

Meu irmão perguntou:

- E no Brasil? Onde eu nasci.

- No Brasil, não é muito diferente da Lapônia e de alguns países da América do Norte; lá sou chamado de Papai Noel. As pessoas são muito calorosas e gostam de festa. Vou encerrar esta conversa contando-lhes sobre Portugal, país que os acolheu tão bem. Em meados de Dezembro, muitas famílias montam um presépio, que é uma encenação do nascimento de Jesus. Na mesma época, come-se o delicioso bolo Rei, feito em uma forma redonda, com um furo no meio, coberto com frutas cristalizadas e com frutos secos em seu interior. Em muitos lugares, ainda é celebrada a Missa do Galo, à meia-noite do dia 24 para o dia 25. Trocam-se presentes e é feita a ceia de Natal.

De repente, escuto a voz da nossa mãe a nos chamar para o jantar e novamente, como num passe de mágica, voltamos à nossa casa.

Nossa mãe pergunta:

- O que estavam fazendo que demoraram tanto?

- Estávamos conversando sobre o Natal! – Eu respondi.

- É isso mesmo mãe, estou doido para chegar meu presente! – Completou meu irmão.

- Está bem, mas lembrem-se que Natal não é apenas prendas e boas comidas à mesa, mas sim a alegria de estarmos todos juntos, a solidariedade e a esperança de um mundo melhor.

Meu irmão disse:

- Mamãe! Viajamos pelo mundo todo com o Pai Natal !

A mãe foi à cozinha pegar mais pratos e sussurrou:

- Essas crianças...

- Sabes irmão, quando se usa a imaginação, tudo pode acontecer!

Desatei a rir de contente.

## O Plano Natalício

Era uma vez um menino chamado Luís que gostava de ver o Pai Natal, mas nunca o conseguiu ver porque ele corria muito. Ele sabia que nesse mesmo ano ele ia conseguir vê-lo.

No dia de Natal ele brincou futebol e outros jogos de tabuleiro com os seus primos durante muito tempo e comeu com a sua família na sala de jantar.

Era um ambiente natalício e amoroso. Todos conversavam e havia muita alegria no ar.

Durante a tarde, Luís formou um plano para conseguir ver o Pai Natal. Ele queria tanto vê-lo que decidiu discutir com os seus primos sobre um plano que tinha na cabeça.

- Eu fico a vigiar- disse o Pedro.

- Nem penses, eu sou melhor na vigilância- disse o Rui.

- Já que vocês estão a discutir, eu acho que quem fica melhor na vigilância sou eu -afirmou a Matilde.

- Bem pensado!- exclamou o Luís.- Afinal tu és a mais atenta de todos nós.

- Então, e depois como é?- perguntou o Pedro.

- É o seguinte: tu, Pedro, ficas na garagem do meu pai. O Rui distrai os convidados para, quando o Pai Natal tocar na campainha da casa da minha avó, eles não irem à porta. E eu fico a jogar computador. Assim, quando o Pai Natal estiver à porta, vocês chamam-me.

- Pode ser- disse o Rui.

- E tu ficas na boa vida? - perguntou o Rui.- Enquanto isso, nós temos de estar atentos a todos os movimentos e não vamos poder brincar.

- Tens outro plano?- perguntou o Luís.

- Não- respondeu o Rui.

- Então fica este plano- concluiu o Luís.

À noite, já depois de jantarem, o Luís aproximou-se dos primos e disse-lhes:

- Amigos, aos vossos postos porque já são onze e meia.

Eles estavam muito ansiosos e animados, especialmente o Luís. Então foram para os seus postos. Era uma aventura o que iam viver, mas tinham de estar muito atentos. O Luís assim lhes tinha pedido. Por volta das doze e e um quarto da noite, a Matilde avistou o Pai Natal. Então chamou o Luís para vir à porta. Quando ele estava a pousar as prendas, o Luís abriu a porta e disse:

- Finalmente o encontrei, Pai Natal! Depois de tantos anos a desaparecer dos nossos olhos, hoje consegui encontrá-lo!!!

O Luís cumprimentou o Pai Natal, mas não teve tempo de conversar com ele. Tinha muitas casas para visitar e não podia demorar ali tempo nenhum.

Depois foi-se embora. No céu via-se um brilho natalício, muito bonito.

De repente, Luís sentiu-se a cair. Tinha adormecido nas escadas da casa da sua avó e estava a acordar. Afinal, amigos, plano, aventura e Pai Natal não passaram de um sonho.

Será que o sonho se tornaria realidade? O Natal era no dia seguinte.

Marco do Natal

## O melhor presente de Natal

Há muito, muito tempo atrás, viviam numa casa muito grande, no meio da floresta, uma pequena e humilde família: os três irmãos, João, Rafael e Carolina e os seus pais.

Eles eram muito brincalhões e estavam sempre a pregar partidas uns aos outros. O João era um miúdo generoso, o Rafael era muito destemido e a Carolina era muito pequena e também muito tímida.

Certo dia, decidiram ir para a floresta, sem os seus pais saberem. Queriam fazer uma surpresa na época de Natal. Tinham decidido, entre eles, dar um presente especial aos seus pais. E, para isso, decidiram ir buscar à floresta um pinheiro verde, com muitas pinhas, para fazerem a árvore de Natal.

Era a festa de que eles mais gostavam. Todos os anos esperavam ansiosamente por esta altura para porem a casa toda bonita, cheia de luzes e brilho e fazerem o presépio.

Começaram então a escolher o pinheiro ideal. Decidiram afastar-se uns dos outros, para ver quem conseguia arranjar o mais belo e enorme.

A irmã mais nova, Carolina, ao afastar-se dos seus dois irmãos, acabou por ser perder. Ela era muito nova e não conhecia os caminhos da floresta como os seus irmãos, pois eles já estavam habituados a longos passeios e brincadeiras por aqueles lugares e conheciam bem todos os caminhos e todos os atalhos para voltar para casa. E estavam tão entusiasmados com a procura da árvore, que nem se lembraram, que era a primeira vez que a pequena Carolina andava por ali.

Como eram mais velhos, e tinham a responsabilidade de cuidar da irmã, ficaram aflitos e muito preocupados. Procuraram a menina por todo o lado, gritando pelo seu nome, mas não a encontraram.

Assustados e muito preocupados, começaram a correr, como duas flechas, em direção à sua casa, para avisar os seus pais do que tinha acontecido! A ideia de que poderiam perder a sua irmã para sempre atormentava-os. Queriam contar o sucedido aos pais, mas estavam tão ofegantes que quase não conseguiam falar. Isto para não falar das suas pernas que tremiam como varas verdes.

Quando, finalmente, os seus pais souberam o que se passou, pensaram, logo de imediato, numa forma para encontrar a filha... E foi então que o pai teve uma ideia magnífica e disse para os outros dois filhos:

- Vamos para a floresta arranjar o pinheiro mais alto que encontrarmos, para levar para a nossa casa e colocar muitas luzes coloridas, para ver se a vossa irmã o consegue ver e, assim, voltar para casa o mais rápido possível, pois está sozinha, assustada e deve ter muita fome... E não tarda começa a escurecer.

Os dois irmãos começaram, então, a ajudar o pai na dura tarefa de cortar o pinheiro. Tinha que ser o mais alto e pontiagudo, de modo que se pudesse colocar a estrela mais brilhante, que iluminasse a floresta como um raio de sol reluzente e dourado, para, assim, a sua irmã conseguir encontrar o caminho para casa.

A mãe deslocou-se à aldeia vizinha para que todos ajudassem na decoração da árvore, pois precisava de muitas luzes e só com a ajuda de todos isso era possível. Toda a aldeia se sensibilizou, pois, aquela menina devia ser encontrada o quanto antes, pois era noite de Natal.

Quando terminaram de colocar as luzes e as ligaram, eram tantas as lâmpadas coloridas, que se conseguiam avistar de qualquer ponto da floresta, podendo, deste modo, a Carolina, que estava perdida, regressar à sua casa.

Os dois irmãos e os seus pais vieram para junto do pinheiro todo iluminado chamar pelo seu nome, para ver se o vento o levava pelo ar o mais depressa possível para ela ouvir.

Passado algum tempo, começou o sol a fugir por entre as árvores e foi, então, que se ouviu uma voz muito assustada e cansada, que vinha do meio da floresta na nossa direção.

O meu pai olhou fixamente e viu que era a Carolina a choramingar. Foi logo a correr ao seu encontro e abraçou-a com tanta força, que quase não a deixava respirar. Passado alguns momentos, perguntou-lhe:

- Como conseguiste encontrar a nossa casa?

E ela respondeu:

- Papá, vi uma estrela muito grande no céu que brilhava tanto... E ouvia o vento a chamar pelo meu nome, nesta direção. E foi assim que encontrei o caminho de volta.

As crianças estavam todas muito contentes, pois a sua irmã tinha regressado a casa, sã e salva, já podiam passar o Natal em família.

A partir de hoje, decidiram sempre festejar o Natal com muita luz e fazer sempre uma árvore muito grande e colorida, para que nenhuma criança se perca dos seus pais e possa sempre ter uma estrela para encontrar a sua família e o seu caminho para casa.

A família da Carolina passou a ceia de Natal com muita alegria e amor, pois estavam todos reunidos e felizes.

Este foi, sem dúvida, o maior presente de Natal que poderiam ter.

O Natal é uma tradição, é a época do ano em que as famílias se juntam para comemorar o nascimento de Jesus.

O Natal podia ser todos os dias.

## Um presente especial

Há muito, muito tempo, numa velha casa do Japão, vivia uma família: Cecília, Pedro e Ana. Cecília era uma jovem de 39 anos, tinha cabelos ruivos e olhos verdes, era bonita e trabalhava numa escola. Era casada e tinha uma filha. Pedro tinha 41 anos, era loiro e tinha uns belos olhos azuis, era magro e trabalhava duro. E Ana era uma jovem de 14 anos, filha de ambos. Tinha cabelos loiros como o pai, mas os olhos eram verdes. Era alta, bonita e vaidosa.

Era o dia 24 de dezembro, véspera de Natal, Ana estava ansiosa por este dia. Acordou bem cedo, às sete da manhã, já estava a pé. Assim, tinha a certeza de que não se atrasava para o almoço na casa de sua avó. Arranjou-se toda, preparou o pequeno-almoço e acordou os pais:

– Bom dia, mãe! Bom dia, pai! – saudou. - Sabem que dia é hoje?

– Véspera de Natal! - disseram em coro.

No fim de se arranjarem, foram para a casa de Cátia, avó de Ana. Estava tudo tão bonito: os sofás com uma manta branca para representar neve, as cadeiras com capas vermelhas, guardanapos verdes, azevinho, flocos-de-neve pendurados no teto e o pinheiro de Natal, é claro.

Ana brincou todo o tempo, mas sempre ansiosa, já não aguentava mais esperar para abrir as suas prendas.

Finalmente, chegou a meia-noite, era hora de abrir os presentes.

A Ana já tinha aberto quase todas as prendas, só faltava uma.

– Pega, querida - disse a avó.

Assim que abriu a prenda, Ana ficou tão, mas tão zangada que acabou por gritar:

– QUE HORROR! PRA QUE É QUE EU QUERO UMA PULSEIRA VELHA E SEM COR!

Caíram duas lágrimas da cara da avó de Ana.

– Olha como falas com a tua avó! – ralhou o pai.

– D-deixa l-lá filho. - disse a avó.

Ana saiu da casa muito aborrecida. Para que queria ela aquele objeto tão sem gosto.

Passaram-se duas semanas e Cecília recebeu a notícia de que Cátia, sua mãe, estava em coma no hospital em risco de vida. Foram logo todos para lá.

Passou-se mais uma semana e nada de Cátia melhorar. Todos os dias, ao fim do trabalho, Pedro, Cecília e Ana iam visitá-la.

Desde então, Ana percebeu que começava a gostar da pulseira, lembrava-lhe a avó. E todos os dias Ana usava a pulseira que a avó lhe dera. Foi até gozada na escola, mas ela não ligava. Afinal de contas tinha sido uma pessoa de quem ela gostava tanto que lhe oferecera.

No domingo seguinte, Ana e seus pais foram visitar a casa da avó pra lhe levar lembranças, pois tinham a certeza de que ela não resistiria.

Ana foi ao quarto da sua avó, sozinha, deitou-se na cama e começou a chorar.



– É tudo culpa minha! – pensava Ana.

Estava envolvida nestes pensamentos até que ouviu uma voz: “Não chores!”. Virou-se para trás e viu a sua avó em carne e osso. Correu até ela e abraçou-a com toda a força que tinha. Pediu-lhe desculpa, estendeu o braço e disse:

- Fica linda, não fica?

Avó e neta abraçaram-se novamente.

A partir daquele momento, Ana começou a não mais se importar se o presente era caro ou barato, bonito ou feio, ela usava a pulseira por amor e carinho.

Desde esse dia, Ana aprendeu que o amor é o melhor presente.

Nita

## Uma noite de Natal

Era uma vez um menino chamado Diogo. Infelizmente ele era um menino um pouco pobre. Vestia-se muito mal e não tinha dinheiro suficiente para se conseguir alimentar bem.

No dia 1 de Dezembro, ele estava a comentar com a família o seguinte:

-O que vamos comer na noite de Natal?

E a mãe e o pai responderam:

-O que estamos a comer hoje e o que comemos sempre: um bocado de pão e um prato de sopa.

O Diogo ficou muito triste com aquilo que lhe haviam dito. Todos os anos, no Natal, não tinha o direito de comer as comidas tradicionais do Natal, comia sempre a mesma coisa. Ele pensava, e tinha quase a certeza, que as coisas iam mudar. Tinha esta esperança, porque ele não queria ficar todos os anos a alimentar-se mal. Até lá ainda havia muito que esperar. Ele e a sua família sonhavam em conseguirem ser uma família considerável, que conseguisse comprar comida e roupa sempre que precisassem, e terem uma casa apropriada.

No dia seguinte, o Diogo continuou a pensar no assunto do dia anterior, e estava muito emocionado (pela negativa), até que apareceu um adulto chamado Sr. Rodrigo, que era uma pessoa muito rica. Então o Sr. Rodrigo perguntou ao Diogo o que se estava a passar com ele. O menino respondeu que era pobre e não tinha dinheiro nem casa. Contou-lhe também que em ano nenhum ele e a sua família festejaram a noite de Natal.

No dia vinte e quatro de Dezembro, um dia antes da grande noite de Natal, o Diogo recebeu uma chamada do Sr. Rodrigo, o seu amigo, que lhe perguntou se queria ir jantar na casa dele. Este senhor tinha uma casa enorme e contou-lhes que na casa dele, na noite de Natal, se comia tudo o que era tradicional da grande consoada: bacalhau, polvo, rabanadas, bolo-rei etc...Quando eles ouviram isso, choraram de alegria e desejaram logo que tudo corresse bem na vida daquele senhor.

Já na noite de Natal, estavam todos sentados à mesa, muitíssimo contentes porque eles nunca tinham comido uma refeição como aquela. Quando acabaram de comer, o Rodrigo ainda lhes ofereceu uma casa e muito dinheiro para que eles conseguissem ter uma vida decente, porque ninguém merece ser pobre, Ninguém mesmo! E então eles agradeceram- lhe:

-Muito obrigado Rodrigo.

-Não se preocupem, eu faço tudo por vós, se precisarem de alguma coisa, liguem-me.

Então eles despediram-se dele, já de barriga cheia, aproveitando para dizer que a comida estava ótima. O Sr. Rodrigo agradeceu-lhes e disse que eles estavam à vontade de voltar para a sua casa um dia destes.

A ideia que podemos retirar desta história é de nunca desistir dos teus sonhos e acreditar sempre que os vais conseguir alcançar, porque nada é impossível!

O sonhador

## O Natal é muito mais que prendas

Era uma vez num reino muito, muito distante, um príncipe de dez anos chamado Bruno. Os seus pais eram muito ricos, mas generosos, ao contrário de Bruno, que só pensava em si mesmo. Estava quase a chegar o Natal. Era dia 15 de dezembro e eles foram montar a árvore de natal como costumavam fazer todos os anos.

Colocaram as luzes e a guirlanda, mas, quando estavam a colocar as bolas de natal, o menino disse:

-Eu quero novas bolas para a árvore!

Já era costume o menino querer novas bolas, pois todo ano ele pedia novas bolas.

E os pais, com toda a paciência do mundo, responderam:

-Filho, nossas bolas não estão boas?

-Não! Quero bolas novas! -continuou o menino com uma voz alta e exigente.

Os pais, não querendo mais discutir, deram-lhe o dinheiro e mandaram-no ir buscar as tão desejadas bolas. O menino achou os pais eram fáceis de enganar, afinal de contas conseguia sempre tudo o que queria!

No caminho ele viu um menino de sua idade. Muito pobre e sem casa para morar. Olhou para ele, achou-o miserável e ignorou-o. Mais tarde comprou as bolas e voltou a casa.

Chegou, finalmente, o dia de Natal. Bruno abriu as suas noventa e nove prendas e disse:

-Pai, eu queria cem prendas !! Falta uma! Vocês sempre me deram cem prendas. Onde está ela?

E Bruno continuava a insistir que queria mais uma prenda.

Seu pai, já sem paciência, disse:

-Então, vem comigo Bruno!- ordenou o pai.

O pai de Bruno estava muito triste com a atitude do filho. Sendo que dava tudo ao seu filho com a esperança de agradecer e queria mostrar ao seu filho o mundo de verdade e que o mundo não era só luxos. Colocou o menino no carro, mesmo ele não querendo ir. Foi uma viagem longa, demorou três horas, mas chegaram lá. Eles foram a um lugar muito pobre, onde as crianças não tinham presentes para abrir no Natal, mas estavam a divertir-se.

-Pai!-gritou o menino

-O que foi, filho?

-Onde estão as prendas destes meninos?

-Eles não têm prendas.

-Como assim "Não"?

-Eles se divertem mesmo sem prendas.

-Nossa! Deve ser horrível!!!

-Não, não é. Eles se divertem tanto como você, quer dizer, mais do que você.

E O Bruno ficou por momentos a pensar. Afinal ele só queria prendas e mais prendas e nunca estava satisfeito. Ali, via alegria naquelas crianças que brincavam.

-Ah, acho que aprendi uma coisa!

-O que aprendeste?- perguntou o pai admirado. Nunca vira o filho assim.

-Aprendi muito, hoje, pai. O sentido do Natal não é abrir presentes e mais presentes. Não é querermos tudo, é juntarmo-nos uns com os outros. O Natal é, sim, se divertir com as pessoas de quem você gosta!!!

-Parabéns, filho, você aprendeu a lição que eu lhe queria mostrar.

Paulista

## A noite de Natal

Há muitos anos atrás começavam em todas as casas os preparativos para a ceia de Natal, no palácio do Roberto não era diferente, andavam todos numa grande agitação em fazer uma linda mesa para a ceia de Natal.

O Roberto era um menino que tinha nove anos. Tinha os olhos azuis, era alto, moreno, mas tinha um grande defeito, era um menino muito egoísta, estava sempre a pedir brinquedos e no Natal não era exceção, a lista de pedidos ao Pai Natal não tinha fim.

O Roberto gostava muito de ir para a escola, de brincar com os seus amigos, mas nunca lhes emprestava os seus brinquedos.

O Roberto vivia com a família num palácio gigante, mas na noite de Natal ele dizia que o palácio ficava diferente, ficava deslumbrante, único, tudo por causa das decorações. O que ele gostava mais era da sala, porque tinha uma árvore de Natal gigante com bolas de cristais, luzes coloridas e no cimo uma gigante estrela que iluminava toda a sala.

Na sala tinha também um armário muito grande, no interior do armário estavam copos de cristal, que só podiam usar no dia do Natal, era uma regra que todos tinham de saber.

As empregadas do palácio do Roberto vestiram – lhe a roupa mais bonita, que ele tinha, um fato preto com um laço vermelho.

Chegada a hora do jantar, os convidados reuniram-se todos à mesa e começaram a conversar enquanto esperavam ser servidos.

O Senhor Francisco foi o ultimo a chegar, mal entrou pela sala o Roberto ficou todo contente, era o convidado que ele mais gostava. O Senhor Francisco, era um senhor baixinho, gordinho, e com umas barbas brancas bem compridas. Era uma pessoa muito viajada e com muitas aventuras para contar, especialmente as histórias de Natal que ele sabia.

Naquela mesa de Natal não faltava nada, desde o peru, ao bacalhau, assim como, as rabanadas, a aletria, às filhós, era tudo uma delícia.

Quando o Senhor Francisco estava a comer o peru recheado, o Roberto perguntou-lhe qual era a história que ele ia contar naquela noite, mas o Senhor Francisco olhou para ele e apenas lhe disse que seria uma surpresa muito bonita.

No final do jantar e quando todos conversavam o Roberto interrompeu todos os que estavam a falar, pedindo ao Senhor Francisco que começasse a contar a história que lhe tinha prometido. E assim foi, tudo ficou em silêncio na sala, só se ouvia a queda da neve nos telhados e os sinos a tocar bem longe.

O Senhor Francisco começou a contar a sua história, diante de todos.

- Há uns anos atrás, num sítio bem longe daqui, quando passava numa terra em trabalho, conheci um senhor que morava com a mulher e os seus quatro filhos. Era uma família que morava numa casinha pequenina e pobre. O Senhor Manuel, assim se chamava, trabalhava na floresta a cortar lenha, enquanto a sua mulher cuidava da casa e tratava dos seus filhos.

Os seus filhos eram meninos muito bons, ajudavam sempre os seus pais e as outras pessoas. Mas, na altura do Natal, o Senhor Manuel rezava para conseguir ganhar mais algum dinheiro para poder fazer uma ceia de Natal junto da sua família, pois comprar presentes para eles era impossível, visto que eram muito pobres

Os filhos do Senhor Manuel, ao contrário de ti Roberto, pediam apenas uma prenda. E sabes qual era? Estarem todos juntos no dia de Natal ao redor da mesa a conversarem e a comerem as delícias do Natal.

Mas, quando conheci o Senhor Manuel, sabes Roberto, pensei logo que poderia mudar o Natal desta família. Por isso, fiz uma das coisas mais bonitas e generosas até hoje.

Quando estavam a dar as doze badaladas, desloquei-me à casa do Senhor Manuel, que era uma casa bem velhinha, com a lareira acesa perdida no bosque. Bati à porta, mal me viram ficaram todos espantados e admirados a olhar para mim.

Tinha-me vestido de Pai Natal e levava comigo um grande saco de prendas para oferecer a toda a família.

Os meninos correram até mim e gritavam “É o Pai Natal”, “É o Pai Natal”! Eles nunca tinham visto o Pai Natal, porque em nenhum Natal, tinham tido presentes.

Foi uma alegria tão grande fazer aqueles meninos felizes. O Senhor Manuel olhou para mim e sorriu fingindo que não me conhecia.

- Então, Senhor Francisco, foste tu o Pai Natal?- disse o Roberto muito admirado.

Que história tão bonita Senhor Francisco, tenho a certeza que aqueles meninos nunca mais se vão esquecer daquele Natal.

Mas com esta história o Senhor Francisco quis mostrar ao Roberto, que o espírito do Natal não são os presentes que os meninos pedem, mas estar com a família toda reunida é o mais importante. Essa é a maior felicidade que se pode ter.

Para aqueles meninos, isso era o mais importante, pois eles sabiam que os pais eram pobres e que não lhes podiam oferecer presentes.

O Roberto, olhou para todos que se encontravam ao redor da mesa, e com os olhos cheios de água olhou para os pais e disse:

- A partir de agora, não vou pedir presentes ao Pai Natal! Tenho todos os brinquedos que quero e os meus amigos não têm quase brinquedos nenhuns, vou começar a repartir com eles todos os brinquedos.

Assim, todas as pessoas que estavam à volta da mesa sorriram e disseram ao Roberto que o seu coração a partir daquele dia ia ficar ainda melhor.

O Roberto olhou para o Senhor Francisco e agradeceu-lhe por aquela história maravilhosa, pois iria torná-lo num menino melhor, permitindo-lhe ver o que realmente é mais importante no Natal, estar toda a família reunida.

*Preto*



## O milagre de Natal

Era uma vez um rei que vivia num reino distante. Esse rei era muito arrogante, mau e exibicionista.

Num dia um pobre passou à porta do palácio daquele reino, a pedir esmola ao rei, mas, como sempre fazia, ele disse que não lhe ia dar nada. O pobre ficou triste e lançou uma maldição, se o rei não lhe desse nada ele ou alguém da sua família ir ter muita má sorte. O rei não acreditou nem por nada no que ele disse.

No dia seguinte, o rei foi ter com a sua filha, a princesa daquele reino e viu que ela tinha uma mancha enorme na cara.

-. Minha filha que se passa contigo? Vejo uma enorme mancha no teu rosto.

A princesa ficou em pânico. Correu para o espelho para ver melhor o que tinha, esfregou a cara a ver se desaparecia, mas nada. Estava assustadíssima. Enquanto ela não se conseguia acalmar, o rei, assustado, pensou e pensou até que se lembrou daquilo que o pobre lhe tinha dito. Será que tinha a ver com aquilo? Não podia ser verdade.

O rei estava já irritado. O que havia de fazer? Quis falar com o pobre de imediato, mas descobriu que o pobre tinha desaparecido.

Passado alguns dias, o rei já estava a ficar preocupado e começou a pensar numa solução. Descobriu que existia um livro que falava de coisas tais. Encontrou um no meio de uma casa abandonada na floresta e mandou os seus guardas irem com ele à procura desse livro.

Na manhã seguinte o rei saiu com os guardas. Estava demasiado preocupado para deixar a solução daquele problema só nas mãos dos seus guardas.

Estavam na época do inverno. Estava muito difícil andar. Então o rei voltou para o castelo.

No dia 25 de dezembro, logo pela manhã, o rei e a família foram até junto da árvore lá de casa e viram imensas prendas.

Entretanto o rei não estava com o mesmo entusiasmo. Continuava bastante preocupado e não lhe saíam da cabeça as palavras do pobre. Foi até à janela, olhou para fora e viu todas as crianças.

Saiu de casa e foi falar com essas crianças.

Voltou depois para casa e voltou a olhar para a janela. Nesse momento, o rei e a família decidiram ir dar os seus presentes a todas as crianças sem prendas daquele reino.

Todas as crianças ficaram felizes com os presentes.

Quando chegaram a casa, na hora do jantar, a mancha já não se via na cara da filha, tinha desaparecido. O rei achou que foi o pobre que era um feiticeiro, mas não, foi um milagre de Natal.



## Conto natalício

Era uma vez um menino de 12 anos chamado Bruno. Tinha imensos bens materiais, uma consola de jogos, telemóvel, *Tablet*, brinquedos, gomas, chocolates, ...O menino queria sempre mais, mais e mais, o que se tornava aborrecido para os pais, porque eles não gostavam de o ver zangado e resmungão.

Foi, então, na altura do Natal, que aconteceu o que vos vou narrar. Esta era a pior altura do ano para aquela família porque o tal menino só se interessava com os presentes, presentes e mais presentes e não se importava com o verdadeiro espírito natalício.

Chegou a época de Natal! Decorações por todo o lado, um mini Pai Natal na entrada, autocolantes relativos à época nas janelas, velas com forma de rena e o mestre das decorações, o pinheiro de Natal, todo cheio de luzes, anjos e bolinhas. Era assim, na casa deste menino.

Naquele dia, Bruno sentia-se sempre muito ansioso e ao mesmo tempo entusiasmado com a azáfama de todos os preparativos para a desejada consoada. Talvez por isso, quis apanhar ar pelo que decidiu sair de casa. Logo ao descer as escadas da porta da entrada, encontrou um rapazinho sentado no chão com um copo a pedir moedas e a chorar. Aproximou-se dele e disse:

-Ei tu, não tens mais nada para fazer, ó pobrezinho!

-Desculpa se te estou a incomodar, mas a minha casa ardeu e os meus pais sacrificaram a sua vida para me salvar. Agora não tenho nada e estou cheio de fome.

-Mas que triste e patética história, achas que acredito? Tu só estás aí para teres moedas e a atenção de toda a gente, por isso sai daqui e já!

O rapazinho saiu a chorar como se os olhos dele fossem duas cascatas. E desapareceu no fim da rua.

Na noite de Natal, o Bruno comeu, abriu os presentes com os seus parentes, riu muito e brincou. Foi uma noite memorável, cheia de alegria, boa disposição e de convívio com a família.

Quando finalmente foi para a cama, viu uma luz branca e muito intensa a aparecer junto à janela do seu quarto. E, à medida que a luz ia ficando cada vez mais brilhante, apareceu um anjo todo vestido de branco que lhe perguntou:

-Por que é que foste tão mau para aquela criança hoje à tarde?

- Meu querido anjo, na minha opinião, ele estava a ser falso e por isso a enganar as pessoas.

-Sabes, na verdade quem esteve mal, foste tu!

-Eu? Mas porquê?

-Porque tudo que aquela criança disse era verdade. Por isso agora tens de fazer algo por ele, e que seja um bom ato.

-Não sei, não. Esta gente tenta enganar pessoas como eu- insistiu o menino.

- Estás completamente enganado. Peço-te que vás só ter com ele e que vejas com os teus próprios olhos. Anda que eu guio-te.

-Está bem, vou fazer o que me pedes.

E assim, com a ajuda do anjo, o Bruno procurou aquela criança que havia encontrado à porta da sua casa na noite de Natal e que tratara mal. Após algum tempo, o Bruno encontrou então o menino e, de imediato, quis saber o seu nome, ao qual este respondeu:

- Olá, eu sou o Gabriel! E tu, como te chamas?

- Olá, eu sou o Bruno e estive este tempo todo à tua procura para te pedir desculpa da forma como te tratei da última vez, e perguntar se precisas de ajuda.

O Gabriel ficou muito espantado com o Bruno, por este ter esta atitude com ele, uma vez que no último encontro, o Bruno tinha sido muito frio e “sem coração”.

- Agradeço muito a tua preocupação Bruno porque hoje em dia ninguém se preocupa com o próximo, mas sim consigo próprio, e eu só precisava de uma família, amor e carinho!

Perante aquelas palavras que o seu novo amigo lhe disse, o Bruno ficou tão comovido que decidiu conversar com os seus pais para poderem ajudar o Gabriel a encontrar uma nova família. Foi então que os pais, conjuntamente com o Bruno, decidiram adotar o Gabriel e este passar a ser um novo membro da família.

Com esta ação o Bruno aprendeu que na vida o mais importante não são as coisas materiais, mas sim o amor e carinho que podemos dar e receber do próximo.

E todos juntos passaram a ser uma verdadeira família.

## CONTO DE NATAL

Era uma vez, na véspera de Natal, uma família muito abastada que morava numa cidade muito rica, mas onde não havia felicidade. Todas as pessoas tinham um aspeto triste e não sabiam o que era sorrir, caminhavam de olhos no chão, indiferentes ao mundo que as rodeava. Essa família tinha um filho, chamado António.

Os pais de António só queriam vê-lo feliz, mas naquela terra não conseguiam.” Será que temos de mudar de cidade?” Interrogavam-se muitas vezes. Bem, essa ideia não lhes agradava, pois ali nasceram e ali tinham a sua casa. Mas alguma coisa teria de mudar. Para tal, deveriam partir, para bem longe, onde não sentissem o poder do dinheiro que cega os ambiciosos e os torna indiferentes e maus. Um dia regressariam para trazer alegria e felicidade à terra que os viu nascer.

E assim foi. Partiram. Como era época de Natal, decidiram ir à procura do Pai Natal, para que ele os ajudasse a resolver este problema.

Nessa noite, os pais fizeram as malas e levaram o António para a casa dos avós que era longe, mas ficava no caminho que ligava à terra do Pai Natal. Entretanto encontraram um pobre homem, cheio de frio, e resolveram dar-lhe boleia, roupa e comida.

Enquanto viajavam, quiseram saber as razões pelas quais o pobre homem ia naquela direção e o pobre homem respondeu que queria ver o Pai Natal, mas não conseguiu, pois estava muito frio.

Quando chegaram, o pobre homem começou a correr para ver o Pai Natal. O Pai Natal foi muito acolhedor e deixou-os à vontade. O Pai Natal quis saber o motivo de terem ido lá e perguntou-lhes:

- Então, porque estás aqui?

- Pai Natal, para nós, a riqueza não é tudo. O mais importante é ser feliz. Precisamos que o nosso filho continue a sonhar com o Pai Natal e com o espírito natalício, em vez de sonhar com os jogos, com um Natal consumista...

O Pai Natal ouviu-os com muita atenção e não sabia o que dizer. No entanto murmurou:

- Bem...bem...um presentinho a mais não faz mal a ninguém e já os fabriquei para todos. Para o vosso filho, vai um coração cheio de alegria. HO! –HO! - HO! Para vós, meus amigos, a felicidade espera-vos na vossa cidade. Ao vosso companheiro, dai-lhe um pouco da vossa riqueza e continuareis a ser felizes. Ide embora!

Despediram-se então do Pai Natal, ao som do HO! – HO! -- HO!

Ao chegarem à cidade, ao longe, ouvia-se uma música e pessoas com sinos a cantarem. Começava a anoitecer e o céu estava repleto de estrelas cintilantes que iluminavam

o caminho dos trenós que, carregados de prendas e de espírito de partilha, se preparavam para visitar a cidade que tudo tinha, mas não a felicidade.

Agora, a felicidade estava de volta e guardada no coração daquela família que espalhá-la-ia por todos os outros habitantes. Era Natal e sê-lo-ia sempre que quisessem. Era assim que queriam viver.

Robin

## O presente da verdade

Na aldeia do Pai Natal era véspera do grande dia. A aldeia toda foi para a fábrica do Pai Natal e todos se estavam a divertir.

Depois de várias horas de diversão começaram-se a abrir as prendas O Pai Natal estava cansado da festa, a mesa com nada de comida e todos a rirem-se. Nesse instante um pequeno elfo chegou à beira dele e disse:

- Esta prenda é especial, mas abra-a só à meia-noite. Peço-lhe. Não quero que uma maldição caia sobre a aldeia.

O Pai Natal achou aquilo meio estranho, mas disse:

-OH OH OH eu irei cumprir o dissesse.

Tocou para a meia-noite e foram todos para a cama. As luzes desligaram-se e as ruas estavam desertas. O Pai Natal lembrou-se, então, de abrir a prenda.

Abriu-a, mas, nesse momento, uma figura misteriosa roubou-lhe a prenda e foi rapidamente para o Monte dos Picos Gelados. O Pai Natal ficou muito confuso e lembrou-se do que o elfo lhe dissera. Ele tinha de a recuperar porque era do pequeno elfo que lhe dera com tanto gosto e carinho.

Vestiu-se o mais depressa possível, subiu para o trenó e acordou as renas, incluindo o Rodolfo e partiu logo de imediato.

Começaram a subir o Monte dos Picos Gelados e à medida que subiam pelo monte ficava cada vez mais frio. Chegou a uma altura em que estava tanto frio, mas tanto frio que tiveram de parar. O Pai Natal procurou uma caverna e fez uma fogueira. O Rodolfo estava com um olhar preocupado, parecia dizer que uma coisa diferente ia acontecer.

Continuaram o caminho e viram árvores a serem arrancadas, criaturas misteriosas e mais grutas.

-Bem agora se explica porque estavam tantas árvores caídas na aldeia e corpos de animais estranhos.

Algun tempo depois, continuaram a aproximar-se do sítio onde a sombra estava. Via-se mais nitidamente, com mais intensidade. Viram uma gruta e entraram. O Pai Natal ficou cara a cara com a sombra. Não se tratava propriamente de uma sombra, era mais um ser de quem não se via a cara. Levantou a cabeça e olhou para o Pai Natal. Tirou o capuz e... parecia ser uma criança entre dez, onze anos. Quando o viu melhor, apercebeu-se que era o elfo que lhe tinha dado o presente. Pediu-lhe para o abrir e lá dentro havia um pergaminho que dizia: "O presente vale mais a pena com as pessoas que mais adoramos e não importa o que há lá dentro" “.

O Pai Natal ficou a pensar nestas palavras e, um dia depois, dirigiu-se às pessoas da aldeia. A mensagem que recebera tinha de ser dita a toda a gente.

-Elfos e Elfes, a partir de agora, não importa se a prenda é um bem material valioso ou não. O mais importante é que venha do coração.

E assim se aprendeu o verdadeiro significado de oferecer uma prenda nesta época.

Ruca



### Uma pitada de gengibre para o Natal

Era uma vez...numa terra muito distante, uma pequena vila, situada no cume de uma montanha onde nevava torrencialmente, todos os dias, a toda a hora. Lá, as pessoas não eram nada felizes! Só se pensava em trabalho, na tristeza e na miséria das suas vidas. Estes habitantes nunca viram o Sol, por isso, andavam sempre constipados, pálidos e com frio. Naquela vila quase não havia crianças, devido ao facto de muitas pessoas não sentirem amor e felicidade e, se caso isso acontecesse, muitas delas acabavam por adoecer. E adivinhem... isto acontecia apenas por sentirem tão forte emoção.

Mas, como foi mencionado acima, quase não havia crianças, porém ainda existem algumas. E, como eu costumo dizer, pode parecer pouco mas torna-se muito. Portanto, hoje vou falar-vos de um menino especial, um menino diferente, mas, ao mesmo tempo, igual aos outros. Este rapaz chama-se Renato e o seu aparecimento é um mistério. Bem, vão buscar pipocas e uma ventoinha, porque isto vai aquecer!

O Renato era um menino simpático, gentil e fiel, mas também muito curioso e esperto. Se alguém lhe tentava fazer uma surpresa, mais valia desistir, pois quem acabava por ser surpreendido eram os próprios organizadores. Nada lhe escapava, fosse o que fosse.

Este rapaz vivia com a sua avó e com o seu tio, já que nunca tinha conhecido os seus pais. Ele estudava com a avó. Esta sempre o quis meter na escola, só que o seu orçamento não era suficiente. Por isso, sempre que o menino saía à rua, ficava tão alegre como nenhuma outra criança. Era por isso que ele era especial! Normalmente, as crianças, quando saíam à rua, ficavam sentadas num banco ora a lamentarem-se, porque queriam ir para casa, ora a chatearem a cabeça aos adultos. O Renato não era assim. Mal saía, punha-se logo a pinchar, a fazer bonecos de neve com quem falava constantemente e eram muitas as vezes em que o viam a dar mimos aos cães abandonados da vila. Quando voltava para casa, pedia sempre à avó que lhe fizesse um chocolate quente e três dos seus deliciosos biscoitos, pedido que a avózinha nunca recusava. E assim iam passando os dias, as semanas e os meses.

Finalmente tinha chegado o mês de dezembro, a altura em que ninguém se entusiasmava exceto o Renato e a sua avó. Nem o tio se conseguia alegrar por um minuto que fosse, porque naquela terra não era costume celebrar o Natal. Ali toda a gente pensava que iria chegar uma coisa muito má, porque as tempestades cada vez ficavam mais fortes e turbulentas, havia nevões mais fortes e as nuvens ficavam mais escuras. Para o resto da população não havia nada para celebrar, mas sim para temer.

Mas com a avó e o Renato isso não acontecia. Decoravam a casa com luzes multicolores, montavam o pinheirinho que estava na cave e enfeitavam-no com bolinhas e outros enfeites; já

Por: Taylor Stars (Pseudónimo)

para não falar das meias penduradas na lareira que, na noite antes do Natal, ficavam cheias de doces! Huummmm! Parece delicioso! Mas continuando... Enquanto o tio se ia deitar bem cedo para no dia seguinte ir trabalhar logo pela madrugada, o nosso menino e a nossa avó ficavam acordados até muito tarde para se poderem deliciar com as guloseimas e com o aconchegar quente da lareira. Mas, infelizmente, quando soou a badalada das doze horas e o pinheirinho não tinha presentes, o rapaz nem ficou admirado, pois já estava a contar com isso. Em nenhum Natal o Pai Natal tinha passado por aquelas bandas.

- Avó, porque é que nunca temos presentes debaixo da árvore?- perguntou o Renato.

- Querido, o importante é que estamos os três juntos. Os presentes nem precisavam de existir. Mas tens aqui o meu presente...- afirmou a avó, dando um beijo na cara do neto.

- Obrigado, avó, mas não é a mesma coisa... - disse o rapaz cabisbaixo.

- Mas de onde é que veio essa pergunta? Normalmente tu ficas todo feliz quando ficamos os dois acordados até à madrugada de Natal!

- De lado nenhum. Foi uma pergunta disparatada! Boa noite! - murmurou o Renato.

- Boa noite! Dorme bem!

No dia seguinte, no dia de Natal, o Renato acordou com os pés de fora. Estava tão mal humorado que parecia que o diabo lhe tinha tomado conta do corpo. Quando a avó lhe perguntou se tinha dormido bem, ele, sem pensar duas vezes, respondeu-lhe torto. Quando acabou a frase, tapou a boca com as mãos e trancou-se no quarto. A avó, a recear pelo pior, teve uma ideia: pegou em farinha, água, gengibre, botões, uvas passas e, em vez de fermento, foi ao seu velho quarto, de encontro com o quadro do seu falecido marido e... o quadro era uma portinha secreta para um esconderijo da avó. Lá de dentro, tirou um frasquinho com um pozinho muito colorido. Depois voltou à cozinha e pôs mãos à obra. Quando retirou um tabuleiro do forno, conseguia-se observar um biscoito de gengibre em forma de boneco. Mas ainda era um biscoito normal. Faltava-lhe uma pitada de magia. E ainda bem que avó não lhe pôs logo o pó, senão o tio ia descobrir este grande segredo. Mal viu o biscoito, tentou-lhe logo pôr a mão, pelo que a avó o impediu, dando-lhe com a colher de pau nos dedos.

- Isto não é para ti, seu guloso! - gritou a avó.

- Está bem, está bem, eu não como nada! - disse aborrecido o tio, saindo pela porta fora, pois já estava atrasado.

Depois de ele sair, a avó pulverizou o biscoito com o pó mágico e o doce ganhou vida.

- Muito prazer! O meu nome é Lerry. Em que posso ajudar? - perguntou o biscoito com uma voz doce e solene.
- Olá! Não estou para me apresentar... Preciso que ajudes o meu neto! - exclamou preocupada a avó.
- Que rabugenta! Mas aceito a tua ordem. Só uma questão: ajudá-lo em quê?
- Olha, vou-te contar tudo, mas se alguma vez abrires a boca...
- Está bem. Eu prometo que não digo nada. Mas agora menos rodeios e mais história! - pediu o Lerry.
- Olha, o Renato não é daqui! - disse a avó quase a chorar.
- A sério? Então de onde é ele?
- No sopé desta montanha existe uma vila onde o sol brilha eternamente, quase nunca neva e as pessoas são muito felizes e alegres. Não há nada neste mundo que as deixe tristes - afirmou a avó. - Um dia bateram-nos à porta, tinha eu sessenta e oito anos. Mas, quando fui abrir a porta, não estava lá ninguém, apenas um cesto de vime com um pano dentro. Ao princípio julguei que fosse uma partida, só que depois ouvi um choro muito abafado. Peguei no cesto e vi um bebé muito lindo e desesperado. Como eu e o meu marido não podíamos ter filhos, adotamos o Renato e tratámo-lo como se fosse nosso filho. Conforme foi crescendo, para ele não começar a desconfiar, disse-lhe que os pais pediram que tomasse conta dele, pois supostamente eles iam "jantar fora" e que mais tarde tinham sido atropelados. Mas ele está a crescer e a ficar mais curioso e mais tarde ou mais cedo irá descobrir o segredo que está a abarrotar em mim há onze anos. Como nenhum adulto ou criança lhe transmite energia positiva, ele está a tornar-se sisudo.
- E deixa-me adivinhar: queres que eu o entretenha e o mantenha o mais positivo possível?
- Sim, por favor! Vá lá, ajuda-me. Não o quero perder! - implorou a avó.
- Espera lá! Mas como é que sabes isso tudo? - perguntou desconfiado o nosso doce.
- Porque... porque...por....que... eu também sou dessa vila! - desabafou a avó. - Eu quis vir-me embora, porque aqueles habitantes não aceitavam as diferenças dos outros, por isso vim para aqui. Estes habitantes podem ser tristes e carrancudos, mas não são cobardes. São honestos e verdadeiros!
- Ui! Isso é que já é pior. Não te preocupes que eu trato do teu neto. Mas tens de lhe contar isso. Ele vai acabar por perceber e pode ficar desiludido contigo.
- Não vou dizer nada e ponto final! - insistiu a avó.

- Ou contas tu ou conto eu! - tentou o Lerry dar a volta à coisa.

- Está bem, eu conto. Não quero que seja uma bolacha a contar ao meu rapaz o que podia ter destruído a sua vida.

Depois desta conversa, a avó bateu à porta do neto e contou-lhe tudo sem faltar nenhum pormenor.

- Mas, por que é que não me contaste? Eu sempre pensei que era diferente, mas não a esse ponto!- perguntou o Renato confuso e irritado.

- Mas eu...- tentou a avó.

- Mas tu nada. Tu mentiste à descarada. Amanhã vais dizer-me onde fica essa vila e eu vou-me embora! - Nunca mais vou confiar em ti! - resmungou o menino.

Após isto, o menino foi vestir o pijama e foi para a cama, depois de a avó ter saído do quarto. Mas ele não se tinha apercebido de que tinha magoado a sua criadora. A avó, ao sair do quarto, ficou tão triste, que pouco a pouco começou a ficar sisuda, como os habitantes da vila. O Lerry, ao ver aquilo, percebeu que tinha de intervir. Quando se apercebeu que o menino já estava a dormir, subiu para a sua cama e pensou para si, movendo as mãos de cima para baixo “Pensatis, pensamentos, faz este menino ver os seus lamentos!”. Pronunciadas estas palavras, o Lerry deu um pulo para fora da cama e saiu do quarto sem que ninguém se apercebesse. Durante a noite, o menino dormiu profundamente. No dia seguinte, ele pediu à avó que lhe dissesse onde ficava a vila, pelo que a avó lhe indicou tudo ao pormenor, ainda a chorar. O menino fez as malas e partiu.

Caminhou durante três horas, passando por várias grutas subterrâneas para chegar ao sopé da montanha. Quando lá chegou, encontrou muitas crianças a jogar à bola. Pediu-lhes para brincar, mas todas recusaram, dizendo que ele era esquisito. O Renato não compreendia. Ele era esquisito porquê? Depois perguntou a outros miúdos que estavam a jogar às escondidas. Mas também recusaram, pois ele tinha acabado de estragar o jogo e voltaram a chamar-lhe esquisito. Ele começou a ficar muito triste com a sua decisão. A avó era a única que lhe dava amor e ele tinha-a deixado triste, depois de todo aquele esforço. Quis voltar para casa, só que quem saía da vila alegre e voltava a entrar ficava lá preso para sempre. Ele chorou e chorou, porque estava sempre sozinho. Ninguém brincava com ele por ele ter vindo da aldeia triste. Estava arrasado o pobre do Renato. Até que...puf...acordou. Tinha sido um sonho! Que alívio para ele não?

Saiu do quarto a correr e, quando encontrou a avó a chorar, deu-lhe um abraço muito forte, pedindo desculpa. O Renato disse que queria ficar com ela, pois quem nos dá amor também o merece receber, não é? Desejo a todos um toque de gengibre para o Natal! Bom Natal!

Por: Taylor Stars (Pseudónimo)

## Conto de Natal

### A árvore mágica

O dia nasceu mais claro e luminoso do que o habitual naquela cidade do litoral. A época de Natal aproximava-se. Paulo vivia num bairro de pequenas casas unidas pela má sorte. Como todos os meninos, tinha muitos sonhos e ambições que depressa se desvaneciam perante as adversidades do dia-a-dia. Era o mais novo dos quatro irmãos. O pai, um humilde trabalhador, que todos os dias se levantava de madrugada, ainda antes do sol nascer, para trabalhar na construção civil e trazer alimentos para casa. A mãe sofria de uma incapacidade que não a deixava trabalhar e, por isso, a família vivia com muitas dificuldades.

Paulo tinha mais três irmãos, um rapaz, o João e duas meninas, a Joana e a Maria. O João frequentava o sexto ano, era um rapaz ruivo com o rosto salpicado de sardas e olhos castanhos. O Paulo frequentava o segundo ano, era um menino aplicado, curioso, alto, delgado e tinha uns lindos caracóis loiros. A Joana tinha treze anos e frequentava o sétimo ano. Era uma menina muito alegre, de longas tranças negras, que a mãe penteava artisticamente todos os dias. A Maria tinha nove anos e era a companhia preferida do Paulo, muito malandra e olhar atrevido e curioso.

Com a chegada do mês de dezembro, o Paulo e a Maria pensaram ir procurar uma árvore ao pinhal que ficava atrás do seu bairro. E, num final de tarde, lá foram cheios de entusiasmo em busca da sua árvore. Andaram muito, a certa altura sentindo-se cansados sentaram-se junto a um pequeno pinheiro que a Maria sugeriu cortar para levarem para casa. O Paulo concordou e começou a cortar a árvore. Quando deram as primeiras pancadas no pinheiro ouviram uma voz.

- Pára, pára! Não me podes cortar porque sou uma árvore especial e quem me tratar bem dar-lhe-ei três desejos.

O Paulo e a Maria estavam admirados e muito assustados.

- Paulo, vamos parar! – disse a Maria.

- Desculpa! Eu não queria magoar-te, mas não tínhamos dinheiro para decorar a nossa pequena casa e lembramo-nos de a enfeitar com uma bonita árvore de Natal.

A árvore disse-lhes:

- Peçam os vossos desejos e poupem-me a vida porque sou valiosa e posso ajudar muitas crianças!

- Paulo, Paulo, que vamos pedir? – questionou a Maria.

Sem hesitar, Paulo formulou o seu primeiro desejo.

- O meu primeiro desejo é que a minha mãe recupere a sua saúde!

Depois, foi a vez da Maria formular o seu.

- Eu gostava que o meu pai tivesse uma empresa de construção civil com muitos empregados, que também poderíamos ajudar! – exclamou a Maria.

- Como estamos no Natal, gostava que todos os meninos do nosso bairro tivessem lindos brinquedos, uma mesa recheada de deliciosos petiscos e as suas casas mais confortáveis e acolhedoras! – pediu o Paulo.

Assim, naquele Natal, o bairro que era triste e frio, foi inundado de alegria e felicidade. A mãe do Paulo recuperou a sua saúde, o pai transformou-se num grande empresário, deu emprego a todas as pessoas do bairro, possibilitando-lhes ganhar mais dinheiro, melhorando assim as suas casas e a forma de viver dos moradores.

O Paulo transformou-se num menino cheio de esperanças e começou a acreditar que existe sempre uma forma de ajudar os amigos e proteger a natureza.

Autor: Tily

## O meu conto de Natal

Numa noite gélida, havia em cada canto do mundo crianças que não conseguiam dormir porque estavam ansiosas que chegasse o dia de Natal!

Eu era uma delas, só que não pensava naquilo que iria receber como presente de Natal.

Sinceramente, o que eu mais gostava, se fosse possível, seria dar a volta ao mundo e visitar alguns países e ver como festejam o Natal. Porque cada país tem tradições e culturas diferentes e eu tenho curiosidade de as conhecer!

Mas acho que não vou receber esse grande e belo presente!...

Na manhã seguinte, vi a minha família vestida com roupa de sair e com malas de viagem, e eu estava de pijama! Pensei que estava alucinando ou ainda a dormir por isso, corri para a casa de banho para molhar a minha cara com água.

Passado algum tempo, enquanto estava a tentar acordar, a minha madrinha deu um berro e eu apercebi-me que era tudo real, não estava a sonhar!

A minha família disse que este ano só ia receber um presente...

No pequeno almoço, a minha mãe disse que não íamos comer nada de especial pois tínhamos de ir a correr para o Aeroporto. Eu deixei-me ir pela conversa, queria ver o que ia acontecer...

Entramos no carro e não fomos para o Aeroporto normal, mas sim para um que tinha muitas purpurinas e placares de crianças de todas as nacionalidades.

Entramos no Aeroporto e as pessoas que lá trabalhavam pareciam duendes!

Quando entramos no avião tive a coragem de perguntar:

-Para onde vamos neste avião?

O meu primo começou a falar de uma forma muito calma, e disse:

-Nathalia, se nos tivesses ouvido saberias que te dissemos que iríamos viajar ao “Canto do mundo”. Tu querias viajar pelo mundo? Certo?

Eu abracei-os com muita força! Quando dei conta o avião encantado já tinha aterrado e já era a hora de jantar.

Jantamos todos juntos e com muitas pessoas desconhecidas e simpáticas que falavam muitas línguas diferentes.

Eu não parava de olhar para todas os pratos de comida diferentes! Todas se viam deliciosas e só me apetecia provar cada um desses pratos, porque cheirava tão bem!

As pessoas que ali estavam começaram a falar-me sobre os costumes do seu país, falavam muito bem em português, e eu tive a oportunidade de conhecer a sua cultura e tradições.

Eu fiquei muito grata, pela experiência e simpatia deles!

Eu não estava a contar com este belo presente de Natal. É bom quando nos deixamos levar pelos sonhos e acreditamos!

*Verde*



## O Natal de Maria

Era um dia de chuva daqueles em que as pessoas acabam de acordar e sentem logo a magia do dia. Era natal!!

A Maria acordou com umas cantorias que vinham do exterior da casa e perguntou para si:

-Quem estará a cantar?

Quando foi espreitar à janela deparou-se com muitos turistas, mas havia algo de estranho com eles. Ela não sabia o que era mas o facto é que eles eram diferentes. Andavam a conhecer aquela cidade linda e deslumbrante. Sem pensar duas vezes, foi lá ter, e por azar eles falavam uma língua mais complicada que chinês.

Pensou para ela:

-Será que se eu falar português eles vão entender???

E disse:

-Olá sejam bem vindos a Lisboa!!! Hoje é dia de Natal, vocês sabem o que é o Natal???

E todos abanaram a cabeça (o que queria dizer não).

E Maria disse:

-Então venham comigo!!!!

E lá foram todos atrás dela. Quando chegaram casa ficaram todos de boca aberta perante tanta magia numa só sala. Maria disse para eles se sentarem na mesa do convívio que era uma mesa redonda com muitas cadeiras.

Sentou-se com eles na mesa e disse:

Ainda não viram tudo, estão prontos para o resto??

E todos eles disseram:

-Si,si,siiii

Quando a Maria ia para mostrar o seu cãozinho que estaria debaixo da mesa, ele não estava lá. Ela fartou-se de o procurar por todo o lado mas ele não estava em nenhum sítio da casa. Quando olhou para os turistas estavam todos a rir-se e ela disse-lhes:

-Qual é a graça??

E eles não responderam, ficaram calados. E foi aí que ela começou a desconfiar um bocado e a pensar para si:

-Será que eles são portugueses e estão a dizer isto para me enganar???

Mas depois voltou a procurar o seu cãozinho. Passadas três horas, quando estava quase sem esperança olhou para fora e suspirou:

-Aaaa,uufffff!!

Mas quando olhou de novo nem podia acreditar no que via, o seu cãozinho estava na mala da carrinha dos turistas e disse para si mesma:

-Eu sabia que aqueles turistas eram estranhos só pela cara deles no início a olhar para mim como se fosse sei lá o quê.

Sem mais nem menos foi lá buscar o cãozinho e depois de muitas festinhas disse-lhes:

-Vocês não merecem ser bem vindos à minha casa, vocês iam roubando o meu cão se não fosse eu nem sei o que seria dele, pobre Patas Fofas.

Logo em seguida os turistas correram daquela casa porque não queriam ser mal vistos.

Com isto tudo já eram 17:00 horas e Maria estava ansiosa para ver a sua família.

Sinceramente ela não se importava com os presentes porque a sua família tinha pouco dinheiro para dar presentes no Natal. Dessa maneira Maria nunca teve um brinquedo para ela nem nunca tinha tocado num.

À meia noite o Pai Natal chegou mas Maria não acreditava no Pai Natal. No entanto este ano ela sentiu que alguma coisa lhe dizia para acreditar no Pai Natal , então decidiu dar -lhe uma oportunidade. Ficou à espera e de repente olhou para a árvore e tinha lá um presente que dizia:

-Este ano mereces ,porque conseguiste salvar uma vida e além disso uma vida de um ser que te ama, parabéns!!

Maria ficou sem palavras de tão lindo que era aquele presente. Um mickey gigante para ela e um mais pequeno e que fazia barulho para o seu cãozinho.

Mas ela toda contente pensou: o que terá acontecido com aqueles turistas??Logo de seguida olhou para a rua e estavam lá eles a chorar e perguntou:

-Porque é que vocês estão a chorar??

Mas depois ouviu sussurrar:

-Não lhe contem que nós estamos a chorar porque temos 25 anos e a nossa mãe expulsou-nos de casa porque não queríamos trabalhar nem fazer mais nada. Digam que foi por não termos recebido presentes de natal.

E disseram todos em coro:

-Porque o Pai Natal não nos deu presentes.

E a Maria respondeu:

-Sabem “rapazes” eu ouvi bem o que vocês disseram e sei que me estão a mentir.

E no fim fechou a janela como se não houvesse amanhã.

E assim foi o Natal da Maria, os maus foram castigados e os bons foram recompensados.

# **Contos de Natal**

**Faixa Etária dos 13 aos 16 anos**

### O que faz brilhar o Natal?

Porque no Natal, quando nos encontramos reunidos na sala, nunca percebemos o que realmente se encontra em causa. O que cria aquela felicidade compulsiva, seguida de ansiedade e entusiasmo criada por esta festa. Mas será que todos a consideram uma festa? Bem, nem todos. Temos o exemplo de Gaspar Dias, um homem de temperamento rezingão e mal-humorado que, considerava o Natal uma oportunidade para a sua vizinha, a Dona Emília, o martirizar com algumas lições de bom senso, e tentar convencê-lo a dar dinheiro a este ou aquele. E não era que o Sr. Gaspar fosse propriamente pobre, mas, também não era rico e, portanto, considerava que não tinha o dever de ajudar os outros. Aliás, o Natal, não representava rigorosamente nada para este homem, dado que não tinha com quem o celebrar.

Envolto em papel vermelho, com pintinhas brancas, e enfeitado com um grande laçarote dourado, um pequeno presente ocupava o seu lugar entre os outros, em redor do pinheiro de Natal da sua avó. Gaspar aproximava-se dele, mas a mãe, dando-lhe uma palmada amigável na mão, dizia-lhe sorrindo:

-Ainda não é hora! Sê paciente, meu menino.

E, nessa altura, ele gostava do Natal. No entanto, agora já não havia nada que o prendesse a esta celebração. E era inútil que a vizinha, ou qualquer outra pessoa se esforçasse por convencê-lo a sentir prazer nesse sentido. Portanto, o Sr. Gaspar preparava-se para um Natal igual a todos os outros, sem fazer tenções de se empenhar. D. Emília fazia os possíveis para não reparar na total ausência de decorações natalícias, presente em casa do seu compadre. O oleiro já nem se incomodava em exhibir-lhe as suas obras, assim como o lenhador não o forçava sequer a olhar para os magníficos pinheiros que tinha para venda. Enfim, digamos que todos os habitantes daquela pequena vila sabiam que Gaspar não partilhava das suas alegrias.

Certo dia, acontece que veio bater-lhe à porta um homem moribundo, com as vestes rasgadas e umas longas barbas grisalhas. Pedia algo com que matar a fome. Habitualmente o Sr. Dias tê-lo-ia mandado embora, como era seu costume, no entanto, aquele velho sozinho e triste abriu uma ranhura de compadecimento no seu coração de pedra. E não querendo negar o que julgava poder ser o último desejo de um homem à beira da morte, deu-lhe um pão. O sujeito olhou-o com espanto e comentou:

-Há anos que caminho, esperando encontrá-lo.

-Como assim?

-Ora – retomou o velho – havia na minha terra quem dissesse que a entrada para o céu era paga com um pão.

-Lamento interrompê-lo, mas, a verdade é que não ligo muito a essas parvoíces e, portanto, peço-lhe que as guarde para si. Além disso, tenho coisas a fazer. E, dizendo isto, fazia menção de fechar a porta, quando o outro o impediu proclamando:

-Quem tem um pão tem tudo, pois só quem é puro de alma se contenta com um pão, ou tem quem lho dê.

-O que diz?

-Digo que me salvou. Deus finalmente teve piedade de mim e perdoou-me pelos meus pecados. Só não compreendo como pode um homem como o senhor não ser crente! Então não festeja também o Natal?

-O Natal – retorquiu secamente o Sr. Dias – não tem porque ser festejado, tenho mais com que gastar o meu tempo e dinheiro.

-Se é assim que pensa, digo-lhe desde já: Não acabará muito melhor do que eu! – e com esta, foi-se embora, deixando exposto ao frio e à solidão um Sr. Gaspar confuso e desalentado.

Ao cabo de alguns dias apareceu-lhe em casa um gato. O pobre animal suplicava por comida e, embora não falasse, o seu olhar e miar desalentado diziam tudo! Este, no entanto, já não foi ajudado. O dono da casa considerava que aquilo já era abuso e limitou-se a escorraçar o bicho. O felino, porém, não desistia assim tão facilmente, e não se calou enquanto um já exasperado Sr. Gaspar Dias não lhe abriu a porta e lhe atirou um bocado de peixe. O gato olhou-o com um ar agradecido e, pegando no peixe, seguiu o seu caminho.

“Bom - pensou o seu salvador – seguindo a lógica do outro, talvez para os gatos o peixe seja o bilhete para o paraíso”.

No entanto, as visitas a este senhor estavam longe de terminar. Pode-se antecipar o espanto que sentiu quando encontrou à porta uma menina magricela, de faces rosadas e o cabelo apanhado em duas tranças que lhe pedia ajuda!

-Senhor, estou perdida. O meu pai veio comprar um pinheiro para o Natal e eu, enquanto ele fazia o negócio, distraí-me e agora não sei como voltar para casa.- explicou a menina.

-Nesse caso aconselho-te a ires incomodar outra pessoa – desdenhou Gaspar – Olha, vai por exemplo à Dona Emília, é já aqui na porta ao lado, ela adora criancinhas insuportáveis!

-Por favor! – suplicou a menina – Está escuro e frio e eu não conheço ninguém. O senhor é o único que tinha a luz acesa em casa. Pelo menos arranje-me uma velinha, só para iluminar o caminho e aquecer-me um bocadinho!

Aqui, o Sr. Gaspar não resistiu. Quem poderia dizer que não a uma menina adorável que se encontrava em tal infeliz situação? Desta vez foi o Sr. Dias que insistiu, mas, para que ela

entrasse e passasse lá a noite, de modo a que no dia seguinte, logo de manhã cedinho, a criança pudesse encontrar o caminho para casa. E este convite foi aceite com a maior das alegrias.

Já o sol ia alto quando os dois improváveis companheiros encontraram a família da rapariga que, como seria de esperar, andava preocupadíssima com o seu paradeiro. O reencontro foi algo digno de se ver, e o nosso caro Sr. Gaspar sentiu uma satisfação de que já há muito tempo não se recordava.

Sentado no cadeirão da sua sala, refletia nas boas ações que tinha praticado nos últimos dias. Faltava somente uma semana para o Natal. Gaspar levantou-se e dirigiu-se à janela, donde avistou um grupo de crianças que brincavam na rua. Viu também a sua vizinha carregada de sacos, a caminho de casa. Num impulso que nem o próprio compreendeu, Gaspar precipitou-se a ajudá-la. Dona Emília, após de ter sido aliviada de algum do peso que transportava, deu largas à sua admiração.

-Senhor Gaspar! Estou perplexa, ainda há apenas alguns minutos diria que era mais provável que o senhor se regozijasse com o meu sofrimento do que vir em meu auxílio!

-É verdade, - reconheceu o outro – Mas há já algum tempo que me sinto diferente.

-Pois, pois, é com certeza o efeito do espírito natalício.

-Se eu lhe contasse o que me aconteceu nos últimos dias...

-Sou toda ouvidos...

-Bem...

-Desembuche lá, homem!

-A verdade é que me têm batido à porta várias pessoas com pedidos de ajuda....

-Talvez lhe estejam a dar uma oportunidade de se redimir.

-Redimir-me?

-Talvez nunca lhe tenha ocorrido, mas o senhor tem muitas lacunas. E não festejar o natal é uma delas, pois é um momento de paz e pureza de espírito, que nos é concedido, e nos dá razões para sermos bons.

-Ah! Tem razão, mas eu nunca o poderia celebrar!

-Porque não?

-O Natal é, mais do que tudo, uma ocasião para conviver, e eu não tenho família com quem cear.

A senhora compadeceu-se então daquele pobre homem, que, sob uma capa de desdém e amargura, há muito escondia a ausência de amor e carinho e, nestes termos, convidou-o:

-Venha comigo, em minha casa quanta mais gente melhor, portanto, eu gostava muito que o senhor Gaspar aparecesse por lá na véspera de Natal.

-A sério, tem a certeza?

-Mas é claro, fazemos muito gosto em recebê-lo.

-Adorava, e fico-lhe muito agradecido, no entanto gostaria de lhe fazer outra proposta.

Intrigada, D. Emília indagou:

-E do que se trata?

-Gostava de a convidar a si e à sua família para passarem a consoada na minha casa. Eu sei que não o mereço, mas peço-lho, conceda-me este favor, significaria o mundo para mim!

-Bom, apanhou-me de surpresa, mas, se significa assim tanto para si, porque não! Aceito de bom grado, mas só se me deixar ajudar com os preparativos!

-Fico-lhe eternamente grato – exclamou o Sr. Gaspar tentando disfarçar as lágrimas de emoção.

Na véspera de Natal, ainda não eram oito horas e já o nosso protagonista se encontrava sentado à mesa com a D. Emília, o marido e restante família, acompanhados por deliciosos petiscos. Já era possível sentir o cheiro do peru recheado, bacalhau com cebolada, rabanadas, bolo-rei e aleitria. Todos conversavam alegremente quando o toque da campainha interrompeu o serão.

-Quem poderá ser? – questionava-se o Sr. Dias – enquanto se levantava e dirigia para a entrada.

-Assim que a porta se abriu duas caras conhecidas sorriam! O velho a quem tinha dado um pão, e a menina que havia ajudado a encontrar os pais...e baixando o olhar descobriu uma terceira visita, o gato!

Agora a felicidade do Sr. Gaspar estava completa, e um sentimento de regozijo e ternura invadiu o seu coração.

Dali em diante, um mês antes do Natal, já a casa do Sr. Gaspar Dias brilhava com as bolas, estrelas, presépio, pinheiro, azevinho, e toda a espécie de enfeites imaginários! Além disso, nunca mais o passou sozinho, pois agora tinha uma nova família com quem o partilhar e passou por isso a ser muito amado e querido por todos. E por isso vos digo, o Natal é uma oportunidade que vos é dada para conviverem e serem felizes, aproveitem-no!

A. S. Paz

E se o Natal começasse agora?

É natural que todas as pessoas que pisam a Terra saibam a história do Natal. Todos sabem que Jesus nasceu em Belém, é filho da Virgem Maria e de S. José, na noite de 24 para 25 de dezembro, e que, pouco tempo depois, este recém-nascido foi visitado por três Reis Magos, que lhe ofereceram ouro, incenso e mirra!

E se esta história se repetisse em pleno século XXI? Difícil de imaginar, mas eu dou-vos uma ajuda.

Estamos em Portugal, mais especificamente no Porto. Os carros enchem as ruas, assim como os turistas, as luzes decoram a cidade e o *shopping* está a abarrotar às custas da *Black Friday*.

Maria, uma jovem trabalhadora-estudante, queria muito aproveitar os saldos para comprar aquela camisola que há algum tempo namorava, contudo, está no aeroporto Francisco Sá Carneiro à espera que o seu marido chegue. José é emigrante, trabalha e vive em Londres para ganhar um pouco mais e melhorar a qualidade de vida da sua família, que veio visitar.

Mal o seu avião aterra, José corre com a sua pequena mala de cabine e ao ver Maria dá-se uma daquelas cenas lamechas que muito vemos nos filmes. Abraçam-se, beijam-se, dizem que se amam e, finalmente, dirigem-se para o carro. O casal decide parar num café e é então feita a revelação estonteante.

- José, meu amor, tenho uma notícia divina para te dar. Nós vamos ter um bebé!

O seu marido, inicialmente, sente a alegria a invadir-lhe as veias, porém, subitamente, a emoção dá lugar à razão! Como poderia estar Maria grávida se eles não se viam há um ano? O filho não poderia ser dele!

- Maria, tens a certeza? Já fizeste o teste?

- Sim, José, vais ser pai. Não precisei de fazer testes (aliás, os de algumas clínicas são muito pouco credíveis), um anjo disse- mo! Desceu dos céus só para me contar que eu carrego o teu filho.

- Amor, voltaste às drogas??

A caminho de casa, a conversa vai-se desenrolando, mas o mistério era difícil de entender e a barriga cada vez mais proeminente acelerou a assinatura



dos papéis do divórcio. Maria fica sozinha, uma vez que José acredita piamente que foi traído. Muito provavelmente foi, mas só Deus sabe!

José regressa a Inglaterra e resolve afogar as suas mágoas em bares e cai no desânimo.

Aproximava-se o 24 de dezembro. Maria acordou bastante bem-disposta, mas, a meio da tarde, as contrações começaram. Receando conduzir, chama a ambulância e fica depois internada no hospital de São João.

Três amigos, que estudavam com ela na universidade, souberam através do *Facebook* que o bebé tinha nascido, e qual não foi o espanto deles ao receberem tal novidade! Meteram-se num *Uber* e foram rapidamente visitá-la.

- Maria, há quanto tempo! Trouxemos presentes para a criança. Quem é o pai? O José? – perguntou o Baltazar.

- Não propriamente.

- Este menino vai ser tão alienado como tu. Trouxe-lhe uma máscara por causa da poluição do ar. – disse o Gaspar.

- Cá eu trouxe-lhe uma garrafa de água pura que, nos dias em que vivemos, é raríssima.- explicou finalmente o Belchior.

- Bem, eu como sou muito avançado comprei-lhe o seu primeiro telemóvel. Agora ninguém vive sem a tecnologia! - acrescentou Baltazar.

Maria agradece-lhes as lembranças e o carinho demonstrado.

E assim, o pequeno Jesus iniciava a vida na Terra, criando o Natal. Um pouco assustador, talvez!

Levamos o Natal como garantido, é uma festa que festejamos e preparamos com afinco. No entanto, é também algo incerto e baseado em crenças. Uma coisa é certa, se o menino Jesus nascesse em 2019, provavelmente, esta época do ano não teria a magia que atualmente tem!

Catarina Veloso

## Uma amizade eterna

Onze meses já se passaram, chegou a noite mais esperada do ano, a véspera de natal. Chegaram os doces, os jogos, as prendas e a família unida, a casa cheia, os jantares com amigos, a diversão..., mas será bem assim? Será que toda gente vive esta época com a felicidade no rosto, a mesa cheia ou ate mesmo algum tipo de companhia?

André é um jovem órfão que tem o sonho de ser alguém importante, quer que as pessoas saibam o seu nome. Mas este sentimento de fazer parte de algo glorioso é já uma mera miragem para o pobre André porque no seu orfanato existem regras muito rígidas. A liberdade de expressão não é permitida e toda a criatividade é tirada às crianças, substituindo-a por matérias escolares e estudo frequente. “Tudo isto vai mudar, um dia eu vou sair deste sítio e tornar-me alguém, vou dar um futuro a todas as crianças para que elas não passem o que nós passamos”, dizia o André ao seu fiel amigo, o Artur cujos pais o abandonaram à porta do orfanato, e o Artur suspirava para que os ideais e os desejos do seu amigo um dia pudessem ser realizados. Mal sabiam os inseparáveis amigos que tudo iria mudar.

Já chegado o ultimo mês do ano e os nossos protagonistas faziam planos para a noite mais especial do ano, e não me refiro à noite de natal, essa noite não era celebrada no orfanato “infernai”, pelo menos era assim que o André lhe chamava. A noite mais especial do orfanato era a noite da diversão, a noite em que cada criança poderia pedir apenas um desejo, excepto um, que o natal fosse celebrado. Revoltados com a proibição da noite natalícia os amigos decidem pedir a mesma coisa, a expulsão do horripilante e assombroso diretor do orfanato, e claro é que estes dois se puseram em sarilhos, o “bruxo” que comandava ficou muito indignado com a ofensa, então decidiu separar os pobres amigos. Cada um iria para um local diferente, o André iria para um novo orfanato (o mais cruel do país) e o Artur iria manter-se mas iria cumprir um pequeno serviço comunitário, iria limpar as casas de banho durante dois meses. Este castigo foi avassalador para ambos, o destino de construir algo juntos não é mais do que uma mera ilusão, nada mais do que um sonho que nunca se irá realizar, as ambições e os desejos agora já não fazem sentido.

Já se passaram algumas semanas desde a separação e as saudades são imensas e o Artur já só pensa que nunca mais irá ver o seu companheiro, já sem esperanças, sem amor no coração e sem vontade de fazer o bem entre todas as crianças, cresce com a amargura no seu coração e torna-se então um jovem com um futuro sombrio. Já o André, apesar das intensas saudades e da angústia da separação, arranja uma maneira de fazer com que a maldade não se apodere do seu coração, a escrita torna-se o seu confidente, torna-se um local de refúgio onde as sombras da vingança e da dor não o consomem. Quem será o pai do André? Será que o André tem mesmo um pai? Então, o pai do André é nem mais nem menos o Pai Natal. O filho perdido do Pai Natal num orfanato? Como isso é possível? Em tempos antigos existia um concelho natalício onde apenas poderiam ir aqueles que zelassem pelo natal utilizando a magia da felicidade de todas as crianças, ou seja, um concelho onde estaria presente o Pai Natal e todos os que o ajudassem. O Pai Natal tal como o André também teve um melhor amigo que o ajudava no concelho e em qualquer circunstância, mesmo na proteção do natal, era um amigo de total lealdade ao astro do natal. Até que um dia tudo mudou, as chamas do ódio corromperam-no e este virou costas ao seu melhor amigo ameaçando expor o seu maior segredo, o Pai Natal iria ser pai. Para silenciar este facto, o pai natal teve de colocar o seu único filho num orfanato para que ninguém soubesse, mas, o agora inimigo do pai natal nunca mais foi visto então foi tomado com uma ameaça.

Após tantos anos, o pai natal vendo que o seu inimigo nunca mais se manifestou decide ir ao mesmo orfanato onde tinha deixado o seu filho, mas não o encontra lá, apenas encontra uma criança perdida na dor que lhe indica que o seu filho teria sido enviado para um outro orfanato. Visto que o pai natal não se apercebeu do que se passava naquela “prisão” decide ir procurar o seu filho, que estaria num estabelecimento de alta segurança, no entanto, com a sua magia, liberta o seu filho e conta-lhe toda a verdade e as razões por ter feito o que fez. Após André perceber que o seu sonho de ser conhecido e de dar esperança aos meninos como ele, o seu coração enche-se de alegria, mas ainda faltava uma coisa, o seu melhor amigo ainda estava preso naquele maldito orfanato. Com a ajuda de seu pai, André tenta resgatar o seu amigo mas sem sucesso, aquele orfanato por algum motivo ainda desconhecido estava protegido contra a magia, então seria impossível o resgate do pobre Artur.

Para ajudar o seu amigo, André começa a escrever cartas para o contentar e persuadir à escrita, pois foi a única coisa que o manteve focado no objetivo estipulado pelos dois, mas estas cartas de nada servem, o Artur já está completamente consumido pela solidão pelo pensamento de destruir o natal, pois se ambos não tentassem expulsar o diretor para trazer a celebração do natal, os amigos ainda estariam juntos. Ainda não se perguntaram porque é que o natal não é permitido naquele orfanato? Sabem, o diretor é na verdade o inimigo do pai natal, que se fez passar por diretor para verificar que as crianças não gostassem do natal. Sabendo que o seu inimigo está a incentivar que não acreditemos na alegria e na magia do natal, o pai natal vai reunir novamente o seu concelho para tomarem medidas. As medidas foram tomadas, o pai natal tem um plano para acabar com as maldades deste ser repugnante, deste homem sem amor no coração. O pai natal vai arranjar famílias para todas as crianças que estavam naquela prisão. O plano corre perfeitamente mas ocorre um pequeno problema, Artur está de tal forma obcecado com a vingança que não permite que ninguém faça parte da vida dele. André precisava de encontrar uma solução rapidamente, e a única coisa que lhe veio à cabeça ainda era a escrita, porque para o André a escrita era tudo, foi a sua salvação por isso também poderia ser a do Artur, e tentou, com o seu coração cheio começou a escrever histórias natalícias para tentar trazer o seu amigo da volta ao que era dantes, com um pouco de efeito, Artur vai lembrando todos os momentos que passaram juntos, todos os sonhos que tinham construído em crianças, mas já estava muito agarrado à dor e à mágoa.

Apesar de ainda ter um lado obscuro Artur chega a uma conclusão, apesar de todo o sofrimento que passou ainda existia um pouco de bondade, o espírito natalício ainda tinha uma pequena chama acesa que fez lutar também contra o inimigo do natal. E foi o que aconteceu, juntamente com André, Artur opôs as suas ideias contra o diretor, que veio a cair semanas depois de toda a união ser formada. O diretor foi parar a uma cadeia no pólo norte aonde vão parar aqueles que ousam denegrir o natal e propagam ideias falsas a favor deste. Quase tudo estava bem, o inimigo punido, as crianças com as suas novas famílias, o espírito natalício de volta, o encontro do André com o seu pai e o reencontro dos velhos amigos. Mas uma coisa intrigava Artur, o facto das palavras terem mudado a sua vida, a escrita ter um poder tão forte sendo apenas meras frases. Então Artur irá iniciar uma vida isolada de todos, até do seu melhor amigo, para se dedicar aquilo que lhe mudou a vida.

Chegou o momento da vida destes jovens carismáticos onde todos os objetivos foram alcançados, André é agora conhecido em todo o mundo como o filho do pai natal e ajuda todas as crianças a terem um futuro repleto de alegrias. Já o Artur alcançou os corações de todas as crianças com os seus contos repletos de aventuras e magias.

Sentados na mesa de natal, ambos relembram como os tempos foram difíceis e que todos os meninos podem viver um natal felizes e como a escrita deu uma nova vida aos dois amigos que nasceram e cresceram sozinhos mas agora fazem parte de todo o mundo, tudo através da escrita.

João silva

# **Contos de Natal**

**Faixa Etária a partir dos 17 anos**

### Glória

O som irritante da campainha faz-me levantar do meu adorado cadeirão para ver o que a pessoa do outro lado da porta tem para me dizer. Deve mesmo ser alguém que não tem mais nada que fazer, senão vir importunar gente alheia na Véspera de Natal.

Olho pelo olho mágico e... Bingo! A minha teoria comprova-se. Só podia ser mesmo a irritante da minha sobrinha Glória a aparecer-me em casa a uma hora desta! Ponho o meu melhor sorriso amarelo e abro a porta...

- Olá, Tio! Feliz véspera de Natal!- exclama ela- Porque é que não apareceste lá em casa até agora? Pensei que este ano irias passar o Natal connosco.

- Ah! És tu...- não resisti mesmo em mandar este comentário tão, que se diga, amistoso- Se não apareci até agora é porque não pretendo aparecer, de todo.

- Sempre tão ...eh...como hei de dizer...

- Amistoso?- indago.

- Não podias estar mais correto!- responde ela, tão irónica quanto eu. Por vezes esqueço-me o quão bom é ter algum contacto com a minha família, e seres humanos em geral. Mas a Glória não é qualquer ser humano, é talvez o único membro da minha família que realmente suporto.

Encaminho-me de novo para a minha sala de estar, onde está o meu belo cadeirão a clamar desesperadamente por mim e donde não me deveria ter levantado e, como é óbvio, a minha honrada sobrinha segue-me. Ela senta-se no cadeirão defronte do meu, onde em tempos se sentou uma das pessoas mais importantes da minha vida. Tantas memórias estes cadeirões me trazem...

- "Uma moeda pelos teus pensamentos".- diz ela, puxando-me de volta para o presente ao mesmo tempo que cita um personagem literário.

- Nada pode comprar o inevitável poder de uma mente que pensa, então abrirei o meu íntimo e te direi o que vai nele.- retruco eu- Estava simplesmente a relembrar o que já foi esquecido por uns e que ainda persiste na memória de outros, mas que consegue ser eternizado com simples palavras numa folha em branco.

- Explica-te melhor.- pede-me ela.

- Já notaste que o ser humano busca sempre formas de eternizar o que vê, o que sente, o que pensa, o que faz...tudo! Tudo o que gira na sua órbita e na órbita dos outros, principalmente dos que mais ama, ou até do que mais o atormenta! Ele tem noção que apesar de todas as

tentativas de eternizar a sua mente tudo acabará por desaparecer com uma simples chama, mas mesmo assim torna-se uma necessidade desesperada retratar tudo... Por isso é que recorre à escrita, para sustentar esse vício.

- Foi por isso que te tornaste escritor?

- Sim e não.- começo por explicar- Tornei-me o que me tornei também para tentar compreender a minha própria mente. Numa era em que os teus medos te atormentam de tal forma o pensamento que tens de começar a “vomitar” palavras para algum lado ou sentes que vais perder a noção de bom senso... A escrita é que te vem dizer um grande “Olá”, como se de um barco salva vidas se tratasse. Foi aí que comecei a escrever e percebi que do outro lado do espelho, que é o livro, tem alguém que pode sentir a mesma agonia que eu e só precisa de alguém que a compreenda e ouça sem julgar.

- E qual o teu maior medo, especificamente?- interroga ela tão absorta nas minhas palavras quanto eu.

Nunca pensei que fosse tão satisfatório pronunciar em voz alta tudo o que tenho vindo a passar para o papel durante anos e anos a fio. Falar disto sem ser com uma pessoa que pensa que o que transpareço através dos meus personagens é somente uma dor fingida e não a razão de a minha alma ter estado agoniada durante tanto tempo.

- A maior certeza que este mundo já teve e a verdade mais triste... a Morte.

- A morte?!- exclama, perplexa- Como assim a morte?

- Já alguma vez te questionaste o que viria depois da Morte? Se irias reencarnar, se irias para o Paraíso ou Inferno, se a tua alma ficaria simplesmente a vaguear por aí ou se tudo acabaria definitivamente! Já fizeste estas perguntas a ti mesma?- começo- Pois eu, desde há muitas décadas, que sinto estas incógnitas todas a invadirem o meu íntimo sem parar, como que a massacrar-me diariamente. O que irão fazer com o meu corpo, que caixão irão escolher ou se optarão pela cremação. Se a minha morte será dura e sofrida ou simples sopro de ar me levará; se irei ver a dita “luzinha ao fundo do túnel” ou se tudo se apagará sem mais nem menos, como quando carregas num interruptor. A mágoa ou o alívio que irei deixar para os que ficam. E, essencialmente, o que serei ou deixarei de ser depois de tudo isto. Esses pensamentos aterrorizam-me há tanto tempo, não tens noção...

Ela observa-me em silêncio, sem saber se terminei ou não de falar, por isso aproveito esta oportunidade e alívio mais a minha alma.

- E, aliada essa dor, está o pavor de perder quem mais amo e a noção de que a mudança é contínua e nada é eterno, que o momento e a era que estás a presenciar pode mudar a qualquer instante, que a tua zona de conforto se vai moldando juntamente com o tique-tac do relógio. Mas não te desespere minha menina honrada, aprendi a conviver com isto ao longo dos anos e a abraçar a vida tal como ela é, sem ressentimentos que de nada me vão adiantar. - por fim termino, com os olhos marejados e com a voz lívida e até desvairada.

- Nunca realmente parei para pensar em tudo isso...- responde, também ela com lágrimas a escorrerem pelo espelho da alma- Visto da forma como falaste, parece aterrador viver sempre com essa constante lembrança a invadir o mais belo pensamento existente. Mas, creio que nos devemos focar no inconstante e nas boas surpresas que respirar nos traz e não na verdade mais certa existente. Dizes que aprendeste a abraçar a vida como ela é, mas não parece, em vez disso fechaste-te cada vez mais no teu casulo de dor e não abriste porta nenhuma para o novo, mas ainda vais a tempo, a janela continua lá aberta à tua espera. Pensares no que é certo que vai acontecer não beneficiará em nada a tua vida mas, conviver com o desconhecido, fará com que ela se torne mais especial. Tudo à nossa volta desaparecerá um dia, até a própria raça humana, mas como bem referiste, não desaparecerá o vício de eternizar o Mundo.

As palavras dela são como uma bofetada de luva branca que acertam em cheio o meu inconsciente. Todas as sílabas proferidas pela minha sobrinha fazem o mais puro sentido, sentido esse que tantas vezes eu chamei de loucura e ilusão. Hoje, ao contrário do que tem acontecido há uma vida, sinto-me livre de mim mesmo, e essa é a melhor sensação existente que só dois seres conseguiram proporcionar-me.

Ainda com lágrimas nos olhos, levanto-me e vou em direcção à jovem mulher que está defronte de mim para lhe dar um grande abraço como não fazia há anos. Durante demasiado tempo fechei-me nesta casa que sou eu e esqueci-me do quão bom é eternizar os momentos na memória e não só no papel, e de como não devemos limitar a nossa própria vida com medo de a perder, pois, enquanto o estamos a fazer, ela está mesmo a escapar-se por entre os nossos dedos.

- Ainda bem que vim á tua procura, assim, finalmente, já podes passar o Natal connosco, com a tua família.- diz a Glória, quebrando o nosso abraço.

Solto uma gargalhada bem alta e digo:

- Muito obrigado pela oferta, mas a resposta continua negativa. Já tenho planos para esta noite!

- Planos?!



- Sim.- olho para o relógio de cuco pendurado na padieira da porta da sala de jantar e concluo que deveria ter saído de casa há cinco minutos atrás- E, se me dás licença, tenho de ir andando, estão à minha espera.

- Mas quem?- interroga ela um bocado confusa.

- Os restantes membros do jantar de caridade do Hospital. Eles vão reunir todos os pacientes que lá estão internados e fazer um grande jantar. Além das famílias dos internados e dos médicos e enfermeiros de serviço, também pode ir qualquer pessoa, desde que leve algo para comer ou beber, para assim ser partilhado.

- Mas tu nem os conheces...

Reflecto bem sobre as suas palavras e, por fim, respondo:

- Pois não, de facto, não conheço, mas isso não significa nada! Família não é quem partilha o mesmo ADN que tu, mas sim aqueles que estão lá em todos os momentos da tua vida e que fazem de tudo para te ajudar se isso significa ver-te feliz. E, não só, o Natal não é só composto de lindos enfeites pendurados numa árvore majestosamente grande; nem de canções que falam sobre neve ou de luzinhas a piscar; nem mesmo de crianças a abrir presentes mal acordam ou, para as mais impacientes, à meia-noite. Natal também significa estares atento a todas as desgraças e injustiças mundiais ao teu redor e tentares fazer, nem que seja o mínimo gesto, para mudares isso e o ano seguinte ser menos doloroso para a humanidade. Isso sim é o Natal! E eu, como cidadão e, essencialmente, ser humano, vou fazer a minha cota parte de mudança, como faço no ano inteiro, porque se todos ajudarmos tudo se tornará mais fácil e menos sombrio. Assim sendo, se me permites, vou ler algumas das minhas obras eternizadas para as crianças que estão, infelizmente, internadas no Hospital.

- Então, de que estamos à espera?! Vamos lá que já estamos atrasados! E, a propósito, o que tens preparado para levarmos? Se quiseres podemos passar em minha casa e trazemos o que for necessário.- pronuncia-se ela com um enorme entusiasmo e um bater de palmas efusivo.

- Se assim o dizes, vamos lá! Se quiseres podemos passar em tua casa, mas já tenho tudo pronto!

- Ótimo, assim vamos directos para o Hospital.- diz, seguindo para a porta da rua.

- Glória, só mais um concelho- digo e a mesma vira o seu rosto para mim- Eterniza a Terra enquanto ela está viva.

## Pê dos olhos grandes

Outra vez aquela “maldita” época do ano. “Raios, só queria fechar os olhos e dormir”, pensou. Estava irritado e as pessoas felizes à sua volta ainda o irritavam mais. As músicas natalícias causavam-lhe agonia, o frenesim nas lojas deixava-o doente, o frio deixava-o entorpecer-lhe pés e mãos – “antes a alma!” – e as mensagens de boas festas acumulavam-se no telemóvel, não sem antes lhe causarem uma sensação de sufoco que não o largava o dia inteiro.

Pedro tinha 36 anos e, neste Natal, nenhuma razão para festejar. A editora tinha falido, a mulher tinha-o deixado, levando com ela os filhos e a pouca alegria que ainda restava a Pedro. As cartas do banco não paravam de chegar, intercaladas com outros envelopes de instituições que lhe cobravam aquilo que ele não tinha: dinheiro. Amanhã era véspera de Natal e Pedro não sabia o que fazer. Sentou-se na velha poltrona laranja da mãe – para os braços de quem tinha regressado no dia em que chegou a casa e viu as suas poucas coisas à porta – e suspirou. A caminho dos quarenta, sem dinheiro, sem emprego, sem casa, sem mulher. Amanhã chegava o dia que lhe relembrava exatamente aquilo que ele não tinha. Amanhã não teria a quem distribuir sorrisos ou admoestações, não teria a quem retirar escrupulosamente as frutas cristalizadas do bolo-rei – “sabem a mofo, pai!” –, não teria quem rasgasse impiedosamente os embrulhos comprados à pressa numa qualquer superfície comercial.

– Estás a pensar dar cabo da vista de vez? – a mãe assomava à porta da sala e ele adivinhava-lhe o sorriso que a penumbra não deixava descortinar.

– Nem por isso. Estava só a pensar. Pelo menos ainda é grátis – atirou, com ironia.

A mãe acendeu o candeeiro da velha camilha. A luz era ténue, mas permitia agora a Pedro perceber o quanto a mãe tinha envelhecido naquele último ano. Às muitas rugas somavam-se umas olheiras púrpura e uns fios de cabelo branco que lhe fugiam teimosamente pelas têmporas, apesar de o prender com franca cerimónia – e laca – todos os dias, mal acordava.

– Já falaste com a Amélia? Os meninos passam por cá amanhã? – perguntou a mulher, afagando-lhe gentilmente a mão.

– Falei, mas só devem vir no dia 25. Diz que não os quer deprimidos amanhã. Deprimido estou eu! – desabafou.

– Bom, e já pensaste no que lhes vais comprar? Eu tenho algum dinh...

– Já disse que não, mãe. Não preciso de nada, tenho tudo controlado. Preocupe-se com a aletria e os sonhos, está tudo bem.

Pedro não dizia a verdade. Estava tudo mal. Não tinha um tostão furado, nem na carteira, nem no banco. Pelo menos nada que lhe permitisse comprar aos miúdos um embrulho

vistoso, de uma marca conhecida, como a pré-adolescência dos filhos ambicionava. Sentia-se perdido.

A mãe fez-lhe uma festa no cabelo revoltado, como fazia quando Pedro era criança e se sentava aos seus pés a ler, e saiu. Tinha sido um miúdo pacato e um adolescente tranquilo que ocupava grande parte dos seus dias a ler e escrever. Quando disse à mãe que iria optar por Humanidades no Ensino Secundário e por Literatura Portuguesa no Ensino Superior, Rosália nem pensou em demovê-lo, apesar de não lhe augurar grande futuro com opções tão frágeis. Quando Pedro, uns anos depois de se ter dedicado ao ensino, anunciou que ia abandonar a docência para cumprir o sonho de abrir uma editora, não se pode dizer que a mãe tivesse sido apanhada de surpresa. As palavras faziam-no feliz: era capaz de passar horas com a cabeça mergulhada num livro, como se nada mais no mundo existisse. Quando o avô – a grande referência masculina na vida de Pedro – morreu, o então jovem trancou-se dias a fio no quarto, saindo apenas para comer. Dessa clausura resultou um livro que nunca conseguiu publicar, sobretudo por falta de coragem. Com o tempo, as contas, os filhos e o trabalho na editora tinha deixado definitivamente de escrever.

Levantou-se desajeitadamente, quase como se a alma lhe pesasse nos pés e pernas, que teimavam em não colaborar. Dirigiu-se ao quarto, mas não lhe apetecia dormir. A casa estava escura e ouviam-se os ruídos da madeira já gasta, que gemia a cada passo de Pedro. Lembrou-se de vasculhar o sótão. Há quanto tempo não ia ali?

A divisão superior estava pejada de caixotes etiquetados pela mãe. Roupa de quando Pedro era bebé, a sua coleção de berlindes, os fatos de Carnaval amarelecidos pelo tempo. Também havia álbuns de fotos, brinquedos antigos e resmas de cartas trocadas com os amigos que fazia nas colónias de verão. Foi espreitando os caixotes sem lhes prestar grande atenção, apenas com um sorriso que, de vez em quando, parecia querer despontar nos lábios. Mesmo encostada ao fundo do sótão, uma caixa mais pequena passava despercebida no meio de tantos caixotes volumosos. Pedro soprou a fina camada de pó que a cobria, descolou-lhe a fita cola castanha e abriu-a. Os olhos ficaram de imediato marejados de lágrimas: a máquina de escrever do avô! Aquela que tantas vezes tinha cobiçado, de olhos brilhantes, e onde só pôde mexer quando entrou para a escola. O ruído do papel no cilindro, o martelar das teclas pesadas, o som estridente que assinalava o fim da linha: as memórias pareciam de ontem, cristalinas como um espelho acabado de limpar. Pegou delicadamente na máquina, voltou a fechar a caixa e desceu para o quarto.

Olhou as paredes da divisão que muitas vezes tinha sido o seu refúgio durante a infância e juventude. Mais molduras, fotografias, quadros toscamente pintados na escola, mais memórias felizes que neste momento o atormentavam. Como é que tinha tido tudo e agora não tinha nada? Onde se teria perdido? Pousou a máquina na velha escrivaninha de mogno e

sentou-se na cadeira já gasta, com o coração acelerado e a respiração ofegante. A máquina parecia mais lúzida que nunca, iluminada pelo olhar. Voltava a sentir-se um miúdo desajeitado, a quem custava bater as teclas rapidamente, tal como via o avô fazer. Depois de colocar o papel na máquina, premiu um *P*. Ah, aquele som! A tecla estava levemente gasta, com um pequeno sulco, esculpida por dedos de menino. O frio do metal soube-lhe bem no contraste com o latejar do dedo. Já não era Pedro, era “Pedrito”, “Pedrinho” ou “Pê dos olhos grandes”, como lhe chamava o avô. E “Pedrito”, “Pedrinho”, “Pê” queria escrever. Alguma coisa. A sua vida. Qualquer coisa. Queria escrever para não deixar de ser menino.

O dia amanheceu solarengo. Viam-se os jardins orvalhados, o chão brilhante e húmido, os vidros caiados de branco. Rosália tinha acordado com os primeiros raios de sol, como já era hábito. Já vestida, espreitou o quarto do filho. A porta entreaberta deixava ver o chão vestido de folhas. A cama feita, vazia. Pedro não estava em lado nenhum. Não se preocupou, o filho já não era uma criança. Cantarolando, dirigiu-se à cozinha e dispôs no balcão todos os ingredientes para a ceia natalícia.

Cinco anos tinham passado. Era Natal outra vez. As mesmas músicas, o mesmo aroma a doce e canela, as mesmas caras felizes na rua. Rosália olhava distraidamente pela janela. Não durou muito o entorpecimento, umas mãozinhas pequeninas e lambuzadas puxavam-lhe as pontas do avental e requeriam a sua atenção.

– Anda cá, minha querida. A avó dá-te colinho – sorriu, pegando na neta com cuidado.

Este ano tinha uma casa cheia. A grande mesa da sala até parecia pequena. Sorriu ao passar pelo pinheiro enfeitado e pelos muitos embrulhos que fugiam pelo chão. A neta balbuciava-lhe no colo, apontando as rabanadas, sonhos, aletria, pudim. A toalha vermelha, com motivos dourados, os guardanapos de festa com um azevinho bordado, os copos que refletiam cristais de mil cores. A campainha tocou. Rosália apressou-se a abrir a porta.

– Olá, avó! – gritaram os netos mais velhos em coro.

Pedro e a mulher sorriam. Rosália sorriu de volta, a bebé palrou. Agora sim, tudo estava perfeito. A casa, sossegada até então, pareceu ganhar nova vida com tantas vozes, risos e músicas. Ao jantar, Rosália não conseguiu deixar de se emocionar ao reparar no quão bonitos e crescidos os netos se tinham tornado. Os jovens revezavam-se para dar de comer à bebé. Pedro, recém-casado, passou a refeição dividido entre pequenas carícias na mão da esposa, brincadeiras com os jovens e cócegas à bebé. Há cinco anos, parecia impossível que algo assim acontecesse.

A meia noite chegou rapidamente, entre jogos em família e brincadeiras várias. Os embrulhos no chão rapidamente se tornaram em papéis rasgados com excitação. Gargalhadas, agradecimentos, felicidade estampada em todos os rostos. Restava apenas um pequeno

embrulho no chão e a etiqueta não deixava margem para dúvidas: era para Rosália. A mulher abriu-o, cuidadosamente. A princípio não percebeu: era uma grande quantidade de folhas já envelhecidas, unidas por um cordel e grafadas à máquina. Olhou o filho, desconfiada. Pedro riu-se.

– Não está a ver o que é, mãe? Já lá vão uns anos, é verdade.

Rosália leu as primeiras linhas e de imediato sentiu os olhos marejados de lágrimas. Seguiu-se uma exclamação de espanto e um abraço demorado a Pedro. Os outros olhavam-nos, curiosos.

– Sabe, mãe? Achei que fazia todo o sentido ficar com isso. Afinal, esse não deixa de ser o original de um livro que hoje em dia só existe graças a si. Fechei-me nesta casa quase dois anos e a mãe nunca me questionou, nunca deixou de me apoiar. Quando lhe disse que queria escrever a sério, só me deu força. Já tinha idade para ter juízo e a mãe nunca duvidou de mim. Nem quando todas as portas me foram fechadas, nem quando todos os outros me voltaram as costas. Se hoje tenho trabalho e uma família, a si o devo. Sem a mãe, nada seria possível. Obrigado – disse Pedro, também comovido.

A esposa de Pedro passou-lhe a mão pelos ombros. Tinha-o conhecido dois anos antes, quando Pedro já se afirmava como escritor de sucesso, com dois romances editados e há muito nos topos das livrarias.

– Nunca pensou expulsar este grandalhão de casa, Dona Rosália? – gracejou.

– Não... A primeira vez que vi o Pedro voltar a sorrir depois de ter perdido o emprego foi no Natal de há cinco anos, quando recomeçou a escrever. Pensei que tinha perdido aquele sorriso para sempre. Não há nada que pague o sorriso e a felicidade dos nossos filhos. Mesmo sem um tostão, poucas vezes o vi tão feliz como naqueles anos. Mesmo que as coisas não corressem bem, vê-lo feliz para mim já era tudo – respondeu Rosália.

Pedro sorriu com a resposta da mãe. A verdade é que a partir do momento em que voltara a escrever, tudo na vida parecera ordenar-se. Tinha uma nova família e todos os filhos o enchiam de orgulho. Em breve iria lançar um novo livro. A mãe já não caminhava para nova, mas ainda respirava saúde. Que poderia querer mais? Nessa noite, já com a bebé e a esposa a dormirem, saiu do quarto e foi espreitar a mãe. Já dormia. Em cima da mesa de cabeceira, a prenda do filho. Pedro apagou a luz do abajour e saiu. Antes de regressar ao quarto, lembrou-se de ver o sótão, o seu escritório durante os anos que tinha permanecido em casa da mãe. Rosália tinha-se esforçado por manter tudo igual. Em cima da mesa, a máquina de escrever com uma folha ainda em branco. “Pedrito”, “Pedrinho”, “Pê dos olhos grandes” tocou-lhe ao de leve, puxou o rolo e sorriu.

### Conto de Natal

Miguel rodou a chave na fechadura e empurrou a porta que resistia em abrir-se, fazendo gemer as dobradiças da casa herdada dos avós que o tempo tornara preguiçosas. É sexta-feira e o mês de dezembro vai quase a meio. A perspetiva de um fim de semana de trabalho perpassa na mente de Miguel, professor há um quarto de século, enquanto pousava a pasta no escritório. “Um banho quente reconfortante e um jantar ligeiro” – pensara, durante a viagem de regresso a casa. O dia na escola fora... ora, fora um dia como tantos outros. Ou talvez não. Nessa manhã tinha pedido aos alunos para escreverem um conto de Natal, pelo que o fim de semana se afigurava trabalhoso, a combinar com a chuva que teimava em cair.

Miguel lera com os alunos um poema de Jorge de Sena escolhido para ser recitado na festa de Natal da escola. “Sento-me à mesa como se a mesa fosse o mundo inteiro / e principio a escrever como se escrever fosse respirar/ o amor que não se esvai”. Assim começava o texto. Tinha sido esse o mote para a oficina de escrita.

O plano foi cumprido – um banho quente reconfortante e um jantar ligeiro. “Meia hora. É quanto preciso para descansar um pouco antes de começar a corrigir os textos dos miúdos.” - disse o professor para os seus botões. Encostou-se no sofá.

Passado algum tempo ouviu a campainha da porta; levantou-se e foi ver quem era. Os convivas para o jantar de Natal que organizara começavam a chegar. O primeiro era Clara, que trazia Lolita, a cadela de quem era inseparável e que adotara há mais de uma década.

Mal fechou a porta, a campainha soou de novo, anunciando Ana e João e Sofia, a filha destes. Logo a seguir, Alice e Joana abriram-se num sorriso. Com ele próprio, estava completo o grupo dos sete amigos, companheiros de Miguel na viagem da vida.

O anfitrião, como era habitual, pedira a cada um deles para trazer uma receita da sua predileção, às quais juntaria as suas mais recentes experiências culinárias, fruto do seu espírito cuidador e generoso. Estranhamente, quando se reuniram na sala, verificou que todos traziam apenas uma pequena caixa em forma de estrela, a qual seguravam na mão, por intermédio de uma fita de cetim dourado.

No ambiente, preenchido pelos suaves acordes de Michael Bublé, músico americano da preferência de Miguel e por cortinas de pequenas luzes que anunciavam a quadra natalícia, os amigos sorriram. De seguida, ocuparam os seus lugares na mesa redonda.

A primeira a tomar a palavra foi Clara. Cuidadosamente, abriu a sua estrela e revelou o que se encontrava no seu interior.

- Para este jantar, eu trouxe tranquilidade. Aquela que experimentamos depois de muitas tormentas. A tranquilidade de um sono leve e solto, de uma gargalhada aberta e franca.

Neste Natal, eu estou grata por ter feito as pazes com o meu passado e por seguir viagem mais tranquila, não ignorando as minhas cicatrizes, mas acolhendo-as uma a uma como partes integrantes do meu ser.

A seguir tomou a palavra Joana.

- Eu, para este Natal, trago consciência – disse. Essencial para nos observarmos a nós e ao outro, essencial para o crescimento interior.

Neste Natal, eu estou grata por ter consciência daquilo que sou; por me ver e me aceitar.

- Agora é a minha vez – disse Alice. A minha contribuição é a saúde. Saúde do corpo e da mente, do espírito e das emoções. Falo-vos da homeostasia, da estabilidade necessária para realizarmos adequadamente as nossas funções e assegurarmos o equilíbrio do nosso corpo. Eu estou grata por ser saudável!

- A minha estrela contém solidariedade – afirmou Ana. Para lembrar a importância de cuidarmos uns dos outros, unidos que estamos numa energia comum. Eu estou grata por ter recebido ajuda dos amigos e da família quando dela necessitei.

Ao lado de Ana estava João que afirmou:

- O meu contributo é o respeito. Por si próprio e pelo outro. Respeito pelos valores, pelas escolhas e pela individualidade. Eu estou grato por ser respeitado pelos que me rodeiam e por me respeitar na minha integridade e valores.

- Todos partilharam ideias muito importantes e agora é a minha vez– disse Sofia, a mais nova de todos. Todos disseram o motivo pelo qual estão gratos. Pois bem, eu trouxe gratidão para este nosso jantar. Observo e sinto a realidade com o meu coração de criança. E este sorri e está preenchido porque cada dia tenho alimentos e um teto e o amor e proteção da minha família. Estou grata por isso e também porque posso ir à escola aprender coisas novas e brincar com os meus amigos. A gratidão é do tamanho do mundo!

Miguel escutou os amigos com a maior atenção e depois tomou a palavra.

- Este jantar de Natal é muito especial, meus amigos. E eu também tenho algo que quero partilhar convosco.

Miguel levantou-se, dirigiu-se ao armário e voltou de lá com a sua estrela. Abriu-a e partilhou o seu conteúdo: AMOR.

- Meus amigos, as nossas estrelas, ainda que pequenas, têm dentro delas o mundo inteiro. Tranquilidade, consciência, saúde, respeito, solidariedade, gratidão, amor. Sete princípios, sete pilares sobre os quais assenta a nossa felicidade.

Neste Natal eu estou grato porque reencontrei o amor. O amor que sempre trouxe dentro de mim e que encontrou um amor semelhante. Neste Natal, agradeço o horizonte que

esse amor me abriu, no qual vislumbro um trajeto para saborear com calma, por entre risos cumplicidades.

Nesse instante, Miguel abriu os olhos e apurou o ouvido. Deixara-se dormir!

Os suaves acordes de Michael Bublé ainda se ouviam. Miguel levantou-se do sofá, carregou no interruptor e a cortina de pequenas luzes que anunciavam a quadra natalícia começou a brilhar. Fez um chá e preparou-se para corrigir os textos dos alunos.

Miguel sabe que este Natal é um Natal diferente.

(Pseudónimo: Léo)



## Natal no Purgatório

As águas do *purgatório* estavam agitadíssimas, o vento do Sul levantava as ondas, o bote de borracha, em que mal caberiam dez pessoas, transportava vinte e cinco homens, mulheres e crianças, com as suas mochilas e começava a baloiçar perigosamente, apesar do peso dos nossos corpos.

Razão tinham os romanos em chamar *Mediterraneus*, que significa “entre terras”, ao mar que ainda hoje tem o nome de Mediterrâneo. O mar Mediterrâneo através da história da humanidade tem sido conhecido por nomes diferentes. Aliás, os antigos romanos chamavam-lhe também “Mare Nostrum”, que significa “nosso mar” (de facto, os romanos conquistaram todas as regiões banhadas pelo Mar Mediterrâneo). Pelos árabes era chamado de *al-Bahr al-al-Abyad Mutawassit*, ou seja, “Mar Branco do Meio”, o que inspirou o termo turco *Akdeniz* que significa Mar Branco. Eu prefiro chamar-lhe “Purgatório”, pois está entre o Inferno (a Sul) e o **Paraíso** (a Norte).

O minúsculo e frágil bote era levantado pelas enormes e dominadoras ondas, caindo com grande estrondo e entrando muita água salgada que nos encharcava. Só os dois tripulantes tinham coletes salva-vidas. Num salto mais violento, um de nós caiu à água e ninguém mais o viu... Apesar de estarmos muito apertados, ainda nos agarrámos mais uns aos outros, pois o horror invadia-nos. Eu agarrei-me à cintura da minha mãe, mais volumosa do que o habitual devido ao sexto mês de gravidez. Ela abraçava-me e ao meu pai, como se fosse um presépio católico, em que o bote seria a gruta, o burro e a vaca seriam o mar agitado e o vento que nos enregelava. A estrela era a nossa esperança de chegar ao Paraíso.

Durante os violentos balanços do bote, vomitei o pouco que tinha conseguido engolir.

Recordo os tempos de felicidade, em Tadmur, também conhecida por Palmira. Uma cidade que deveria ser um oásis no meio do Deserto da Síria, mas que se tinha tornado um campo de destruição, numa guerra civil que mais parece um genocídio. As nossas casas estão a ser destruídas pelos bombardeamentos do exército governamental, dos turcos, dos russos, dos americanos ou do DAESH... já não sei de que lado são os “bons” nem se há “bons” neste mundo! Só sei que nós somos o alvo de todas as setas que os políticos queiram mandar atirar ao nosso coração.

Com a casa semidestruída, o meu pai, médico, e a minha mãe grávida tinham decidido fugir da Síria. Eu tinha doze anos, era uma jovem de olhos castanhos e cabelos longos, um pouco mais alta que as minhas colegas, ansiosa pela chegada do meu irmão e pelo fim da guerra que desse alguma normalidade à nossa vida. Não sei se sabiam, mas as mulheres sírias têm os

mesmos direitos que os homens ao estudo, à saúde e educação e não são obrigadas a usar Burca. A Xariá (lei Islâmica) é inconstitucional e a Síria é o único país árabe com uma constituição laica e não tolera os movimentos extremistas islâmicos. Cerca de 10% da população síria pertence a alguma das muitas confissões cristãs presentes desde sempre na vida política e social.

Lembro-me de que na véspera, a noite de 23 de dezembro de 2019, quase interminável, foi dando lugar a um novo dia, porque o Sol nasce sempre indiferente ao sofrimento que os homens têm provocado neste nosso planeta que está a deixar de ser azul e a ficar negro... negro de morte. Aos primeiros raios de sol do dia 24, organizaram-nos em fila, meteram-nos em carrinhas de caixa aberta e lá fomos nós apertados. Quando passávamos por patrulhas, os nossos guias, subornavam-nas, com parte do dinheiro que tínhamos pago antecipadamente pela nossa passagem, para deixarem passar as três carrinhas sobrelotadas. Chegámos a uma praia, onde nos esperava um barco de borracha. Olhei para ver se havia outros, onde pudéssemos embarcar todos. Não havia. Começámos a entrar um a um, apertando-nos mutuamente. Milagrosamente, coubemos todos naquele bote sobrelotado (provavelmente, não deveríamos ter cabido...).

A viagem começou movida por um ruidoso, fumarento e malcheiroso motor. Ao fim de uma hora de viagem, o que me incomodava era o aperto e as dores de cabeça provocadas pelo ruído constante daquele roncador. O nosso olfato habituara-se àquele mau cheiro fumarento.

Ao longe, avistavam-se nuvens escuras e o vento aumentava de intensidade... os balanços provocados pelas ondas também se tornaram maiores.

Até que o movimento das ondas se tornou muito perigoso, as nuvens aproximaram-se e começou a chover. Perdi a noção do tempo, estava molhada, apertada, enjoada... senti que o fim se aproximava.

Eu fechei os olhos... Ouvi algumas pessoas a gritarem que alguém tinha caído... Abri os olhos para tentar ver se era o meu pai, pois eu estava agarrada à minha mãe. Até que numa onda mais forte o bote se virou e fomos projetados para o meio daquele Inferno (já não Purgatório) profundo, asfixiante e salgado que era o Mar Mediterrâneo.

Deixei-me ir... recordei os momentos da minha curta vida. Sabia que iria reencontrar os meus pais noutra vida... Começou a aflição para respirar... instintivamente comecei a lutar... o meu corpo lutava para sobreviver...

- Sobreviver para quê? – perguntava a razão.

Mas os meus braços e as minhas pernas tentavam vir à tona. A aflição continuou! Vim momentaneamente à superfície... Entre o som de relâmpagos, ouço gritos de pessoas a

debaterem-se contra a morte iminente. Éramos tantos naquele inferno líquido... Até que deixei de poder respirar. Senti uma enorme pressão na cabeça... e perdi os sentidos.

Só acordei, milagrosamente, no dia seguinte, num barco enorme, a caminho do **Paraíso!**

*Manuel Bateira*

*O milagre*

O Aurélio Santos tinha o seu quê de estroina e gabarolas. Passeava-se pelas ruas do Porto de peito cheio que nem um pombo. Quando um pobre lhe estendia a mão, fazia questão de expor à urbe a sua magnanimidade. E quanto mais assistência, menos mau para o necessitado. A caridade costuma ser, desde sempre, diretamente proporcional ao reclamo. Neste caso particular, avente-se que Leandro pouco se preocupava com questões morais e higiene de carácter. Uma nota de vinte escudos garantiam-lhe uma refeição quente e dormida na pensão da Aninhas.

Os vinte escudos saíram da carteira, lenta e extravagantemente. Foram acompanhados por um sonoro santo natal, seguido de conselhos pedagógicos:

\_ Gaste-os como deve ser e, sobretudo, nada de vinho! E aproveite para tomar um banho, homem! \_ Enquanto o dizia olhava à sua volta em busca de aprovação.

O Leandro, que era pobre mas não bronco, afetou-lhe mil agradecimentos, ao mesmo tempo que empolava os gestos e dirigia amplas vénias ao autor do emolumento. Santos afastava-se, satisfeito pelo desempenho, pensando para si mesmo que neste mundo o mais importante era saber viver.

Estes momentos, embora aparentemente insignificantes, constituíam para o Santos, os vértices do articulado que sustentava a existência dos seus dias. E, na verdade, o natal era propício a este tipo de nutrição do amor-próprio. Havia, porém, os seus riscos, aumentados pela ignorância que deles tinha.

Era certo e sabido pelas gentes mais rotineiras naquelas ruas, em torno da Praça da Liberdade, que os pobres já não eram todos pobrezinhos, havendo aqueles que por natureza ou metodologia, não aderiam nem por vinte escudos a um qualquer vínculo de vassalagem. A título de exemplo, refira-se o caso de um pedinte residente numa das esquinas mais cobiçadas dos seus semelhantes de infortúnio, que na Páscoa anterior havia recambiado à procedência a caridade de um escudo, dez tostões dos antigos, a uma distinta senhora da sociedade portuense, razão pela qual a dita jurou, por toda a sua longa e longínqua genealogia, não cair mais em tentação de esmoler por conta própria, sujeito a uma certa imprevisibilidade nos tempos que correm, em que a honradez da pobreza não se conforma com certo espírito abusivo e desregrado

que se insinua na sociedade, parecendo não respeitar nem hierarquias nem convenções.

Há certamente desbrio na imagem que perpassa de Aurélio Santos. O homem atua num palco em que o júízo se apressa a atribuir epítetos. Vaidoso, superficial e até faroleiro, como predicava Dona Aninhas a Leandro, quando este lhe pagava parte da dormida. Se possível fosse espreitar mais atentamente o interior dos seus finais de dia, particularmente os anteriores ao natal, quando a solidude dos solitários se adensa e emerge na atmosfera envolvente com matizes de cinzento, descolorindo, neste caso, o pequeno apartamento em que se acadimava nas longas noites dos teatros vazios, o júízo de alguns refrearia e chegariam a repreender-se da pressa.

Nem todos, claro. Muitos prosseguiriam em sublinhado as suas convicções acerca de Aurélio Santos. Os tempos não são de reflexão e menos ainda de correção. O dia seguinte não permite o retrocesso e muito menos o adveniente. Nem por ser natal.

Santos não ajudava à limpeza da imagem e, deslembado das noites, mal saía à rua acertava as agulhas e seguia o roteiro com rigores de matemático. Nada era deixado ao acaso e ninguém lhe apontaria requebros no cumprimento do seu papel.

Ora, na antevéspera do dia de natal, logo à saída do restaurantezinho em que costumava almoçar, quando acomodava o farto sobretudo com gola de pele ao corpo, derivado ao vento frio proveniente dos lados do rio, assomaram-se-lhe dois homens bem aviados de altura e grossos de dorso, ao que tudo indicava para uma conversa particular. Apanhado de surpresa, pois o caso não era para menos, Santos balanceou e, por momentos, partes de um segundo, pareceu desprender-se da pose e cair sonoramente no chão duro em que normalmente se passeava a assistência. Se foi verdade o descuido, brevíssimamente se emendou; no caso de não passar de mera ilusão, queixemo-nos de uns tantos emboscados, a aguardar uma escorregadela do semelhante e que, no fastio da espera, certificam aquilo que não passou de sugestão ou desejo. O verdadeiro, sancionado pela geral aceitação, foi a sua interrogação demorada e a alta voz:

\_ Que desejam os senhores?

Amochou mas a preceito, sem se deixar descair, quando os homens entreabriram suas carteiras, retiradas com experiência da algibeira, confrontando-o com uma dolorosa realidade: a polícia secreta.

Constituía prova de fogo. Reinventamo-nos no palco do mundo, aberto este ao ser que nele dispomos. E depois, como escrevia o nosso irmão Espinosa, é perseverar. O que não estava de feição para Aurélio Santos. Nem o ambiente de postal de natal nas ruas da baixa lograva disfarçar a crueza da cena. Pressentiu que algo de irreversível se jogava nos lances seguintes. A conversação não demorou mais do que dez minutos. Nesse tempo, Aurélio empoleirava-se quase em bicos dos pés, dando ares de banais conversações. Difícil jogada e gorada tentativa, porque o gentio não alinhava por via do assunto meter PIDE, embora conviessem que nada na presunçosa personagem se inclinava para as políticas. Só que havia a força de um facto grave, esparramado diante de quem queria ver. O caso até podia jogar a favor, mas requeria condições peculiares e tratamento sequente em conformidade. Na eventualidade do assunto advir inócuo, o que veio a constituir o certo, o homem lucraria em consistência. Levado a sério, doravante os seus atos adquiriam autoridade. O pavão recebia foros de águia. E, curioso destino, ao mirar em volta não encontrava aprovação mas receio. Podem os apressurados detratores de carácter, opinar que o incidente capitalizara para os lados de Aurélio Santos. Outros, mais astutos, como o Leandro, por exemplo, achegaram-se à percepção do imbróglio. Trejeitavam de lábios e torciam o nariz à voz daqueles. O homem não era desses.

Rapidamente: o breve interrogatório de esquina devera-se a um comentário não político sobre um tema marcadamente político. Os panfletos do regime abundavam pelas mesas dos cafés: Angola é nossa. Anos antes, nos finais dos anos cinquenta, Aurélio quisera trabalhar em Angola mas o ministério do ultramar não deferiu o requerimento. Despeitado, congeminou e formou opinião. O mal foi expressá-la a alta voz em pleno café, a cujas mesas os papéis repousavam, quando do tempo de defender a integridade da pátria: “Nossa?” O que se passou em seguida toda a gente sabe. O assunto enveredou pelos canais próprios até aos gabinetes dos inspetores. Em seguida, dois agentes confirmaram o que previamente já desconfiavam. O

homem não constituía perigo algum. Foi avisado para não repetir o comentário e houve ainda o benefício da explicação: o Estado sabe o que faz!

Seja como for, e apesar de não ter dado voz de desistência, mantendo-se em cena, como já se referiu, a mancha do esquisso, com a PIDE a absorver para si as atenções, não pode ser apagada. Na vez da dubitável aprovação do público, sobreveio o indubitável temor. O cristal da representação não consente pés de elefante. Doravante, Aurélio não encontrou eco conforme ao desempenho. Os olhares, pretensamente indiferentes, receosos ou esquivos, caíam-lhe ao lado. Na manhã da véspera de natal, na fila do bolo-rei, deu sem querer com o próprio reflexo no espelho do balcão da confeitaria, onde aguardava vez. Este devolveu-lhe um olhar medroso, igual aos que vislumbrara de manhã nas pessoas que habitualmente saudava. Confundido como estivesse perdido, abandonou a fila e apressou-se na direção de casa. Ao notar o seu rosto afogueado, Leandro interrompeu, logo no início, o gesto largo de lhe estender o braço de mão aberta. Aurélio nem reparou. Continuou até à porta do prédio onde vivia. Subidos dois andares, entrou no pequeno apartamento. De persianas descidas, encontrava-se na penumbra e agradeceu por isso. Sentou-se na poltrona e aí permaneceu. Com o aproximar da noite, era possível ouvir as vozes das famílias que se visitavam. Sons domésticos a que nunca dera grande atenção. E foi então que sentiu que algo o asfixiava, uma força invisível e insuportável por todo o seu corpo, proveniente de todas as direções, parecia emparedá-lo vivo. Quis soltar um grito que morreu na garganta. Não movia um dedo sequer. Nestes paroxismos esvaiu-se o medo nos interstícios da perplexidade. Esta, em si mesma, mostra-se completamente improfícua. É precisamente nestes estados de espírito de absoluta desinência que o milagre pousa a sua mão reconfortante. O Natal entrou na casa de Santos. A atmosfera adquiria uma consistência familiar, desprovida da hostil indiferença habitual. Aos primeiros minutos do dia de Natal, sentia-se feliz. Renascia um homem novo.

**Miguel Porto (pseudónimo)**

## UM NATAL ATORDOADOR

Por: Muxima

Como sempre fazia a cada Natal, Tonito, petiz de nove aninhos, órfão de pai desde os dois, acordou com as galinhas<sup>1</sup>. E o responsável por madrugar era, uma e outra vez, o Pai Natal...

– Será que ele veio? – perguntou, sentado na enxerga<sup>2</sup>, aos botões do seu pijama de flanela. E, acto contínuo, tirou da cabeça o gorro de dormir, em sinal de respeito pelo ser evocado...

Na véspera desse Natal de 1962, pusera junto à lareira o único par de socos<sup>3</sup> que tinha...

A amarga lembrança da vaziez do “sapatinho”, nos dois natais anteriores, aferroava-lhe a memória e o coração.

– Pai Natal, dizem que às três é de vez... Vai ser... ou não? Se não for... – disse, como se orasse em surdina, olhos na clarabóia do telhado; calou-se sem completar a fala, por ver uma estrela estranhamente cintilante...

Animado pela visão, livrou-se dos cobertores, levantou-se e rumou à lareira. Fê-lo pé ante pé, para não acordar a mãe, D. Amália, na cama ao lado. Devido ao estado do soalho, um passo em falso poderia despertá-la...

Descido o degrau da porta do quarto, o frio chão de cimento da cozinha gelou-lhe os pés, apenas defendidos pelas meias de lã com que dormira. No entanto, nada sentiu: diante dos seus olhos incrédulos, no seu soco direito, observa-o um tordo, de bela e luzidia plumagem tricolor.

– Tadinho! – condoeu-se, estacando para não o assustar. – Com o nevão de ontem, está muito frio lá fora, não é, Piu-piu? Vou já acender o lume, pra ficares quentinho... ou será quentinha? – tagarelou, esquecido do Pai Natal.

– Quentinha! – respondeu a ave, indo empoleirar-se numa cadeira.



– O quê!? Tu falas?! – admira-se o menino, literalmente meio atordado...

– Não tenhas medo! Sou a fada Philomela, e o Pai Natal enviou-me para realizar três desejos teus, por seres um menino bonzinho e amigo das avezinhas...

De facto, desde que, há meses, lera o poema “Sei um Ninho”, de Miguel Torga, Tonito tornara-se um acérrimo defensor dos “irmãos passarinhos”. Nesse mesmo mês, nos olivais por onde passara, desactivara um bom número de armadilhas para tordos. E fizera o mesmo com várias pescoceras, dois ou três meses antes...

la formular os desejos, quando ouviu a voz da mãe dizer-lhe:

– Acorda, Toninho! Tens de te preparar para ir à missa... E olha: parece que o Pai Natal veio!

Tinha vindo, sim, e trazido as botas que lhe pedira.

– Viva!!! – exclamou e abraçou a mãe, terna e fortemente.

Depois da missa, à porta da igreja, a família do Ti Sousa, agricultor falecido recentemente, distribuiu pão e moedas de 20 escudos às crianças pobres da aldeia, Toninho incluído; ao ir desejar feliz Natal aos padrinhos, Ti Silva e D. Amparo, donos de um sótão<sup>4</sup>, deram-lhe tecido para calças e camisa – como se fosse Domingo de Ramos, e lhes tivesse levado um ramo de oliveira enfeitado com flores.

Graças aos três e ao Nelo, seu mano mais velho, emigrante, que enviara dinheiro à mãe, Tonito continuava a acreditar no Pai Natal...

<sup>1</sup> = muito cedo

<sup>2</sup> = |ê| cama humilde

<sup>3</sup> = |só| calçado rústico

<sup>3</sup> = loja (misto de taberna, mercearia e boutique)

## Os cheiros de Natal

Chegou dezembro, mês do Natal. Eu e a minha mãe desempacotamos o enorme pinheiro de Natal, e tiramos da caixa todos os enfeites da árvore, assim como o presépio de barro. Ficou tão linda a nossa árvore de Natal! As luzes piscam, brilham e até já há alguns presentes debaixo da árvore. Tiramos as fotografias da praxe. Estou tão feliz! Mas...eu sinto que a minha mãe não está bem.

- O que tens mãe? – pergunto, não sabendo se a resposta virá por causa do trabalho, do cansaço, da desilusão de algo que não foi correspondido.

- Porque perguntas, meu amor? Está tudo bem. – respondeu ela, com o seu amor estampado no rosto, sempre presente quando olha para mim.

- Estás triste? – tento saber – Não gostas da nossa árvore?

- Adoro a nossa árvore, mas não tem cheiro! – murmurou a minha mãe.

- Cheiro? – exclamo, com certa vontade de rir – mas as árvores de plástico não têm cheiro!

- Sabes, meu amor, vou contar-te como era a preparação para o Natal, quando eu tinha a tua idade.

Canela, limão, mel...ingredientes que me levam às memórias do Natal. Tempos idos, recordações dos cheiros de Natal que acordam na minha memória.

A cozinha era velha: uma lareira num canto, que deixava as paredes pretas; uma banca de pedra, sem água canalizada, com o cântaro ao lado; prateleiras com tachos, panelas e cafeteiras, rameadas com loureiro e cidreira seca; as mesmas prateleiras decoradas com recortes de folhas de papel de embrulho, que habilmente, foram cortadas, serpenteadas, com as tesouras antigas, já enferrujadas, mas sempre com o fio fino e corte certo; o cacete duro, muito duro, que a faca desdentada conseguia cortar em fatias para as rabanadas; o cheiro a resina, largado pelas pinhas, que estavam junto à lareira, para abrirem com o calor e largarem os pinhões, que iam ser usados para os formigos e, pelo serão dentro, seriam os trunfos do jogo do rapa; o pote, preto, que continha a água a ferver; a porta que tinha de ficar entreaberta, pois a chaminé não existia,

mas sim umas telhas, estrategicamente erguidas, para deixar o fumo sair, que precisava de ajuda para subir, daí a porta nunca estar fechada.

O cheiro do pinheiro. Que aventura era todos os anos. Toda a tarde na bouça, à procura do pinheiro mais bonito e majestoso. Ao longe, tínhamos a certeza que era o certo mas quando lá chegávamos, não servia: era desengonçado, pequeno e ...não era aquele. Mas acabávamos por encontrar o certo. A machada, habilmente utilizada pelo irmão mais velho, cortava o achado. Lá trazíamos o pinheiro, com receio que o dono nos apanhasse. Era um troféu.

As decorações de Natal eram as mesmas de há muitos anos: bolas, fitas muito coloridas e uma estrela de Natal que algum de nós tinha trazido da escola, feita com papel de lustro. Que pena não haver fotografias...mas, se calhar, ainda bem, pois a imagem fica na máquina fotográfica da memória. Que bem que cheirava o pinheiro! E o musgo? Conhecês o cheiro do musgo? O balde vinha sempre com mais musgo do que o necessário. A cabana do Menino Jesus era sempre construída com canhotas. Que trabalhadeira era encontrar as mais apropriadas! Os caminhos, por onde passavam os Reis Magos, era de serrim. A neve era a farinha. Mas não podíamos gastar muita, pois ia fazer falta na cozinha.

Quando chegava a hora de fazer a doçaria, calhava-nos sempre a tarefa mais ingrata: debulhar o pão. Tão fininho que tinha de ficar. Quando a avó vinha inspecionar a labuta, entre risos dizia: “Mais fininho! Com estes pedaços, ainda alguém se engasga”.

Tínhamos direito a outra tarefa: enfeitar com canela os formigos e a aletria. Claro que a da avó era a mais magnífica e a primeira a ir para a mesa de Natal.

A minha mãe calou-se. Eu fiquei em silêncio, pois senti que ela continuava na cozinha da minha bisavó, a relembrar os cheiros de Natal.

Passado um tempo infinito, em que eu viajei mentalmente para o meu jogo inacabado, a minha mãe continuou:

- Sabes Ana, o amor manifesta-se de muitas formas, e os cheiros de Natal são especiais. Os cheiros de Natal acordam o amor, a vida de quem já cá não está. Sei que hoje não consigo transmitir esses cheiros. Não há tempo...trabalha-se

até tarde no dia de consoada, quem faz a doçaria é a avó, e nós não estamos lá para ajudar. O pinheiro não tem cheiro. Vocês miúdos estão sempre ocupados com as vossas batalhas, jogos e mensagens. Que cheiros deixamos para as memórias futuras?

Não sei o que responder. Sei que estou a construir memórias do meu Natal. Há outros cheiros, há afeto, há as bolachas em forma de estrela e pinheiros, que ambas fazemos. Há o ajudar a embrulhar os presentes, a guardar segredo sobre o amigo secreto.

- Mãe – digo eu – eu tenho muitas razões para construir as minhas memórias de Natal! Tu és a mais importante, fazes parte delas todas!

A minha mãe olha para mim surpreendida. Abraça-me com carinho e diz pela milésima vez do dia: Amo-te Ana!

Sabem que a cozinha velha ainda existe?! Já não tem cheiros de Natal. Um dia a nossa cozinha irá ser velha, estando na minha memória os meus cheiros de Natal!

Feliz Natal para todos!

Pseudónimo: *Queen Bi*

## “Um conto de Natal BLCS”

## “Estrelas”

Abre e fecha-se a porta de um carro. Eu ajeito-me no banco traseiro o melhor que posso, sabendo que a pequena viagem iria ser mais uma prova de resistência física para mim, lutando contra os habituais enjoos que sofria sempre que andava na viatura. Digna de orgulho para a família, o *Toyota Celica* de corrida sempre fora, para mim, um objeto de sofrimento, quando nele tinha que viajar. Magnífico e tortuoso!

Mas, desta vez, valeria o esforço! Sento-me no meio dos bancos traseiros para melhor ver a estrada, que é cortada velozmente fazendo com que as imagens das árvores e casas nas margens passem estonteantemente depressa pelos meus lados, arrepiando-me. Olho para todos à minha volta, todos espelham serenidade e despreocupação. Já eu começo a sentir os primeiros suores frios do enjoo, mas combato-os estoicamente durante todo o alongado percurso. Desta vez, vale a pena.... Vai valer mesmo a pena!

Dois dias antes, chegara a notícia: - Ricardo, Isabel, meninos! Este ano vamos passar o Natal à casa do tio Jaime, do padrinho! – Dissera-nos a mamã, entusiasmada e festiva! Depois das manifestações sonoras da nossa parte, de palmas e abraços, acalmou-nos e, sentando-nos no sofá, pôs-se muito direita e falou: - Como sabem, os vossos padrinhos viveram muitos anos em Angola, pois o padrinho era Major no Exército, e estão cá a viver na Póvoa de Varzim há poucos anos. Por causa disso, a madrinha Miclá separou-se do seu irmão, que ficou aqui na metrópole e eles no ultramar. Só que este Natal, eles vão reencontrar-se, voltarão a ver-se ao fim de vinte anos... E nós somos seus convidados! Vai ser uma grande festa, que eu e o vosso padrinho estamos a preparar há meses, em segredo! Com dificuldade, decidi respeitar escrupulosamente o “segredo”, já que o meu rosto resplandeceu de alegria ao saber da notícia.

A casa do tio Jaime ficava na praça Luís de Camões, num bloco de apartamentos. De todas as casas dos meus tios e avós, esta é a que me recordo melhor, mesmo ao pormenor. Fascinava-me tudo o que continha e lá se passava é digno de ser contado. Quando lá íamos, usávamos uma caixa mágica, repleta de botões eletrónicos e vanguardistas, para chegarmos ao seu piso. Este era o princípio de todas as visitas aos padrinhos.

Chego um pouco atordoado. O meu corpo pode estar a sofrer, mas o meu espírito não podia estar mais feliz! Este natal vai ser um espetáculo, com segredos e tudo – pensei eu. E um friozinho de pura ansiedade arrepiava-me os pêlos. A porta abre-se e os padrinhos recebem-nos calorosamente: - Entrem, entrem! Como estão crescidos – exclamaram em direção a mim e à minha irmã.

Assim começava a epopeia na casa na casa do meu tio. Desde pequeninhos que ele mantinha, atrás da porta do quarto da minha prima Belucha, um registo do nosso crescimento marcado no papel de parede. Encostava-nos muito direitos contra a parede e, pousando um livro

nas nossas cabeças, riscava uma linha por baixo deste. Feito o traço, escrevia o nosso nome ao lado e a data desse registo. Ei, que grande que eu estou – pensava, comparando as minhas marcações, embora as da minha irmã fossem maiores – estou a ficar grande, grande! E este era o primeiro grande momento da noite. - Fiquem à vontade! – E dirigiu-se com o meu pai para a sala, enquanto a minha mãe seguia connosco para a cozinha, à procura da minha tia Miclá. Estavam lá os seus filhos, casais vizinhos do meu tio e respetiva filharada, que faziam questão de lá passarem a consoada, tal era a festa.

Eu começava as descobertas da noite. Primeiro, e já que estava ali na cozinha, entrava na despensa e brincava com as dezenas de *tupperwares* da minha tia. Estes utensílios eram um resquício da sua vivência em Angola, onde as americanizadas reuniões de vendas porta a porta de caixas herméticas faziam as delícias das mulheres dos oficiais lá posicionados. E eu logo me imaginava num grande solar em Angola, no meio delas, a ver um pôr-do-sol magnífico que se espalhava janelas adentro, dando à cena o calor feminino tão próprio daqueles momentos. De repente, voltava a estar na despensa a olhar a azáfama na cozinha. As horas divertidíssimas que eu brinquei “às casinhas” com a minha irmã e primas, noutras visitas, usando aquela “loiça”. Tudo me vinha à memória só de olhá-las.

Esgueirando-me pelo corredor, dava de frente com a casa de banho “vermelha”. Não sei porquê, mas o meu tio tinha as casas de banho mais fantásticas que conhecia. A do corredor que ligava o *hall* à cozinha tinha um globo de vidro no teto, donde saía luz vermelha. Quando lá entrava, era como estar noutro mundo. Tudo era diferente àquela luz do planeta Marte, lá em cima. Dava por mim a inventar crateras nas loiças à minha volta e a tentar flutuar, saltando do tampo da sanita para o chão, a ver se conseguia. Por vezes, sentia que sim! A do corredor dos quartos era verde, tão verde como uma floresta amazónica. Estar lá dentro era estar debaixo das copas das árvores iluminadas dos trópicos. Os objetos pareciam-me pássaros, ramos, poços de água... e a cortina do chuveiro era uma cascata! Havia no corredor outra, ainda maior. Nessa a luz era normal, branca, mas tinha um espelho de parede a parede, do chão ao teto, onde eu brincava comigo de corpo inteiro, como se a minha sombra passasse de negra a ser exatamente eu. E o *trompe-d’oeil* criado fazia-a gigantesca, onde eu mais eu éramos o centro do espaço. Depois, sozinho no *hall*, olhando maravilhado para o sofá com o assento em palhinha, coberto de almofadas de cetim e brocados, virava-me agora para os objetos africanos que os meus tios tinham lá exibidos: Tambores cobertos de pele, girafas em pau-preto, bustos de negras com os seios a descoberto, lanças, flechas, catanas rombas com cabos elaborados em forma de animais – tudo, mesmo tudo, era uma visita ao continente africano. Eu batia nos tambores baixinho para não perturbar, viajando até África nesse momento, sentindo-me rodeado de núbios tão negros que brilhavam azul e me mostravam dentes brancos como a neve, nos sorrisos que trocávamos

ao batermos juntos os tambores, ao lutarmos com as catanas e caçando os estranhos animais da savana.

Um ruído de gargalhadas abafado trazem-me de volta ao apartamento-maravilha. Eu espreito curioso pela frincha da porta que dava para a sala. No meio da sala está a mesa enorme já pronta para o festim, com os talheres bem polidos e os copos de cristal a cintilar à luz das velas dos muitos candelabros espalhados pela divisão. Encosto a porta e continuo as descobertas no mundo desta casa. Por último, antes de me juntar à gente grande para a ceia, fui ao armário onde estava o que não devia mexer! Lá dentro estavam os equipamentos de mergulho e caça submarina do meu tio e do seu genro. – Cuidado, Ricardo, não deves mexer aqui, pois estas coisas são muito pesadas e podes magoar-te! Eu abria as portas e contemplava todo o material. Logo mergulhava no mar, ao lado de baleias e golfinhos, tentando ouvir o canto das sereias que levavam os homens à loucura e expirando colunas de bolhas de ar que seguiam apressadas para a superfície. Centenas de peixes passavam por mim em cardumes colossais e eu via aquilo tudo respirando debaixo da água. Entretanto, tocam à campainha. Fecho rapidamente o armário e corro para a porta. A minha mãe vem abri-la ainda a limpar as mãos a uma pequena toalha. Quando a abre, sorri de felicidade e abraça o homem que está lá fora. Ao virar-se vê-me e, com o dedo indicador espetado tocando os lábios, sopra mais uma vez exigindo uma silêncio imponente.

Chegara o convidado de honra, e as “tropas” ali presentes ocuparam os seus predeterminados lugares num ápice, a um gesto do meu tio. O mais importante é manter a minha tia tão ocupada que nem se aperceba da entrada do “segredo”. O irmão dela ocupa um lugar central na sala, com a malta toda atrás dele, virados para a porta da sala para a cozinha. Nós, eu e a minha irmã, ficamos junto aos meus pais, muito direitinhos como nos ensaios. – A vossa madrinha vai adorar! E não se metam no caminho, para não atrapalhar. – Então, o meu tio chama: - Miclázinha! Chegas aqui, por favor? – E a minha tia sai da cozinha para a sala e pergunta: - O que é que que é?... - e não termina a frase. Fita o irmão, confusa, extasiada e quase desfalece, tal foi o choque. Ele corre a segurá-la, num abraço tão forte e longo, como emotivo e lágrimas de alegria chegam aos olhos de todos que gritam em uníssono: - Surpresa! Rios correm pelas faces dos dois irmãos neste reencontro.

Este foi o momento alto da noite, sem dúvida. Pelo menos para os adultos, eu esperava os presentes. A julgar pelo tamanho da pilha deles na sala, iam ser muitos!

Mas outro momento especial, talvez o mais singelo mas laborioso, seguir-se-ia logo de seguida – o acender da árvore de Natal. Como em aos anteriores, o iluminar a árvore de Natal era uma tarefa a que o meu tio dedicava todo o mês de dezembro a concretizar. Começava num pinhal distante, propriedade de um colega de armas do meu tio, onde ele ia escolher o pinheiro manso mais bonito, grande e cheio que conseguisse encontrar para colocar na sua sala. Depois

de transportado, punha-o no canto, com a porta de vidro para a varanda por trás dele. Assim, a luz do dia iluminava-o naturalmente e fazia reluzir as muitas bolas de natal, todas muito brilhantes e prateadas. Em seguida, colocava-lhe as gambiarras que, de ano para ano, aumentavam em número. Somavam este ano para cima de três mil lamparinas! Por isso levava todo o mês de dezembro a concretizar a tarefa, e fazia-o de forma exímia, não fosse ele um militar de alta patente, exigente em tudo o que fazia. A árvore de Natal era um dos motivos porque toda a vizinhança passava todos os anos, obrigatoriamente, pela sua casa – todos queriam ver a árvore do nosso Major! Não era obra de pequena monta. Falamos de milhares de pequenas lâmpadas, que tinham todas um lugar especial na árvore do meu tio, que as punha e dispunha de forma perfeita. Tinham a particularidade de serem todas branco-amareladas. O imponente pinheiro era logo notado quando se entrava na sala, tão grande e robusto quanto o dono, brilhando as suas imensas bolas. Contudo, só era iluminado na véspera de natal, na noite da consoada. Era uma tradição que ele próprio inventara e estabelecera. Todos adoravam o momento. Seguia-se o repasto, à meia-noite abriam-se os presentes e a noite terminava como sempre, com fados cantados pela minha mãe, acompanhada à viola pelo meu tio e pelo seu vizinho, grande guitarrista.

Chegado então o momento, e estando a minha tia ainda chorosa de alegria, o meu tio anunciou: - Vai-se acender a árvore! Desligadas todas as luzes artificiais, a sala mergulhou numa penumbra aquecida pelas suaves chamas das velas bruxuleantes. Após uma pausa que me pareceu eterna, e com todos os olhos postos nela, fez-se luz! Não uma luz qualquer, não um pinheiro normal, mas sim uma explosão de chamas que inundou a sala e ofuscou qualquer rival.

Milhares, milhares de luzes brilhavam tímidas, para logo se tornarem monumentais, brilhando pela esperança de mais uma feliz consoada. Perante uma plateia espantada, a árvore era maior que a vida. A Árvore de Natal! Viva! A todos um santo dia.

Sento-me à mesa como se a mesa fosse o mundo inteiro, e principio a escrever como se escrever fosse respirar – Feliz Natal – escrevo, com letra tremida, num pequeno postal que presenteio ao meu tio. – Para ti também! – E afaga-me a cabeça, alisando-me os cabelos.

Trocaram-se presentes, abraços e beijos. Saudaram-se familiares e amigos e, pela madrugada, exausto, adormeço num mar de brinquedos, olhando a árvore de Natal em brasas, aconchegado no colo da minha mãe. Foi um Natal maravilhoso.

Hoje, véspera de Natal, passados tantos anos depois dessa magnífica festa, recordo-a com carinho e como um dos momentos mais felizes da minha infância. Tio, que estás no teu etéreo assento, sabe isto: Todas as vésperas de Natal, quando vou à varanda contemplar o límpido e frio céu de dezembro, vislumbro todas aquelas luzes no firmamento, e sei que as acendeste só para mim, para aquecer um mundo tão grande envolvido nas memórias de um pequenino.

Ricardo Cruz